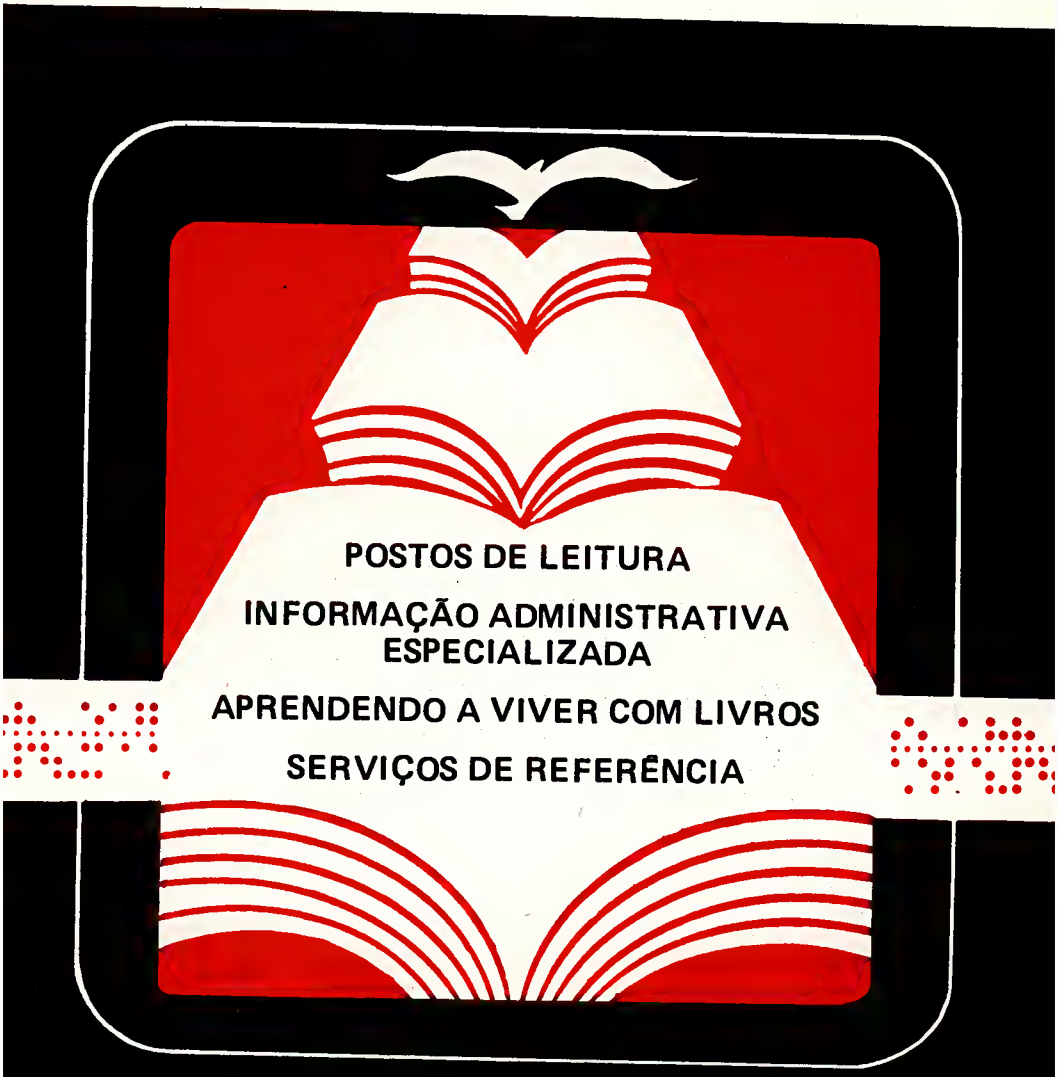
REVISTA BRASILEIRA DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

VOLUME 17 NÚMERO 3/4
JULHO/DEZEMBRO
1984



13º CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
JULHO 1985 – VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO

Digitalizado gentilmente por:

Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários
FEBAB
Diretoria 1984/1986
May Brooking Negrão
Presidente
Carminda Nogueira de Castro Ferreira
Vice-Presidente
Maria Angélica Carneiro Martorano
Secretária Geral
Helena Gomes de Oliveira
Primeira Secretária
Humberto Sampaio Lima
Segundo Secretário
Pedro Luiz Martinelli
Primeiro Tesoureiro
Maria Arlete Pivani
Segunda Tesoureira
Anibal Rodrigues Coelho
Observador Legislativo
Maria de Fátima de C. F. Zanin de Freitas
Editora
Maria de Lourdes Cortez Romanelli
Assessora de Valoriz. e Divulg. Profissional

Associações filiadas:

Associação Paulista de Bibliotecários
Associação Profissional dos Bibliotecários de Pernambuco
Associação Profissional de Bibliotecários do Rio de Janeiro
Associação Riograndense de Bibliotecários
Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia
Associação dos Bibliotecários Municipais de São Paulo
Associação de Bibliotecários de Minas Gerais
Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal
Associação dos Bibliotecários do Ceará
Associação Campineira de Bibliotecários
Associação dos Bibliotecários São Carlenses
Associação Paranaense de Bibliotecários
Associação Bibliotecária do Paraná
Associação Profissional de Bibliotecários do Amazonas
Associação Profissional de Bibliotecários do Estado do Maranhão
Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba
Associação Catarinense de Bibliotecários
Associação dos Bibliotecários do Rio Grande do Norte
Associação Profissional de Bibliotecários do Mato Grosso do Sul
Associação Profissional dos Bibliotecários do Espírito Santo
Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí
Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia
Associação de Bibliotecários do Estado de Mato Grosso
Associação dos Bibliotecários de Rondônia
Associação Profissional dos Bibliotecários de Goiás
Associação Profissional dos Bibliotecários de Sergipe
Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo

Revista Brasileira de
BIBLIOTECONOMIA
E DOCUMENTAÇÃO

Órgão oficial da
Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários

Editora:
Maria de Fátima de C. F. Zanin de Freitas

Redatora:
Carminda Nogueira de Castro Ferreira

Secretários:
Pedro Luiz Martinelli
Maria Angélica Carneiro Martorano

Jornalista responsável:
Paulo Arruda Corrêa da Silva

Tradutora:
Ana Maria Martinelli

Conselho Editorial:
Dra. Neusa Dias de Macedo
Terezine Arantes Ferraz
Carminda Nogueira de Castro Ferreira

Em convênio com o
Instituto Nacional do Livro/MEC
Publicação: 4 nºs em 2
Números avulso: Cr$ 5.000,00 (sede da FEBAB)
Assinatura até 1984 (2 fascículos: Cr$ 8.000,00)
Pagamentos em cheque visado pagável em São Paulo ou ordem de pagamento em nome da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, ou ao Banco do Brasil S/A.
Agência 9 de Julho, conta nº 70.599-3.
Estrangeiro: US$ 30 dólares.

Digitalizado gentilmente por:

REVISTA BRASILEIRA DE
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

SUMÁRIO

Editorial

Artigos

7 SARTI, Rosa Maria, GUIRALDELI, Imalda, VICENTINI, Luiz Atilio
PIMPLE – Projetos de implantação de pontos de leitura

24 MAROUN, Maria Celia dos S. Bou, NEVES, Maria de Lourdes T. Pacheco
Entradas para nomes geográficos

30 FERREIRA, Glória Isabel Satamini, OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de
Sistema de informação administrativa em bibliotecas especializadas

43 BADKE, Todêska
Meninos de Laranjeiras: aprendendo a viver com livros

61 MACEDO, Neusa Dias de
Em busca de diretrizes para o serviço de referência e informação para bibliotecas brasileiras

71 IMPERATRIZ, Inês M. M., MACEDO, Neusa Dias de (trad.)
Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação (tradução)

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo
Volume 17, números 3/4, páginas 1-116
julho/dezembro 1984
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

80	Legislação
85	Cursos e eventos
88	Noticiário
101	Entrevista
109	Depoimento
111	Resenha
113	Guia aos colaboradores

Toda a correspondência para a RBBD deve ser dirigida à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

Rua Avanhandava, 40, cj. 110
01306 - São Paulo - SP
Fone: (011) 257-9979

Digitalizado gentilmente por:

REVISTA BRASILEIRA DE

BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

CONTENTS

Editorial

Articles

7 SARTI, Rosa Maria, GUIRALDELI, Imalda, VICENTINI, Luiz Atilio
Setting up service points

24 MAROUN, Maria Celia dos S. Bou, NEVES, Maria de Lourdes T. Pacheco
Entries for geographical names

30 FERREIRA, Glória Isabel Satamini, OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de
Administrative information system for special libraries

43 BADKE, Todêska
The boys from Laranjeiras: learning to live with books

61 MACEDO, Neusa Dias de
In search of guidelines for reference and information service in brazilian libraries

71 IMPETARIZ, Inês M. M., MACEDO, Neusa Dias de (trad.)
Guidelines for the establishment of reference and information services (Translation)

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo
Volume 17, numbres 3/4, pages 1-116
jul./dec. 1984
ISSN 0100-0691

Digitalizado gentilmente por:

80	Legislation
85	Courses and events
88	News
101	Interview
109	Personal report
111	Review
113	Guide to the collaborators

Quarterly publication
Single number - US$ 30.00
abroad (1982) - US$ 15.00
Orders should be placed to

"Federação Brasileira de
Associações de Bibliotecários",
Address - rua Avanhandava, 40, cj. 110
CEP 01306 - São Paulo - SP - Brazil

Digitalizado gentilmente por:

EDITORIAL

Atualização e exercício da criatividade em Biblioteconomia poderiam ser palavras-chave para indexar este número da RBBD. Os artigos técnicos e de cunho social alternam-se e equilibram-se em méritos. Nomes consagrados e nomes novos também se alternam na apresentação de trabalhos e este fato merece destaque, pois a RBBD está dando oportunidade às colegas mais jovens, descobrindo valores novos entre os profissionais.

Para a formação de uma consciência profissional atuante, enfatizamos a leitura atenta da "Entrevista". Terezine Arantes Ferraz é uma voz que chama os bibliotecários à realidade (e responsabilidade) de uma função nobilíssima que nem sempre estamos habilitados a assumir, uma voz que de forma suave, mas incisiva, nos incita à luta por um lugar ao sol sempre que corremos o risco da tentação de nos acomodarmos ou resignarmos.

Não basta possuir um diploma para ser um profissional; é preciso ter algo mais ... E é esse "algo" que perpassa em todas as respostas de nossa entrevista.

Como uma boa revista técnica e como "memória" da Biblioteconomia, a RBBD não pode limitar-se a ser formativa; por isso incluimos um amplo noticiário sobre eventos, leis etc.

Mais uma vez, precisamos apresentar desculpas pelo involuntário atraso.

C.N. de C.F.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

PIMPLE – PROJETOS DE IMPLANTAÇÃO DE PONTOS DE LEITURA (Bibliotecas públicas e comunitárias)*

Rosa Maria Sarti
Diretora da Divisão de Documentação e Comunicação do Departamento de Bibliotecas Públicas
Imalda Guiraldeli
Chefe da Seção de Planejamento e Pesquisa – Divisão de Documentação e Comunicação
Luiz Atilio Vicentini
Bibliotecário Assistente – Divisão de Documentação e Comunicação

RESUMO

Objetiva apresentar critérios básicos para planificação de espaços e serviços em bibliotecas como resultado de pesquisas e experiências obtidas no processo de instalação de bibliotecas públicas na cidade de São Paulo.

Na implantação de uma biblioteca devem ser observados: levantamento de necessidade com base na população a ser atendida, estabelecimento de prioridades, condições físicas do imóvel, dimensionamento do espaço e acervo, bem como de recursos humanos.

A racionalização do espaço físico para alocar homens, máquinas e equipamentos é essencial para o aproveitamento adequado do espaço disponível, fluxo racional do público e serviços, proporcionando uma otimização nas condições de trabalho e funcionamento.

1 INTRODUÇÃO

A Secretaria Municipal de Cultura participa ativamente na vida da população paulistana, ofertando bens e serviços culturais através da atuação de seus Departamentos de Teatros, Bibliotecas Públicas, Bibliotecas Infanto-Juvenis, Patrimônio Histórico e Centro Cultural de São Paulo.

O Departamento de Bibliotecas Públicas tem por finalidade: organizar, manter, preservar e ampliar o sistema de bibliotecas públicas; prover e satisfazer a necessidade de informação, lazer e cultura da coletividade paulistana; manter o acervo atualizado, independente do suporte material: livros, periódicos, coleções de

* Trabalho apresentado no II Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural, durante a 8ª Bienal Internacional do Livro, São Paulo, 1984.

Digitalizado gentilmente por:

Palavra-chave: *Bibliotecas públicas. Bibliotecas Comunitárias. Pontos de leitura. Padrões.*

audiovisuais, microfilme, etc.; promover cursos, palestras, conferências, exposições, visando a ampliar as opções de cultura, e lazer principalmente das regiões mais carentes.

Compete a esse Departamento o estudo e a implantação de novos pontos de leitura para atender às necessidades da população acima de 15 anos.

2 HISTÓRICO

A partir de 1979 o Departamento estabeleceu um plano de ação visando a atingir as áreas desprovidas de bibliotecas. Contávamos na ocasião com 12 (doze) bibliotecas de bairro, sendo a última unidade criada pelo decreto 8.744, de 7 de abril de 1970, no bairro da Penha.

Conforme padrões internacionais já estabelecidos, a área de influência de uma biblioteca é de 1.5 km. Entretanto, se considerarmos a topografia do município de São Paulo, veremos que o acesso da população é bastante dificultado e, nem sempre, pode-se seguir esse padrão. Partindo-se dessa análise, verificou-se a necessidade de se implantar maior número de unidades com menores dimensões, ao invés da grandes bibliotecas em menor número.

No mapa do município de São Paulo foram assinalados os pontos de leitura existentes: bibliotecas públicas e infanto-juvenis, caixas-estante e carro-biblioteca, verificando-se as regiões onde, em princípio, se fazia necessária a instalação de novos pontos de leitura.

Para estabelecer as prioridades, além

Digitalizado gentilmente por:

do aspecto ausência de bibliotecas em regiões circunvizinhas, deu-se preferência às áreas periféricas e consideradas carentes do ponto de vista sócio-econômico. Considerou-se, também, a falta de equipamentos educativos e culturais na região e as solicitações da comunidade.

Em 1979 encontravam-se em andamento os projetos:

– locação de imóvel no bairro de Pinheiros;
– projeto de construção da Biblioteca de São Miguel Paulista.

A Biblioteca Municipal de Pinheiros foi inaugurada no dia 11 de dezembro de 1979.

No dia 12 de julho de 1980 foi inaugurada a Biblioteca de São Miguel Paulista, em prédio locado, pois o projeto de construção ainda não foi viabilizado. Na mesma data, foi aberto ao público o Centro Cultural Jabaquara constituído de uma área para atendimento ao público adulto, outra para o infanto-juvenil e auditório.

1981 – Marcado pela inauguração de 4 (quatro) novos pontos de leitura: janeiro – Itaquera I, julho – Vila Prudente, Itaquera II e Tucuruvi.

1982 – em janeiro é inaugurada a Biblioteca de Vila Maria

1984 – inauguração em maio da Biblioteca de Itaquera III.

3 LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES

A população do município de São Paulo vem registrando grandes índices de crescimento; hoje contamos com aproximadamente 10 milhões de habitantes. Esse contingente populacional acha-se distribuído de forma heterogênea pelas regiões administrativas do município.

A Biblioteca Pública tem um papel importante na educação contínua e portanto no desenvolvimento físico-mental e social do indivíduo.

O Departamento de Bibliotecas Públicas dentro de suas metas (levar, cada vez mais, o benefício da leitura às diferentes regiões do município) fez um estudo de necessidades de bibliotecas com base na população existente por Administração Regional; a população acima de 15 anos – faixa etária cujo atendimento é de competência desse Departamento. Tomando por base a demanda potencial, calculou-se, conforme padrões internacionais, 1/3 dessa parcela como demanda ideal, atingindo-se então a parcela a ser atendida.

Analisando-se o número de unidades de leitura existentes, sua capacidade de lotação, e conseqüentemente sua capacidade real diária, obteve-se o déficit existente de bibliotecas públicas.

O quadro 2 mostra claramente os dados analisados e a quantidade de equipamentos necessárias por AR (Administrações Regionais) para atender a demanda ideal.

4 ESTABELECIMENTO DE PRIORIDADES

A aparente distorção em relação ao déficit de bibliotecas e a demanda potencial é provocada por diferenças regio-

Digitalizado gentilmente por:

nais, facilidades de transportes coletivos, nível sócio-econômico dos habitantes, equipamentos sociais e urbanos existentes, dispersão de núcleos populacionais.

Como resultado dos estudos realizados, além de vistas aos próprios locais, foram definidas as prioridades a nível I, II e III, conforme quadro 1.

PRIORIDADES

I	II	III
Perus	Butantã	Cidade Ademar
Jaguaré	Jaçanã	Vila Matilde
Casa Verde/B. Limão	Ermelino Matarazzo	
Guaianazes	Socorro/Interlagos	
Campo Limpo		

QUADRO 1

ARs	População por ARs	Demanda Potencial	Demanda ideal = 1/3 da eemanda potencial	Demanda Efetiva	Bibliotecas Existentes	Capacidade de lotação	Capacidade real diária	Média diária Usuários	Déficit bibliotecas
BT	362.000	153.000	84.000	–	–	–	–	–	4
CL	422.000	295.000	98.000	–	–	–	–	–	3
FO	531.000	371.000	124.000	35.982	1	50	150	120	2
IG	527.000	368.000	133.000	43.325	2	57	171	144	3
IP	418.000	292.000	97.000	106.138	2	194	582	354	–
LA	330.000	231.000	77.000	62.615	1	250	750	209	2
ME	597.000	417.000	139.000	45.502	1	60	180	152	3
MG	522.000	365.000	122.000	32.623	2	70	210	109	3
MO	553.000	386.000	129.000	87.974	2	241	723	293	2
PE	720.000	503.000	167.000	118.983	2	342	1.026	397	2
PI	357.000	249.000	83.000	25.538	1	36	108	85	–
PP	354.000	247.000	82.000	21.288	1	80	240	71	1
ST	439.000	307.000	102.000	44.670	1	84	252	149	2
SA	121.000	783.000	261.000	62.070	1	300	900	207	3
SE	592.000	413.000	138.000	473.098	2	426	1.278	1.269	–
VM	738.000	515.000	172.000	25.385	1	22	66	85	2
VP	626.000	437.000	146.000	20.152	1	36	108	67	1
	9.209.000	6.432.000	2.144.000	1.205.343	21	2.248	6.744	3.769	33

QUADRO 2

Digitalizado gentilmente por:

5 CRITÉRIOS DE LOCALIZAÇÃO DO IMÓVEL

1ª etapa

– Levantamento de equipamentos sociais de: educação, saúde, bem estar social, cultura, esportes;
– transportes coletivos;
– comércio e indústria predominantes;
– benfeitorias públicas.

2ª etapa

– Análise do local indicado – sugerido pela comunidade ou escolhido pela equipe do Departamento;
– topografia do local e das áreas circunvizinhas;
– proximidade de escolas (2º Grau, cursos supletivos e profisionalizantes etc.);
– levantamento dos corredorres de circulação do bairro;
– avalista das benfeitorias existentes: iluminação, asfalto, saneamento básico, calçamento;
– proximidade do centro comercial;
– imóvel próprio municipal ou particular.

Terreno: metragem

Prédio: área construída/área útil; instalações elétricas, hidráulicas e conservação do imóvel, estrutura adequada para abrigar uma biblioteca (peso).

3ª etapa

Comercialização do imóvel

a) Terreno

– Encaminhar expediente, por escrito ao Departamento Patrimonial do Município, consultando sobre a disponibilidade da área;
– em caso afirmativo, e sendo confirmada a reserva, é elaborado o projeto de construção.

b) Imóvel para locação

– Caso o imóvel escolhido preencha os requisitos exigidos para a instalação de uma biblioteca, é solicitado ao proprietário a documentação necessária: contrato de locação com todas as especificações, planta aprovada ou croqui, dados sobre o imposto a pagar e todas as demais despesas de responsabilidade do locatário.

6 DIMENSIONAMENTO

O planejamento de edifícios de bibliotecas deve satisfazer os aspectos funcional e estético, tornando-os eficientes na sua operação e atraentes.

Deve-se estabelecer um diálogo entre o arquiteto e o bibliotecário para que o resultado integre totalmente o edifício e o sistema de biblioteca que nele será implementado.

Dentro do processo de planejamento primeiramente, deve-se definir, a filosofia do serviço de biblioteca a ser projetado e, em seguida, levar em conta a três questões básicas:

1) Tamanho e característica da coleção;
2) Capacidade de lugares;
3) Quadro de pessoal e sua categoria.

Baseados na literatura disponível para consulta e em nossa experiência, formulamos esta comunicação para transmitir aos bibliotecários elementos básicos e essenciais para o diálogo Bibliotecário x Arquiteto, no ato de criação de uma biblioteca.

Digitalizado gentilmente por:

Foram dimensionadas áreas, acervo e pessoal para dois tipos de bibliotecas: comunitária e pública, apresentando duas opções para cada tipo (ver quadros 3, 4 e 5).

A elaboração desse dimensionamento foi feita tomando por base medidas padrão que consideram a área ocupada pelo móvel ou equipamento, pela pessoa no exercício de suas atribuições e pela área de circulação mínima. A divergência na área ocupada por leitor prende-se, portanto, à questão do tipo de equipamento utilizado e do material consultado.

Hemeroteca e sala de leitura	2,3 m^2 p/leitor
Mapoteca	3,6 m^2 p/leitor
Jornais e revistas	2,5 m^2 p/leitor
Sala de estudos individual e em grupo	2,3 m^2 p/leitor
Recursos audiovisuais	3,6 m^2 p/leitor
Auditório	0,88 m^2 p/leitor

Digitalizado gentilmente por:

PIMPLE – PROJETOS DE IMPLANTAÇÃO DE PONTOS DE LEITURA

DIMENSIONAMENTO DE ÁREA					
		Biblioteca Comunitária			
		Padrão I (3.000 vol.)		Padrão II (5.000 vol.)	
		Metragem	Especificação	Metragem	Especificação
ADMINISTRATIVA	Chefia e Expediente				
	Almoxarifado				
	Sanitários e Vestiários				
	Material de Limpeza				
	Serviços de Restauração				
	Zeladoria				
	Sala de Reuniões				
	Pessoal	8m²		16m²	
	Copa				
	Total	8m²		16m²	
PÚBLICO	Portaria Balcão Empréstimo	10m²		10m²	
	Exposições/Painéis de Avisos	10m²		20m²	
	Telefone				
	Xerox				
	Catálogos	2m²	1 catálogo	4m²	2 catálogos
	Mapoteca				
	Jornais e Revistas				
	Sala estudo em Grupo			7m²	
	Sala estudo individual				
	Recursos Audiovisuais				
	Atividades Recreativas				
	Balcão de Informações				
	Auditório				
	Bebedouro				
	Sanitários	8m²	4 sanitários	8m²	4 sanitários
	Ambulatório				
	Coleção (Fixa, Circulante, Ref.)	13m²		22m²	
	Assentos para Usuários	50m²	20 assentos	163m²	65 assentos
	Hemeroteca				
	Total	93m²		234m²	
	Área Total	101m²		250m²	

Digitalizado gentilmente por:

		DIMENSIONAMENTO DE ÁREA			
		BIBLIOTECA PÚBLICA			
		Padrão I (25.000 vol.)		Padrão II (50.000 vol.)	
		Metragem	Especificação	Metragem	Especificação
ADMINISTRATIVA	Chefia e Expediente	22m²		33m²	
	Almoxarifado	4m²		8m²	
	Sanitários e Vestiários	20m²	4 sanitários	20m²	4 sanitários
	Material de Limpeza	6m²		14m²	
	Serviços de Restauração	12m²		12m²	
	Zeladoria			40m²	
	Sala de Reuniões			30m²	
	Pessoal	77m²		132m²	
	Copa	10m²		30m²	
	Total	151m²		319m²	
PÚBLICO	Portaria Balcão Empréstimos	10m²		20m²	
	Exposições Painéis de Avisos	24m²		60m²	
	Telefone	2m²	1 telefone	4m²	2 telefones
	Xerox	9m²		9m²	
	Catálogos	8m²	4 catálogos	16m²	8 catálogos
	Hemeroteca	13,8m²	6 leitores	23m²	10 leitores
	Mapoteca	14,4m²	3 leitores	26m²	7 leitores
	Jornais e Revistas	20m²	8 leitores	50m²	8 leitores
	Sala estudo em Grupo	16m²	7 leitores	40m²	17 leitores
	Sala estudo individual			14m²	6 leitores
	Atividades Recreativas	20m²		40m²	
	Balcão de Informações			8m²	
	Auditório	123m²	140 lugares	264m²	300 lugares
	Bebedouro	3,5m²	1 bebedouro	7m²	2 bebedouros
	Sanitários	12m²	6 sanitários	12m²	6 sanitários
	Ambulatório			12m²	
	Coleção (Fixa, Circulante, Ref.)	140m²		263m²	
	Assentos para Usuários	373m²	162 assentos	800m²	348 assentos
	Recursos Audiovisuais	14m²	4 leitores	22m²	6 leitores
	Total	802m²		1690m²	
	Área Total	953m²		2009m²	

Digitalizado gentilmente por:

QUADRO DE PESSOAL				
Tipo / Categoria Funcional	Biblioteca Comunitária		Biblioteca Pública	
	Padrão I	Padrão II	Padrão I	Padrão II
Bibliotecário Chefe	–	–	1	1
Bibliotecários	2	2	3	5
Auxiliar de Biblioteca	–	–	8	12
Escriturários	–	–	2	3
Porteiros	–	–	2	3
Contínuos	–	–	1	2
Serviçais	–	–	2	4
Guardas Noturno	–	–	1	2
Zelador	–	–	–	1
Estagiários de Biblioteconomia	3	3	–	–
Elementos da Comunidade	4	6	–	–
Total	9	11	20	33

Digitalizado gentilmente por:

Bibliotecas Comunitárias

Objetivos:

— atender a uma comunidade específica;
— desenvolver o hábito da leitura;
— conscientizar a população na participação comunitária na preservação de um bem público;
— tornar a biblioteca um fator integrante da comunidade.

Área mínima: 100m^2
ideal 250m^2

Acervo: 3.000/5.000 volumes

Distribuição por tipo de coleção:

Referência	10%
Empréstimo	75%
Col. Estudo e Pesquisa	15%

Bibliotecas Públicas

Ao se construir uma biblioteca pública deve-se levar em consideração alguns aspectos:

Terreno: Características

— plano e em nível com a rua para evitar a construção de rampas com grau de inclinação elevado;
— localizado nas proximidades das zonas comerciais e na corrente principal de tráfego de pedestres;
— zona servida por transportes coletivos;
— seguir o estabelecido pela lei de zoneamento.

Edificação

Área — De acordo com padrões já estabelecidos, a biblioteca pública deve atender 1/3 da população alfabetizada.

Levando-se em consideração a faixa de atendimento do Departamento de Bibliotecas Públicas (acima de 15 anos ou cursando 2º grau), a demanda potencial deve ser 1/3 dessa faixa etária.

$A = V + \frac{(S.Y)}{X} + \frac{C}{Z}$ onde:

A — área mínima para a biblioteca
V — número do acervo
S — assentos necessários
C — circulação prevista de volumes por ano
X — nº de volumes por m^2 de estante
Y — espaço necessário para utilização de cada assento
Z — número de volumes que circulam num ano por m^2

1) Cálculo para 25.000 volumes

$$A = 25.000 + \frac{(163 \cdot 2,3)}{137} + \frac{41.250}{103,5}$$

$V = 0,2 \times 122.000 = 25.000$

$S = \begin{cases} 1 \text{ass.} — 1.000 \text{ hab.} \\ X \text{ ass.} — 122.000 \text{ hab.} = 122 \text{ assentos} \end{cases}$

$\begin{cases} 1 \text{ ass.} — 3.000 \text{ hab.} \\ X \text{ ass.} — 122.000 \text{ hab.} = 40 \text{ assentos} \end{cases}$

$S = 162$ assentos
$C = 41.250$
$A = 182,48 + 372,6 + 398,5 \quad 953,58 \text{ m}^2$

$\boxed{A = 954 \text{ m}^2}$

Digitalizado gentilmente por:

2) Cálculo para 50.000 volumes

$$A = \frac{52.000}{137} + \frac{(348 \times 2,3)}{1} + \frac{85.800}{103,5}$$

$V = 0,2 \times 261.000 = 52.000$

$$S = \begin{cases} 1 \text{ ass.} - 1.000 \text{ hab.} \\ X \text{ ass.} - 261.000 \text{ hab.} = 261 \text{ assentos} \end{cases}$$

$$\begin{cases} 1 \text{ ass.} - 3.000 \text{ hab.} \\ X \text{ ass.} - 261.000 \text{ hab.} = 87 \text{ assentos} \end{cases}$$

$S = 348$ assentos

$$C = \begin{cases} 10.000 \text{ vol.} & 16.500 \text{ consulta} \\ 52.000 \text{ vol.} & X = 85.800 \text{ consulta} \end{cases}$$

$A = 374,56 + 800,4 + 829,98 \quad 2.009 \text{ m}^2$

$\boxed{A = 2.009 \text{ m}^2}$

6.1 ACERVO

O acervo foi distribuido em três áreas, tendo por base a forma de consulta e respectivo tipo de coleções: coleção de referência, coleção de estudo e pesquisa e coleção circulante.

Em termos percentuais, divide-se:

Coleção de Referência	10%
Coleção de estudo e pesquisa	15%
Coleção Circulante	75%

As bibliotecas projetadas têm como característica básica a circulação de seu acervo, tendo em vista qua a população paulistana utiliza a maior parte de seu tempo no trabalho e transporte, restando pouquíssimas horas livres para outras atividades, entre as quais a leitura e essas horas nem sempre coincidem com o horário de abertura das bibliotecas. O ideal seria que as bibliotecas estivessem abertas em tempo integral inclusive sábados e domingos. Entretando, a realidade é que não há pessoal suficiente para atender o público em horário tão dilatado, daí a proposta para que se dê enfase à coleção circulante para que o usuário possa ler onde e no horário que lhe aprouver.

Foram projetadas bibliotecas de pequeno e médio porte, pois nossa proposta é de um maior número de unidades em menores dimensões, para poder cobrir paulatinamente as regiões da cidade de São Paulo desprovidas desse recurso.

O assunto – acervo – não foi detalhado a nível de qualidade e conteúdo, mas sugerimos como leitura adicional o trabalho "Listagem de obras para o acervo básico de bibliotecas públicas", apresentado no 10º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação realizado em Curitiba, em 1979.

6.2 *LAYOUT*

O *layout* deve satisfazer a seis princípios básicos: integração (homens, materiais e equipamento); economia de movimentação; fluxo progressivo; uso do espaço cúbico (superfície de estocagem reduzida quando se utiliza a dimensão vertical); satisfação e segurança (eliminação de ruídos, melhor ventilação, iluminação suficiente, cores apropriadas, dimensões

Digitalizado gentilmente por:

de corredores, rampas adequadas etc.); flexibilidade.

No planejamento do *layout* deve-se seguir algumas etapas básicas: definição dos objetivos, levantamento de dados, análise dos dados levantados, planejamento da solução, exame de solução proposta, implantação e controle dos resultados.

A elaboração de um projeto de *layout* necessita de instrumentos auxiliares para sua execução: planta baixa da área disponível, mostrando a forma e dimensões do espaço existente; gabaritos do mobiliário e equipamento; padrões para as áreas utilizadas.

Para o cálculo de áreas temos a soma de três superfícies:

Superfície Estática — SE — a área que o equipamento ocupa no chão;

Superfície de Utilização — SU — a área necessária (posto de trabalho);

Superfície de Circulação — SC — área para circulação do material e pessoas.

Exemplo:

Área ocupada por uma mesa de trabalho.

Padrão Oficial — 1,25 x 0,70 cm

Su N x Se

N — números de lados utilizados pelo equipamento

Su 1 x 0.88

Su 0,88 cm

Sc K (Se + Su)

Sc 1,5 (0,88 + 0,88)

Sc 2,56 m^2

Opção a) Cálculo da superfície total

St Sc + Su + Se

St 2,56 + 0,88 + 0,88

St 4,41 m^2

Opção b)

St Se (1 + N) . (1 + K)

St 0,88 (1 + 1) . (1 + 1,5)

St 4,41 m^2

A superfície total é 4,41 m^2

7 FORMAS DE CONTROLE / COLETA E REGISTRO DE DADOS

Com a finalidade de se estabelecer uma seqüência lógica, quando da chegada dos pedidos de instalação de pontos de leitura, criou-se um fluxo de controle das fases de levantamento e análise de pedido. Esse fluxo objetiva simplificar, sistematizar e racionalizar o trabalho. (ver Fig. 1).

Os estudos elaborados pelo Departamento de Bibliotecas Públicas para estabelecer as necessidades das bibliotecas, em cada uma das regiões da cidade de São Paulo (Norte, Sul, Leste e Oeste), e os pedidos da comunidade advindos de seus representantes geraram um grande volume de informações exigindo uma sistematização na sua coleta e armazenamento.

As solicitações das comundiades muitas vezes contêm indicações de áreas próprias municipais para construção, ou de imóveis disponíveis para locação. O processo de visita, *in loco*, para levantamento das condições físicas do imóvel e geográficas da região, gerou formulários

Digitalizado gentilmente por:

padronizados e de fácil preenchimento, para simplificar o trabalho e evitar distorções e divergências que normalmente ocorrem quando as anotações são efetuadas em rascunho comum. (ver fig. 2,3).

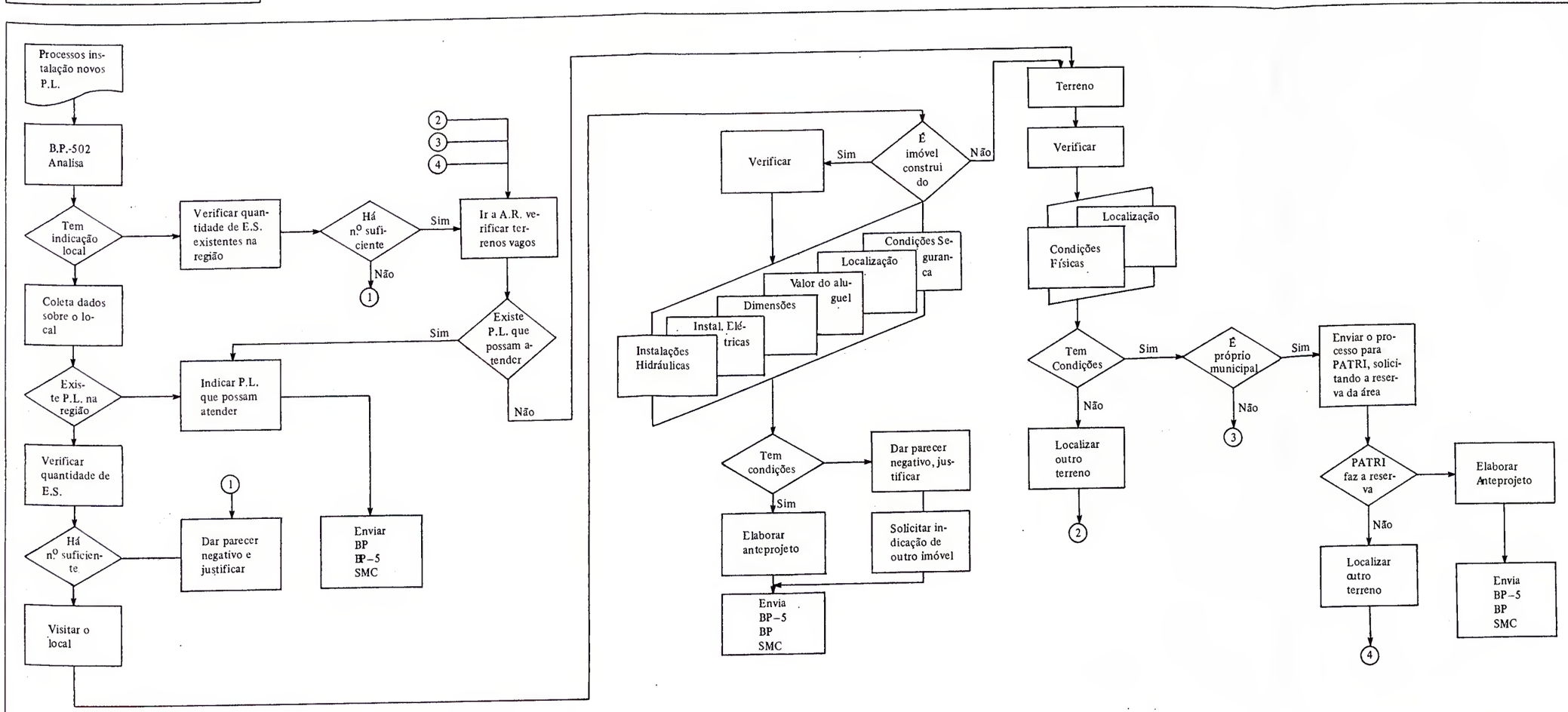
Os documentos utilizados como fonte de consulta e os pedidos da comunidade são numerados e arquivados, sendo recuperados através de um fichamento.

O processo de controle é importantíssimo no ato de acompanhamento e execução de um projeto.

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

NOVOS PONTOS DE LEITURA
FLUXOGRAMA



SÍMBOLOS UTILIZADOS

Operação:
Identifica qualquer processamento que se efetive em um fluxo de trabalho.

Documento:
Serve para identificar o documento que entra no fluxo.

Decisão:
Representa a existência de mais de uma alternativa para a seqüência do fluxo.

Conector de fluxo:
Representa a coneção de fluxos dentro da mesma página

ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS

A.R. – Administração Regional
B.P. – Departamento de Bibliotecas Públicas
E.S. – Equipamentos Sociais
PATRI – Departamento Patrimonial
P.L. – Pontos de Leitura
SMC – Secretaria Municipal de Cultura

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado gentilmente por:

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO
SEÇÃO DE PLANEJAMENTO E PESQUISA

NOVOS PONTOS DE LEITURA (Imóvel construído)

Processo Nº:
Endereço:
Bairro: Data:

1 – TIPO DE IMÓVEL:
- Casa térrea ☐
- Salão Térreo ☐
- Sobrado
- Edifício ☐
  Quantos Pavimentos:
- Outros:

2 – LOCALIZAÇÃO:
- Escolas próximas (2º grau) Sim ☐ Não ☐
- Zona comercial próxima: Sim ☐ Não ☐
- Zona residencial: Sim ☐ Não ☐
- Pontos de onibus próximos: Sim ☐ Não ☐
- Distrito policial próximo: Sim ☐ Não ☐
- Ruas asfaltadas: Sim ☐ Não ☐

3 – CONDIÇÕES FÍSICAS:
- Área total (m^2):
- Área útil (m^2):
- Piso:
- Pintura:
- Janelas:
- Sanitários:
- Instalações elétricas:
- Instalações hidráulicas:

4 – CARACTERÍSTICAS:
- Particular ☐
- Aluguel: Cr$
- Contrato por:
- Reajuste:
- Imposto: Cr$
- Próprio Municipal ☐

CONTATOS

	Nome	Endereço	Telefone

Ass. Visitador:

Digitalizado gentilmente por:

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO E COMUNICAÇÃO
SEÇÃO DE PLANEJAMENTO E PESQUISA

NOVOS PONTOS DE LEITURA (Terrenos)

Processo nº:
Endereço:
Bairro: Data:

1– CONDIÇÕES FÍSICAS:
– Plano ☐ – Acidentado ☐

2– METRAGEM:
– m^2

3– LOCALIZAÇÃO:
– Escolas próximas (2º grau): Sim ☐ Não ☐
– Zona comercial próxima: Sim ☐ Não ☐
– Zona residencial: Sim ☐ Não ☐
– Distrito policial próximo: Sim ☐ Não ☐
– Pontos de onibus próximos: Sim ☐ Não ☐
– Ruas asfaltadas: Sim ☐ Não ☐
– Ruas iluminadas: Sim ☐ Não ☐
– Ruas com calçamento: Sim ☐ Não ☐

4– CARACTERÍSTICAS:
– Particular ☐
– Próprio Municipal ☐

5– OBSERVAÇÕES:

CONTATOS

Data	Nome	Endereço	Telefone

Digitalizado gentilmente por:

8 CONCLUSÃO

A implantação de novos pontos de leitura é uma das formas de democratização da cultura de que tanto se fala ultimamente, pois a biblioteca caracteriza-se por ser um espaço de liberdade onde o usuário exerce sua autonomia vital optando pelos temas de seu interesse, independente de horários e dos currículos escolares, auto-educando-se e aperfeiçoando-se naquilo de que mais gosta.

O Departamento de Bibliotecas Públicas tem feito um esforço gigantesco, considerando-se os poucos recursos existentes para atender às necessidades informacionais da população paulistana. Realizando cursos, exposições, musicais, teatro, cinema, oficina literária, semana da Dona de Casa, do Jovem etc., grande parcela da população passou a interessar-se pelas atividades da biblioteca, hoje plenamente inseridas na comunidade, participantes, ativas e centralizadoras das manifestações culturais da região.

Essa ampliação da área de ativação culminou em inúmeros pedidos de instalação de bibliotecas públicas.

Procuramos então, baseados na literatura sobre o assunto e na experiência de instalação de novos pontos de leitura, apresentar uma contribuição ao trabalho do bibliotecário que eventualmente se encontre diante dessa circunstância. Condensamos informações esparsas e desenvolvemos um instrumental prático, que facilite a atuação do bibliotecário no diálogo profissional com o arquiteto, estabelecendo critérios básicos para a instalação de bibliotecas de pequeno e médio porte.

Esperamos, de alguma forma, ter oferecido subsídios para o estabelecimento de Padrões que se fazem necessários à biblioteca pública brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Antonio. *Organização e métodos: uma perspectiva comportamental*. São Paulo, Atlas, 1983. 327 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. Seção de Bibliotecas Públicas. *Normas para bibliotecas públicas*. São Paulo ; Quiron ; Brasília ; INL, 1976. 49p.

LERNER, Walter. *Organização, sistemas e métodos*. São Paulo ; Atlas, 1981. 290p.

METCALF, K. D. *Planning academic and research library buildings*. New York ; McGraw-Hill, 1966. 431p.

RAMOS, Maria Esther et al. Listagem de obras para o acervo básico de bibliotecas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. 10º ; Curitiba, 1979. Anais. Curitiba ; associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v. 2, p. 864-905.

ROCHA, Luis Osvaldo Leal da. *Organização e métodos: uma abordagem prática*. São Paulo ; Atlas, 1983. 255p.

THOMPSON, G. *Planning and design of library buildings*. London ; Architectural Press, 1973. 183p.

VIEIRA, Augusto Cesar Gadelha. *Manual de layout*. Rio de Janeiro ; Departamento de Assistência à Média e Pequena Indústria, 1981. 60 p.

Digitalizado gentilmente por:

CDU 006:801.311

ENTRADAS PARA NOMES GEOGRÁFICOS*

Maria Celia dos Santos Bou Maroun**
Maria de Lourdes Therezinha Pacheco Neves**

RESUMO

Normas para padronização da apresentação de nomes geográficos para entradas de catálogo de autoridade e assunto. Regras adotadas pela Rede BIBLIOTECA/CALCO da Fundação Getúlio Vargas

Palavra-chave: *Nomes geográficos: normas catalográficas*

ABSTRACT

Geographical names presentation standards for entry in authorities and subjects catalogue. Standards adopted by Getulio Vargas Foundation's BIBLIODATA/CALCO Network.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de recuperar a informação referente a localidades, especialmente as brasileiras, ressentia-se da falta de instruções para sua normalização. Os nomes geográficos brasileiros e estrangeiros não tinham regras básicas que dessem uma forma padronizada de apresentação, quer

* Atualização do trabalho apresentado à Reunião sobre Normalização de Processos Técnicos, patrocinada pela Biblioteca Nacional.

** Bibliotecárias da Divisão de Catalogação e Classificação da Bibliotcca Central da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE da Secretaria de Planejamento da Presidência da República. A primeria é chefe da Divisão, Coordenadora da GBDIPT/RJ e vice-Presidente da Comissão Brasileira de Processamento Técnico. A segunda é chefe substituta da Divisão e membro do GBDICSH/RJ.

Digitalizado gentilmente por:

na entrada dos catálogos de autoridade (instituições com nomes subordinados a uma jurisdição), quer na recuperação dos documentos cujo assunto fosse nome geográfico.

A Biblioteca Central da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, diante da necessidade imediata dessa fonte, solicitou sua elaboração à rede do Sistema BIBLIOTECA/CALCO da Fundação Getúlio Vargas, da qual participa.

Tendo em vista que entre as atribuições do IBGE figura o estudo da Geografia e, mais especificamente, da Divisão Territorial do Brasil[7], ficou a Divisão de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central daquela Fundação encarregada de peparar o estudo. Esse estudo foi mais adiante estendendo a normalização não só aos nomes das jurisdições, mas também aos acidentes geográficos e regiões sócio-econômicas.

Assim, este trabalho foi baseado na segunda edição do código de Catalogação Anglo-Americano[1], na nona edição da Library of Congress Subject Headings[9] e suas atualizações, em pesquisas a diversas fontes especializadas e em consultas a técnicos do IBGE no campo da Geografia.

É o resultado de entendimentos mantidos entre a Biblioteca Central da Fundação Getúlio Vargas, coordenadora do sistema BIBLIOTECA/CALCO, e a Biblioteca Nacional (também integrante do sistema), eleita a coordenadora das atividades biblioteconômicas no país durante o V Seminário de Publicações Oficiais Brasileiras. Cabe lembrar que este trabalho foi aprovado, integralmente, durante a Reunião sobre Normalização de Processos Técnicos patrocinada pela Biblioteca Nacional.

Os autores aguardam novas contribuições, comentários e críticas para seu aperfeiçoamento.

2 RÉGRAS GERAIS

Entre nome geográfico pelo seu nome específico.

2.1 Pontuação

2.1.1 Coloque, entre parênteses, todos os acréscimos a nomes de lugares usados como elemento de entrada.

Ex.: Paris(França)

2.1.2 Se mais de um lugar estiver sendo usado como acréscimo, preceda de uma vírgula o nome do lugar maior ou de dois pontos no caso de homônimos.

Ex.: Guadalajara(Espanha: Província)
Montmartre(Paris, França)

2.2 Nomes de lugares que incluem um termo de jurisdição

Inclua o termo designativo do tipo de jurisdição se fizer parte integrante do nome, caso contrário, omita-o.

Ex.: Cidade do Cabo(África do Sul)
Cidade do México(México)
Cidade Gaúcha(PR)
Ciudad Real(Espanha)
Distrito de Columbia(Estados Unidos)
República Dominicana

Digitalizado gentilmente por:

2.3 Nomes geográficos com adjetivos indicando direções ou partes

Inverta nomes tais como: Norte do Brasil, Nordeste de Minas, Sudeste da Ásia.

Ex.: Ásia, Sudeste
Brasil, Norte
Brasil, Sudeste
Califórnia, Sul
Minas Gerais, Nordeste

2.4 Homônimos

Acrescenta a respectiva jurisdição, para homônimos de uma mesma localidade (ver também 4.1.1):

Ex.: Guadalajara(Espanha)
Guadalajara(Espanha: Província)
Nova Iguaçu(RJ)
Nova Iguaçu(RJ: Distrito)

3 NOMES GEOGRÁFICOS BRASILEIROS

3.1 Unidades da Federação

3.1.1 Indique as Unidades da Federação sem qualquer acréscimo.

Ex.: Amapá
Fernando de Noronha
Minas Gerais
Santa Catarina

3.1.1.1 No caso de homônimos

Ex.: Espírito Santo(Estado)
Goiás(Estado)
Rio de Janeiro(Estado)
São Paulo(Estado)

3.1.2 Distrito Federal

Acrescente o nome do país

Ex.: Distrito Federal(Brasil)

3.2 Municípios

Use a denominação específica seguida da sigla da Unidade da Federação.

Ex.: Belo Horizonte(MG)
Brasília(DF)
Cidade Gaúcha(PR)
Espírito Santo(ES)
Miracema(RJ)
Piracicaba(SP)
Rio de Janeiro(RJ)
Rio Doce(MG)
São Paulo(SP)
Sobradinho(DF)

3.3 Distritos, vilas, bairros, povoados

Use a denominação específica, seguida da cidade e sigla da Unidade da Federação.

Ex.: Belford Roxo(Nova Iguaçu, RJ)
Copacabana(Porto ALegre, RS)
Copacabana(Rio de Janeiro, RJ)
Quatipuru(Primavera, PA)

4 NOMES GEOGRÁFICOS ESTRANGEIROS

Use a forma do nome em português, quando for de uso geral em fonte de referência. Em caso de dúvida, use a forma vernacular. Se a fonte de referência escolhida aprovar ambas as formas, use a forma integral em português.

Digitalizado gentilmente por:

Ex.: Florença(Itália)
Nova Iorque(Estados Unidos)
Nova Orleães(Estados Unidos)
Suécia
Suiça

4.1 Regiões, estados, províncias, cidades, etc.

Acrescente, ao nome usado como entrada, o País do qual a localidade faz parte.

Ex.: Formosa(Argentina)
Houston(Estados Unidos)
Luanda(Angola)
Londres(Inglaterra)
Nova Iorque(Estados Unidos)
Paris(França)
Toledo(Espanha)

4.1.1 Em caso de homônimos, acrescente uma qualificação geográfica menor antecedendo a indicação do País (ver também 2.4):

Ex.: Friedberg(Bavária, Alemanha)
Friedberg(Hese, Alemanha)

4.2 Lugares em cidades

Acrescente, além da cidade, o nome do País.

Ex.: Chelsea(Londres, Inglaterra)
Montmartre(Paris, França)

5 REGIÕES E ACIDENTES NATURAIS

5.1 Regra geral

Entre pelo topônimo seguido do tipo de acidente.

5.1.1 Se o topônimo abranger até dois locais, indique os qualificadores geográficos em ordem alfabética, entre parênteses, ligados por "e". Mais de dois locais não use o qualificador geográfico.

— para Brasil acrescente as siglas das Unidades da Federação

— para acidentes estrangeiros use o nome do país por extenso.

Exceção: Quando o acidente se localiza, principalmente, em uma das jurisdições, acrescente em primeiro lugar essa jurisdição. No caso de rios, acrescente como primerio qualificador o Estado ou País onde se origina.

Ex.: Aimorés, Serra dos(ES e MG)
Amazonas, Rio
Atlântico Norte, Oceano
Biscaia, Baia de(França e Espanha)
Cerrado, Região do
Contas, Rio de(BA)
Contas, Serra das(SP)
Doce, Rio(MG e ES)
Marajó, Ilha de(PA)
Mata, Zona da(MG)
Missouri, Rio(Estados Unidos)
Nilo, Rio
Planalto Central(Vietnã)
Planalto Meridional
Prata, Rio da(Argentina e Uruguai)
Red, Rio, Bacia(Estados Unidos)
Rio de Janeiro, Região Metropolitana do
Rio do Peixe, Serra do(MG)
Rochosas, Montanhas.

Digitalizado gentilmente por:

5.1.2 Não considere como acidente geográfico os termos que se constituem em topônimo e formam uma Região.

Ex.: Baixada Fluminense(RJ)
Baixada Santista(SP)
Planalto Central(Vietnã)
Planalto Meridional
Recôncavo(BA)

5.1.3 Para cabeçalhos envolvendo um sistema de dois ou mais rios, faça duas entradas.

Ex.: Bacia dos rios Araguaia-Tocantins
Araguaia, Rio, Bacia
Tocantins, Rio, Bacia

5.2 Bacias, estuários, vales, etc

Acrescente estes termos ao cabeçalho básico.

Ex.: Araguaia, Rio, Bacia
Delaware, Rio, Estuário(Estados Unidos)
Paraíba do Sul, Rio, Vale
Potomac, Rio, Vale(Estados Unidos)
Ribeira do Iguape, Rio, Vale(SP)
São Francisco, Rio, Vale
Tocantins, Rio, Bacia

5.3 Regiões

5.3.1 Indique regiões de acidentes naturais adicionando a palavra Região ao cabeçalho básico.

Ex.: Aimorés, Serra dos, Região(ES e MG)
Cáspio, Mar, Região
Índico, Oceano, Região
Tahoe, Lago, Região(Estados Unidos)

5.3.1.1 Não acrescente o termo Região para as que tenham nomes específicos, pois seria redundante e inapropriado.

Ex.: Amazônia
Baixada Fluminense(RJ)
Banija(Iugoslávia)
Sahel

5.4 Ilhas

5.4.1 Quando se constituem numa jurisdição, não acrescente a palavra ilha, a menos que seja parte integrante do nome.

Ex.: Fernando de Noronha
Florianópolis(SC)
Havaí
São Luís(MA)

5.4.2 As Ilhas isoladas não são localizadas.

Ex.: Bornéu
Bouvet, Ilha
Martim Vaz, Ilhas

6 FONTES DE REFERÊNCIA

6.1 Nomes geográficos brasileiros

6.1.1 Para unidades da federação, municípios e distritos use:

DIVISÃO Territorial do Brasil[7]

6.1.2 Para acidentes geográficos use:

ÍNDICE dos Topônimos da Carta do Brasil ao Milionésimo[8].

Digitalizado gentilmente por:

6.2 Nomes geográficos estrangeiros

Como fonte de referência recomenda-se as publicações abaixo com a seguinte ordem de preferência:

ATLAS Mirador Internacional[4]

ATLAS Delta Universal[2].

ATLAS Geográfico[3].

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1 *ANGLO-AMERICAN cataloging rules*. 2. ed. Chicago, American Library Association; Otawa, Canadian Library Association, 1978, 620 p.

2 *ATLAS Delta Universal*. Rio de Janeiro, Delta, 1980. 317 p.

3 *ATLAS Geográfico*. Rio de Janeiro, IBGE/FENAME, 1983, 113 p.

4 *ATLAS Mirador Internacional*. Rio de Janeiro. Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975. 396 p.

5 *CATALOGING SERVICE BULLETIN*. Washington, D.C. Library of Congress, 1978.

6 CHAN, Lois Mai. Library of Congress subject headings; *principles and application*. Littleton, Colo., Libraries Unlimited, 1978. 347 p..

7 DIVISÃO Territorial do Brasil. 9. ed. Rio de Janeiro, IBGE, 1980. 459 p.

8 ÍNDICE dos Topônimos da Carta do Brasil ao Milionésimo. Rio de Janeiro, IBGE, 1971. 321 p.

9 LIBRARY OF CONGRESS. Subject Cataloging Division. *Library of Congress* subject headings. 9. ed. Washington, D.C., Library of Congress, 1980. 2 v. With quarterly supplements.

10 LISA; grande dicionário da língua portuguesa; histórico e geográfico. São Paulo, Lisa, 1970. 5 v. V.5. geográfico.

11 WEBSTER'S new geographical dictionary. Springfield, Mass., G. & C. Merriam Co., 1977. 1370 p.

As autoras agradecem a valiosa colaboração do Geógrafo Henrique Azevedo Sant'Anna da Biblioteca Central do IBGE.

Digitalizado gentilmente por:

CDU 025.1

SISTEMA DE INFORMAÇÃO ADMINISTRATIVA EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS

Glória Isabel Sattamini Ferreira**
Zita Catarina Prates de Oliveira***

RESUMO

Metodologia para a elaboração de um sistema de informação administrativa (SIA) que forneça subsídios ao trabalho de administrador do bibliotecário.

Palavra-chave: *Descritores: informação gerencial, sistema de informação gerencial, biblioteca especializada.*

ABSTRACT

Methodology for the development of a manual management information system (MIS), applied to special libraries.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é propor elementos para o estabelecimento de um Sistema de Informação Administrativa (SIA) em bibliotecas especializadas.

O SIA visa a reunir, de uma forma integrada, informações sobre os serviços, operações, recursos e clientela, auxiliando no processo administrativo e fornecendo, conseqüentemente, uma visão sistêmica da biblioteca.

** Especialista em Biblioteconomia e Documentação. Dirigente da Equipe de Biblioteca do Instituto Riograndense do Arroz (IRGA).

*** Mestre em Biblioteconomia. Bibliotecária do Centro de Processamento de Dados e Pós-Graduação em Ciência da Computação (CPD/PGCC) da UFRGS.

Digitalizado gentilmente por:

A utilização do processamento de dados nas empresas favoreceu o aparecimento do Sistema de Informação Gerencial (Management Information System — MIS) que é hoje um instrumento largamente utilizado na administração das organizações.

A proposta deste trabalho é o estabelecimento de um modelo de SIA, a partir da filosofia do MIS, mas de uma forma simplificada e manual para bibliotecas especializadas.

2 INFORMAÇÃO PARA ADMINISTRAÇÃO

Administrar é um procedimento inerente ao desenvolvimento das organizações. Conforme SILVA (11), o ato de administrar se realiza através de quatro funções: planejamento, organização, direção e controle. MACHLINE (5) associa a essas funções, a tomada de decisão.

O denominador comum a todas essas funções é a informação, pois todo ato administrativo é baseado em informação. Na função de *planejamento* a informação define os elementos da ação futura. Na *organização* demonstra a situação atual e os objetivos da empresa. Na *direção* a informação é fundamental para o processo de decidir o que, por que, por quem e quando será feito. O *controle* é realizado através da comparação de informações (8).

BROWN (2) aponta quatro usos básicos para a informação na administração:

1 Apoiar o processo decisório — a informação sobre um determinado tópico reduz o grau de incerteza no momento de tomar uma decisão sobre ele;
2 Situar o administrador em sua ambiência — o administrador não pode ignorar as influências do ambiente externo e as oportunidades que surgem para a biblioteca, sob pena de administrar uma instituição absolutamente dissociada da realidade. As informações da ambiência são fundamentais na definição dos objetivos e papel da biblioteca na organização;
3 Avaliar a situação histórica — informações sobre o prsente, passado e projeções para o futuro permitem ao administrador, identificar os pontos fracos e fortes da atuação da biblioteca, bem como antecipar dificuldades e oportunidades que possam surgir;
4 Avaliar e acompanhar atividades — a informação é fundamental para comparar o desempenho proposto para uma determinada operação e o desempenho realmente atingido. A informação obtida permite mensurar o objetivo originalmente proposto pela biblioteca.

A informação para a administração pressupõe o tratamento dos dados coletados. Esses dados serão combinados e analisados de tal forma que as informações geradas forneçam uma visão sistêmica da ambiência interna e externa da biblioteca.

3 SISTEMA DE INFORMAÇÃO ADMINISTRATIVA (SIA)

Ao contrário da maioria dos sistemas de informação gerencial, que visam principalmente ao controle de operações, o

Digitalizado gentilmente por:

SIA tem por finalidade reunir dados significativos sobre a biblioteca (recursos, operações, clientela etc.), integrando-os para produzir informações que apoiem o processamento de administração. Esta abordagem sistêmica pode alterar sensivelmente a forma de administrar a biblioteca (1).

O SIA tem suas origens na filosofia do MIS que propõe a integração de dados, para fornecer informações para as decisões administrativas em todos os níveis (orçamentários, técnicos etc.).

O SIA não deve ser visto como um sistema caro ou tão complexo como o MIS (1,7). É apenas a sistematização ou reformulação da coleta de dados para fornecer informações significativas para a tomada de decisão administrativa.

Devido ao volume e complexidade dos dados a serem coletados em um SIA, torna-se necessário o estabelecimento de uma metodologia para o seu desenvolvimento, visando principalmente a integração desses dados.

Para que o SIA exista efetivamente é imperativo ainda que as categorias de dados sejam precisamente definidas, para que haja uma padronização na coleta, obtendo, desta forma dados confiáveis e comparáveis.

A terminologia é outro fator fundamental no SIA. Os termos devem ser precisamente definidos, de tal forma que não restem dúvidas sobre os elementos que são mensurados em uma categoria.

4 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DO SIA

O desenvolvimento do SIA compreende várias etapas:

4.1 Determinação dos objetivos do sistema a longo prazo

O sistema deverá ser definido a partir do uso que se fará dos dados coletados. Por exemplo: os dados para relatórios podem ser resumidos ou globais, permitindo uma visão genérica do funcionamento da biblioteca; já para o planejamento, há necessidade de dados específicos sobre as atividades da biblioteca bem como sobre a ambiência externa; e para controle e avaliação há necessidade de dados específicos sobre cada atividade focalizada.

4.2 Determinação dos dados a serem coletados

Os dados a serem incluídos no SIA devem ser definidos com base nas seguintes características:

4.2.1 Época — Os dados podem ser atuais ou retrospectivos, sendo que estes últimos servem para comparações no desenvolvimento de atividades;

4.2.2 Procedência — Os dados podem ter duas procedências:

a) ambiência externa: dados relativos à mantenedora, área geográfica onde se localiza a biblioteca etc.

Digitalizado gentilmente por:

b) ambiência interna: dados provenientes das atividades, recursos e clientela da própria biblioteca;

4.2.3 Precisão — Os dados devem ser precisos para refletir a realidade da biblioteca;

4.2.4 Especificidade — os dados podem ser de dois tipos:

a) dados resumidos ou globais. Por exemplo em um relatório anual as consultas podem ser apresentadas de forma global.
b) dados detalhados. Por exemplo: especificação das consultas por assunto, em um projeto para aquisição de material bibliográfico;

4.2.5 Conteúdo — os dados podem apresentar dois tipos de conteúdo:

a) dados documentais: política, programa e planos da organização, legislação, estrutura organizacional, nominata de dirigentes, áreas de pesquisa ou interesse, planos de curso de disciplinas, catálogos de cursos, orçamento etc.
b) dados numéricos: recursos bibliográficos, atividades e operações, serviços, comunidade usuária etc.

4.3 Elaboração de fluxos de atividades para definição dos dados numéricos a serem coletados

A utilização do fluxograma vertical (4) permite análise detalhada de cada etapa de uma atividade, mostrando a sua seqüência e as pessoas envolvidas na execução. Dessa maneira, têm-se uma visão clara da atividade analisada, bem como condições de determinar os dados significativos para representá-la.

O anexo 1 apresenta o exemplo de um fluxograma vertical para a atividade de processamento de monografias. Em cada etapa desse fluxo será questionada a validade da coleta e o tipo de dados que se faz necessário coletar, dependendo de seu uso posterior.

Uma vez definidos os dados numéricos a serem coletados, o bibliotecário deverá também:

4.3.1 Definir a terminologia referente aos elementos da biblioteca que serão objeto de coleta estatística.

A elaboração de um glossário visa a evitar equívocos na coleta, tais como, coletar dados estatísticos sobre *publicações seriadas* ora como monografias, ora como periódicos.

O Manual de Instruções de Estatísticas Culturais do MEC-SEINF (6) oferece alguns exemplos de definição termos:

Acervo — conjunto de documentos postos à disposição dos usuários;

Livro — publicação impressa não periódica que tenha, no mínimo, 49 páginas, sem contar as da capa;

Folheto — publicação impressa não periódica que tenha de 5 a 48 páginas, sem contar as da capa;

Periódico — toda publicação editada em série contínua sob o mesmo título, a intervalos regulares ou não, durante um período indeterminado, tendo os diferentes números da série numeração conse-

Digitalizado gentilmente por:

cutiva ou data; pode ter periodicidade diária, semanal, quinzenal, mensal, bimestral, trimestral, semestral, anual ou maior;
Título — termo utilizado para designar uma publicação impressa que consituti um todo único, em um só em vários volumes;
Título Corrente — periódicos que são rcebidos pela Biblioteca e que estão sendo correntemente publicados.

4.3.2 Definir as associações de dados numéricos com vista ao estabelecimento de saídas estatísticas.

Nessa etapa é de vital importância a capacidade de análise do bibliotecário para a seleção e controle dos dados realmente significativos, em cada atividade estudada. Exemplificando:
— a contratação de mais um funcionário para a atividade de empréstimo poderá ser justificada a partir da associação do número de empréstimos em um determinado período ao número de pessoal no atendimento, obtendo-se, em uma operação de divisão, o padrão de atendimento de cada funcionário. Esse resultado evidenciará a sobrecarga de trabalho no setor;
— associando a um título de periódico seu número de consultas por departamento ou setor será obtida a freqüência de consultas do título por departamento ou setor. Esse dado será significativo em uma avaliação de uso da coleção de periódicos;
— um dado significativo para a política de seleção e aquisição pode ser obtido associando o número total de empréstimos ao número de empréstimos por assunto; o percentual de empréstimos por assunto evidencia as áreas em que a biblioteca é mais utilizada.

4.4 Armazenamento dos dados coletados

Para a efetivação do SIA é necessário o armazenamento dos dados coletados de uma forma organizada.

Os dados documentais devem ser arquivados de maneira organizada e atualizados periodicamente, tendo em vista as mudanças que podem ocorrer na ambiência (mudanças na política da organização, no organograma, na direção etc.)

Os dados numéricos poderão, para maior controle, serem transportados dos formulários usuais de coleta da biblioteca para um formulário cumulativo anual, permitindo uma visão geral do desempenho da biblioteca. (Anexos 2, 3, 4, 5, 6).

4.5 Análise dos dados armazenados no SIA

Os dados armazendos no SIA estão disponíveis para auxiliar no gerenciamento da biblioteca.

A análise dos dados documentais pressupõe comparações, juízos e conclusões, a partir dos documentos examinados.

Aos dados numéricos são aplicados tecnicas estatísticas que irão fornecer informações significativas sobre a ambiência da biblioteca. Em determinados casos, para que essa representação da ambiência seja mais objetiva, é aconselhável o uso de tabelas e gráficos elaborados a partir de distribuições de freqüência.

Digitalizado gentilmente por:

As técnicas mais utilizadas são as medidas de posição: média, moda e mediana. Conforme o grau de precisão necessário, outras técnicas poderão ser utilizadas no tratamento dos dados numéricos.

5 CONCLUSÃO

A utilização do SIA permite uma visão sistêmica da biblioteca, reunindo informações que apóiem e otimizem a atividade de administrador do bibliotecário.

Salienta-se que os modelos de controles apresentados, quando utilizados, devem ser adaptados às necessidades específicas de cada biblioteca.

6 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BRATZ, V.A. Sistemas de informação gerencial (Management Information Systems) *Revista de Administração e Empresas, 11*(3):21-9, jul./set. 1971
2. BROWN, M.K. Information for plannings. *Journal of Library Administration, 2*(3/4):187-215, 1981.
3. ———. Library data, statistics and information. *Special Libraries*: 475-84, Nov. 1980.
4. FARIA, A. Nogueira de. *Organização de empresas*. 7. ed. Rio de Janeiro, LTC, 1980. v. 1, p. 118.
5. MACHLINE, C. O processo decisório na gestão de tecnologia. *Revista e Administração de Empresas, 17*(6): 41-58. nov./dez. 1977.
6. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Informática. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. *Manual de instruções, estatísticas culturais: bibliotecas*. Brasília, 1983. p. 14.
7. O'BRIEN, K.J. *Management information systems: concepts, techiniques and applications*. New York, Van Nostrand Reinhold, 1970. cap. 2 e 5.
8. ROSE, H. *Metodologia e Estatística da organização*. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1972. cap. 4, p. 70-107.
9. RUNYON, R.S. Towards the development of a library management information system. *College & Research Libraries, 42*(6):539-48, nov, 1981.
10. SCHERAÇA, D.I. Projeto de sistemas de Informação. In: MAYNARD, H.B. *Manual do gerente da empresa*. São Paulo, Edgard Blücher, 1974, v. 2, cap. 2, p. 20-37.
11. SILVA, A.T. da. *Administração e controle*. 2. ed. São Paulo, Atlas, 1976.

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 1

Fluxograma Vertical

Processamento de Monografias

SÍMBOLOS	
	OPERAÇÕES
	TRANSPORTES
	CONTROLES
	ESPERAS
	ARQUIV. PROVISÓRIO
	ARQUIV. DEFINITIVO

Nº	SÍMBOLOS	FUNÇÕES	DESCRIÇÃO DOS PASSOS	DADOS P/RELATÓRIO	DADOS P/PLANEJAMENTO	DADOS P/CONTROLE E AVALIAÇÃO
01		Auxiliar	Recebe Monografias	Coleta dados na etapa 03	—	—
02		Auxiliar	Encaminha duplicatas	Coleta dados no Setor de Duplicatas	—	—
03		Auxiliar	Registra monografias	– Nº doc. por C. D. P. – Fonte pagadora – Fornecedor – Custo, tipo	– Nº total de documentos registrados – Custo e Fonte pagadora – Tempo de execução	Idem dados p/ relatório mais outros mais específicos que se façam necessários
04		Bibliotecário	Classifica/Indexa	Nº de documento class/ indexados	– Nº de documentos class/ indexados por assunto – Tempo de execução	– Nº de documento class/indexado por assunto – Nº de descritores – Tempo de execução
05		Bibliotecário	Cataloga	Nº doc. catalogados*	– Nº documentos catalogados* – Tempo de execução	Idem planejamento
06		Auxiliar	Datadora fichas	Nº fichas datadoradas*	– Nº de fichas datadoradas* – Tempo de execução	Idem planejamento
07		Auxiliar	Separa fichas	—	– Nº de fichas separadas* – Tempo de execução	Idem planejamento
08		Auxiliar	Alfabeta fichas	—	– Nº fichas alfabetadas* – Tempo de execução	Idem planejamento
09		Auxiliar	Arquiva fichas	—	– Nº de fichas arquivadas* – Tempo de execução	Idem planejamento
10		Auxiliar	Prepara p/empréstimo	—	– Nº documentos preparados* – Tempo de execução	Idem planejamento
11		Auxiliar	Armazena documentos	—	– Nº documentos armazenados* – Tempo de execução	Idem planejamento

* Estes dados poderão ser coletados ou estimados. (ver etapas 5 a 11 do texto)

Digitalizado gentilmente por:

Descrição das Etapas do Fluxo Vertical de Processamento de Monografias

– Etapa 01: Recebe documentos. Há necessidade de coletar dados referentes ao número de documentos recebidos, ou esses dados serão coletados na fase de registro (etapa 03)?

– Etapa 02: Encaminha duplicatas: O auxiliar irá quantificar as duplicatas recebidas ou este controle será feito pelo setor de duplicatas?

– Etapa 03: Registra monografias. A partir do registro será possível coletar dados sobre a forma de aquisição (compra, doação, permuta, fonte pagadora (entidade mantenedora, convênios) tipo de material (livro, folheto, separata, audio-visual), custo do documento, fornecedor etc.

– Etapa 04: Classificação/indexação. Nessa etapa poderão ser registrados dados relativos ao número de documentos classificados/indexados por assunto (dando uma visão de que assuntos estão sendo mais adquiridos) ou simplesmente o número de documentos classificados/indexados.

– Etapa 05: Catalogação. Nessa etapa. a partir do número de documentos ou de títulos catalogados, obtem-se o número de matrizes correspondentes e, também, por estimativa, o número de fichas desdobradas e alfabetadas. Quando a catalogação é executada pelo mesmo bibliotecário responsável pela classificação/indexação, os dados dessa etapa poderão ser obtidos através do número de documentos classificados/indexados (etapa 04).

– Etapa 06 a 09 – Desdobramento até Arquivamento de Fichas. Esses dados poderão ou não ser coletados, dependendo da estrutura organizacional da biblioteca. Em uma biblioteca onde uma pessoa executa todas estas atividades, torna-se desnecessário o controle em cada uma das etapas, uma vez que esses dados poderão ser obtidos por estimativa a partir da catalogação (etapa 05). Já em uma biblioteca com vários setores, a coleta desses dados poderá servir para avaliar a produção de cada setor ou pessoal envolvido no trabalho.

– Etapa 10 a 11: Preparo para Empréstimo e Armazenamento de Documentos. Assim como nas etapas anteriores, esses dados, dependendo da biblioteca, poderão ser coletados ou estimados através da etapa 03 – Registro de monografias.

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 2

OPERAÇÕES – Formulário Cumulativo Mensal

OPERAÇÕES	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T	C D P	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T	C D P T
1 Registro de documentos													
Livros													
Folhetos													
Periódicos (títulos)													
Outros (especificar)													
2 Processamento técnico (Catalogação, classificação e preparo para empréstimo)													
Livros													
Folhetos													
Periódicos													
Outros (especificar)													
3 Desdobramento de fichas													
4 Duplicatas													
Nº de listas													
Nº de volumes													

C – Compra P – Permuta
D – Doação T – Total

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 3

Serviços – Formulário Cumulativo Mensal

SERVIÇOS	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
1 Circulação													
. Empréstimos (nº)													
. Consultas (nº)													
. Empréstimo interbiblioteca:													
. Solicitações (nº)													
. Fornecidos (nº)													
2 Referência													
. Bibliografias elaboradas (nº)													
. Questões de referência (nº)													
. Documentos normalizados (nº)													
. Usuários treinados (por categoria)													
. Notificações DSI (nº)													
. Divulgação:													
. Bol Bibliográfico (nº)													
. Listas de novas aquisições (nº)													
. Sumários correntes (nº)													
. Comentários de livros (nº)													
3 Comutação													
. Solicitações													
COMUT* { Nº Pedidos													
COMUT* { Nº Cópias													
COMUT* { Valor													
. Envio													
COMUT* { Nº Pedidos													
COMUT* { Nº Cópias													
COMUT* { Valor													

* Esses dados podem ser coletados para cada Serviço utilizado pela Biblioteca.

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 4

DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS – Formulário Cumulativo Mensal

HORAS SEMANAIS	HORAS SEMANAIS	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAIO	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
1 Pessoal*														
Bibliotecário														
Técnico Nível Superior														
Auxiliar														
Datilógrafo														
Servente														
2 Material Bibliográfico**														
Livros														
Periódicos														
Outros (especificar)														
3 Serviços diversos														
Xerox { Nº de cópias														
{ Valor														
Encadernação { Nº volume														
{ Valor														
4 Material permanente														

* Os cargos poderão ser repetidos conforme o número de pessoal existente na Biblioteca

** Para despesas com verbas de programas e projetos, elaborar formulário para controle de cada verba

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 5

RECURSOS – Formulário Anual

RECURSOS	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
1 Espaço físico (m^2)													
Estantes (nº)													
Assentos (nº)													
2 Equipamentos													
Máquina de escrever (nº)													
Duplicador (nº)													
Leitora e copiadora (nº)													
Equipamento audio-visual (especificar)													
3 Pessoal													
Bibliotecário													
Técnico nível superior													
Auxiliar													
Datilógrafo													
Estagiário													
Servente													
Outros (especificar)													
4 Material Bibliográfico													
Livros { volumes													
Livros { títulos													
Folhetos { volumes													
Folhetos { títulos													
Periódicos { correntes													
Periódicos { não-correntes													
Outros (especificar)													

Digitalizado gentilmente por:

ANEXO 6

CLIENTELA – Formulário Anual

CLIENTELA	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
1 Usuários potenciais													
2 Usuários registrados													
3 Usuários registrados por categoria:													
. Professores													
. Alunos PG													
. Alunos GR													
. Pesquisadores													
. Funcionários administrativos													
. Outros													

Digitalizado gentilmente por:

MENINOS DE LARANJEIRAS: APRENDENDO A VIVER COM LIVROS

Todêska Badke*

RESUMO

Resultado de pesquisa com meninos em idade escolar, no bairro Laranjeiras, em Vitória, Espírito Santo, e usuários da biblioteca comunitária, permite identificar necessidades de informação, hábitos de leitura, acesso aos livros, grau de utilização e relação com a Biblioteca do bairro. O trabalho oferece subsídios aos moradores que mantêm a Biblioteca, no sentido de implementar programas que envolvam cada vez mais a participação de pais e professores. Entre os resultados aferidos, destaca-se o interesse pelos livros, indicando que a causa de falta de familiaridade dos alunos reside mais na ausência de oferta adequada do que propriamente por desestímulo latente.

Palavra-chave: *Biblioteca comunitária. Brasil. Estudo de usuários, Escolares. Pesquisa.*

"Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura. Um dos fatores da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, nos níveis individual e coletivo. Uma sociedade que sabe expressar, sabe dizer o que quer, é menos manobrável. Não falo apenas da liberdade de escolher governos ou sistemas de trabalho, mas também a de influir concretamente na vida comum (...) mas essa liberdade, traduzida em responsabilidade, não interessa, nunca interessou aos governos, aqui sempre se achou melhor decidir pelo povo, escolher para ele os caminhos e os precipícios".(1)

* Bibliotecária do Instituto Jones dos Santos Neves, Vitória (ES). Aluna do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (em fase de elaboração de dissertação).

Digitalizado gentilmente por:

ABSTRACT

Research was carried out with school children from the community of Laranjeiras, in the Brazilian State of Espírito Santo, with the aim of identifying their information needs, reading habits, access to books and use of the library. The inhabitants that keep the library were lead to develop programs that foresee the participation of children parents and teachers. Among the results observed, it was confirmed that the defficiency in reading was due more to the inadequate reading opportunities than to the potential lack of stimulus.

Key-words: *Community Library. Brazil. User study. School children. Research.*

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas constituem uma das ferramentas básicas para uma ação cultural, pois contribuem para garantir o princípio de igualdade e de oportunidade de acesso à informação. Não obstante sua importância, as bibliotecas têm assumido, ainda hoje, a função de preservar o patrimônio cultural, a informação registrada, sendo suas ações norteadas pela verticalização das decisões.

Mais e mais, torna-se necessária uma mudança de rumos, adotando-se estratégias políticas, postuladas dentro de uma nova filosofia, na qual o usuário formule suas necessidades. É necessário não apenas ampliar o papel da biblioteca, transformando-a em centro alternativo de informação, como inseri-la na própria dinâmica da comunidade, deixando de desempenhar um papel paternalista, onde vem determinando os gostos e hábitos de segmentos da população a que se destina, para, então, assumir um papel de suporte às ações coletivas que se desenvolvem. Deve ser encarada dentro de um espírito comunitário, subsidiando o desenvolvimento cultural da comunidade onde está inserida e relegando a segundo plano a introjeção de valores e expressões culturais exógenas à realidade à qual pertence.

Com efeito, observa-se hoje uma gradativa mudança de filosofia, a partir de iniciativas ainda aleatórias, mas que já indicam significativas transformações de comportamento. Comunidades mobilizadas em torno do desenvolvimento cultural vêm atuando de forma integrada ao traba-

Digitalizado gentilmente por:

lho bibliotecário, numa interação que tem resultado em mudanças significativas de filosofia.

Entre essas estão os moradores do Parque Residencial Laranjeiras, em Vitória, que conseguiram consolidar um modelo de operacionalização à Biblioteca Comunitária da Associação de Moradores capaz de traduzir os anseios e expectativas formulados, impondo uma dinâmica inteiramente voltada para a formação e manutenção da cultura local.

É, pois, intenção do presente estudo relatar essa experiência como forma de motivar uma reflexão acerca das experiências vividas pela Biblioteca Comunitária, procurando oferecer subsídios a todos envolvidos com esta problemática, bem como motivar a conformação de um novo modelo operacional às atividades em curso.

A experiência vivida resultou num atendimento sistemático a um público em idade escolar, num verdadeiro trabalho de base, atendendo a uma faixa etária a partir dos cinco anos de idade, moradores do próprio bairro ou de suas vizinhanças, estudantes lotados, em sua maioria, na Escola Estadual de 1º e 2º graus Aristóbolo Barbosa Leão.

A pesquisa, realizada em 1983, teve, como ponto de partida, entrevistas a 74 alunos da 1a. à 8a. séries da Escola, que absorve a maior demanda expressa do bairro. As informações levantadas permitiram identificar as necessidades de informação, hábitos de leitura, acesso aos livros, sua relação com a Biblioteca Comunitária e grau de utilização. Do resultado aferido, trazemos algumas considerações no sentido de possibilitar uma reavaliação das interpretações da realidade. Nesse sentido, o trabalho está diretamente voltado para oferecer subsídios aos moradores que atuam na Biblioteca da Associação.

Espera-se que das propostas contidas neste estudo, as duas instituições, Escola e Biblioteca possam incrementar programas que venham incentivar a relação da criança com o livro, com a informação, com a biblioteca. . . Acrescente-se, ainda, o fato de a análise estar baseada apenas nesta pesquisa, dada a inexistência de outras iniciativas, motivando análises sem que essas estejam amparadas em rigorosos procedimentos científicos. Sem obedecer a um rigorismo da amostragem, em relação ao universo, suas relações, fidelidade e confiabilidade de dados e demais procedimentos metodológicos, realizou-se sua interpretação na esperança de proceder-se a uma avaliação qualitativa das informações coletadas.

Entre os resultados aferidos, destaca-se o interesse dos alunos pesquisados pelos livros, ao contrário de uma impressão fortemente arraigada. A causa da falta de familiaridade do adolescente com o livro reside mais na ausência de oferta adequada aos usuários do que propriamente ao desestímulo latente. Isso leva a crer que a partir de um trabalho de base o livro possa ser ressuscitado como agente de conformação crítica do indivíduo frente à sociedade em que vive.

Digitalizado gentilmente por:

2 O BAIRRO, A ASSOCIAÇÃO

Localizado no município da Serra, ao norte da Grande Vitória (ES), próximo à área destinada à implantação de indústrias de suporte para o pólo siderúrgico de Tubarão, o Parque Residencial Laranjeiras é um conjunto constituído por 1855 unidades habitacionais, cuja variação de tamanho, por unidade, é de 36, 45, 60, 70 e 80 m^2, construídas pelo Banco Nacional da Habitação e abrigando, hoje, uma população aproximada de 15 mil habitantes.

Ainda no ano de sua inauguração, 1978, os moradores de Laranjeiras conseguiram eleger, à revelia das autoridades políticas municipais, a sua primeira diretoria da Associação de Moradores. Através da organização e da mobilização da comunidade do bairro, a Associação conseguiu escolas, arborização, comércio, áreas de lazer e ruas asfaltadas. Isso porque a Associação foi estabelecida com o objetivo fundamental de assegurar aos moradores a efetivação dos seus direitos fundamentais, buscando as soluções dos problemas, promovendo o desenvolvimento comunitário e proporcionando a seus associados condições para a realização das funções de habitar, trabalhar, recrear, desenvolver e manifestar-se. Em setembro de 1981 tomou posse a terceira diretoria da Associação e um exemplo claro da importância que a organização comunitária passou a ter para a população do bairro é que, independentemente de ser ponto de campanha de uma das chapas, a constituição da biblioteca surgiu do trabalho de um Grupo de Moradores que se dispuseram a levar em frente a idéia de sua criação. (2)

3 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA ALTERNATIVA

De início foi formado no bairro um Grupo de Moradores que se responsabilizou pelo trabalho desenvolvido pela Biblioteca. Para formar seu acervo, numa primeira etapa, eles contactaram outras bibliotecas que doaram livros e revistas e realizaram uma campanha junto às editoras. Mas o que resultou num aumento substancial de livros foi a continuidade do trabalho desenvolvido junto aos próprios moradores do bairro, e que consiste no seguinte: cada morador deposita numa caixa, existente na biblioteca, livros já usados que podem servir a outros moradores. Esse Grupo promove ainda festas, gincanas e rifas, cujas rendas são sempre revertidas para a biblioteca, que conta hoje com aproximadamente seis mil volumes.

Um dos fatores determinantes do tipo de coleção da Biblioteca de Laranjeiras é o fato de no bairro existir, em média, mais de uma criança por habitação. Em vista disso, foi realizado um trabalho de "envolvimento", que consistiu em um programa voltado para as crianças: apresentação de peças teatrais, projeção de filmes, concursos de desenhos e poesias, hora do conto, trabalho de modelação com barro etc.

Não existe, na biblioteca, uma preocupação em desenvolver um trabalho "técnico": os livros são registrados em folhas e o empréstimo é feito de acordo com um

Digitalizado gentilmente por:

sistema elaborado pelos próprios responsáveis pelo trabalho da biblioteca, que controlam o nome da obra e o nome do usuário. O método é assistemático, embora obedeça, acima de tudo, às necessidades e às reivindicações dos próprios moradores.

Em entrevista dada pelos moradores que trabalham pela biblioteca ficou evidenciado que seu objetivo é ser realmente de uso comunitário, subsidiando tudo aquilo que seja para o desenvolvimento cultural da comunidade, tentando fornecer alguns elementos que ajudem a expressar a realidade cotidiana em suas diferentes manifestações — espiritual, artística, política e econômica. Denominam-na de *biblioteca-viva*, isso é, pretende-se fazer do lugar um centro de debates da comunidade local, e de outras, onde seriam oferecidos palestras, seminários e cursos, além de servir de local para toda e qualquer reivindicação dos moradores. Paralelamente, o gosto pelos livros se iria desenvolvendo nas pessoas. Assim, a biblioteca seria dinamizada de forma a se tornar o núcleo irradiador das práticas culturais do bairro e elemento agregador dos membros da comunidade.

4 A ESCOLA, OS ALUNOS

A maior demanda potencial por livros é provocada pelos estudantes da Escola Estadual de 1º e 2º graus Aristóbolo Barbosa Leão, inaugurada em 1978, e possuindo um total de 1887 alunos matriculados (1983), distribuídos em três turnos: manhã, que atende da pré-escola à 4a. série; tarde, com turmas da 5a. à 8a. séries; e noite, segundo grau e profissionalizante.

Para atendimento a essa demanda, constatamos a existência de uma pequena sala (na Escola) denominada de "Biblioteca", onde ficam guardados livros, papéis, mimeógrafo etc.

Procurando estabelecer o perfil dos alunos, realizou-se uma pesquisa, por amostragem, envolvendo 74 dos 1413 alunos matriculados da 1a. à 8a. séries dos turnos da manhã e tarde, com idade variando entre 7 e 19 anos, sendo 55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Dessse, 84% moram em Laranjeiras e os restantes dividem-se entre os bairros José de Anchieta, Cantinho do Céu, Val Paraíso, Jardim Limoeiro, Porto Canoa etc. Existe uma grande predominância de Católicos — 72% — seguidos de 14% de Protestantes e 14% que não sabem a que religião pertencem.

Verificou-se, através da profissão exercida pelos pais, que os alunos pertencem a uma classe social menos favorecida. Para efeito desta análise, utilizamos as características dos níveis ocupacionais estabelecidas por GUIDI & DUARTE (3), resultando na seguinte tabela:

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 1

Níveis ocupacionais dos pais

Qualificação profissional	PAI		MÃE	
	n	%	n	%
Ocupação não qualificada	26	35	26	35
Ocupação de nível inferior de qualificação	21	28	7	9
Ocupação de nível médio	11	15	9	12
Ocupação de nível superior	–	–	–	–
Donas de casa	–		28	38
Aposentados	4	6	–	–
Desempregados	1	1	–	–
Sem informação	11	15	4	6
Total	74	100	74	100

Com os atuais problemas econômicos, eleva-se cada vez mais o contingente de mulheres que participam do mercado de trabalho, procurando dessa forma proporcionar um aumento na renda familiar, ainda que, freqüentemente, insignificante. Nesta pesquisa, encontramos um pequeno número de mulheres com profissão registrada. Trabalham em atividades remuneradas, que realizam em casa, como costura, manicura, cortineira, lavadeira, passadeira, revendedora de produtos, entre outras. Assim recaem sobre os filhos algumas tarefas domésticas, como lavar a louça, a roupa, a casa e cuidar dos irmãos mais novos. Independentemente do sexo a que pertencem, todos ajudam em casa. Alguns, 30%, também ajudam na renda familiar. Apenas uma menina possui trabalho fixo em casa de família. Os outros vendem "chup-chup", picolé ou bolo no bairro, ou na praia, e ajudam em tarefas domésticas em algumas casas: limpam terrenos, olham crianças ou fazem compras.

Os meninos de Laranjeiras relacionam o estudo com a possibilidade de obter um emprego no futuro e demonstram isto quando respondem à pergunta "por que acha importante estudar?" Alguns se expressam de maneira taxativa: para trabalhar; para não ficar à toa, nas custas dos pais; para o futuro da gente; para quando crescer, eu ficar independente; para ser alguma coisa na vida; se não estudar, não vence na vida; para ter um futuro melhor; para ter um serviço na vida, serviço bom;

Digitalizado gentilmente por:

para tentar o futuro.

Fica evidenciado o desejo dessas crianças virem a se qualificar profissionalmente para ingressar no mercado formal de trabalho, que acabou marginalizando seus pais, e, assim, se viram obrigados a permanecer no chamado mercado informal da economia, exercendo atividades sazonais de subsistência e obtendo baixa remuneração.

5 A RELAÇÃO PESQUISA-ESTUDO

As atividades escolares englobam um conteúdo programático que implica na realização de pesquisas curriculares capazes de despertar no aluno o auto-desenvolvimento. Contudo, tais atividades vêm sendo sistematicamente distorcidas. Conforme constata Rabelo (4) "as famosas pesquisas de nossos alunos, constituem-se em cópia de trechos de livros sobre um determinado tema, às vezes sem saber nem mesmo onde termina o assunto em estudo e começa outro. Esses alunos vão para a biblioteca sem a menor orientação dos professores de como realizar a pesquisa".

Com efeito, os elementos coletados permitem ratificar a assertiva de que, a exemplo do que acontece no país, também na Escola em estudo tal fato ocorre. A "biblioteca" existente na Escola é uma pequena sala onde ficam guardados os livros a serem usados pelos alunos quando os professores assim determinam. Portanto, na realidade não é uma biblioteca.

Os alunos que sabem da existência dessa biblioteca, 61%, afirmam que: "Ela não tem livros; Sei que ela existe, mas está fechada; ou É biblioteca de livro que a professora dá à gente".

Para realizar os trabalhos escolares, 48%, optaram pela utilização do material que têm em casa, geralmente enciclopédias ou coleções adquiridas de vendedores de livros que vão de porta em porta, ou livros de irmãos que já passaram pela escola. Os restantes utilizam a Biblioteca Comunitária e por vezes pedem material emprestado aos colegas.

6 O USO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Para demonstrar o volume, em termos de uso, da biblioteca, fizemos uma pequena amostra das estatísticas realizadas em 1983, constantes nos relatórios da Biblioteca, e condensamos os dados mais significativos.

Digitalizado gentilmente por:

TABELA 2

Estatísticas Referentes ao Uso da Biblioteca – Ano: 1983

meses	total de usuários	serviços	média de idade	escola	bairro
junho	579	leitura/bteca: 027 pesquisa: 057 empréstimo: 522	10 anos (97 usuários)	Aristóbolo B. Leão (429 usuários)	Laranjeiras (574 usuários)
julho	426	leitura/bteca: 004 pesquisa: 007 empréstimo: 415	8 anos (51 usuários)	Aristóbolo B. Leão (281 usuários)	Laranjeiras (425 usuários)
agosto	899	leitura/bteca: 007 pesquisa: 125 empréstimo: 755	9 anos (113 usuários)	Aristóbolo B. Leão (688 usuários)	Laranjeiras (851 usuários)
setembro	642	leitura/bteca: 001 pesquisa: 138 empréstimo: 503	9 anos (106 usuários)	Aristóbolo B. Leão (427 usuários)	Laranjeiras (461 usuários)

Como demonstram os dados relacionados na tabela 2, o maior número de usuários na Biblioteca Comunitária está em idade escolar, são alunos da Escola Aristóbolo Barbosa Leão e são moradores do bairro Laranjeiras.

Dos 74 entrevistados, 96% conhecem a Biblioteca Comunitária e, destes, 76% a freqüentam; principalmente para tomar livros emprestados (49%), para realizar pesquisas escolares (23%), ou para estudar (4%). A pouca freqüência à biblioteca, para ler e estudar, se deve ao fato do espaço ser exíguo.

Constantemente, a Biblioteca de Laranjeiras promove atividades em datas comemorativas, tais como dia das crianças, dia dos pais etc. Normalmente levam ao bairro peças teatrais, filmes, escritores, músicos ou historiadores, promovendo shows ou debates.

Dos meninos entrevistados, 51% já participaram destas atividades, destacando um índice maior de freqüência aos filmes, peças teatrais, gincanas e festas. Dos 49% que não participaram das programações realizadas, alegaram que a mãe não deixa; que a religião não permite ou

Digitalizado gentilmente por:

nunca tiveram oportunidade.

Os freqüentadores classificam a Biblioteca de "legal", instrutiva, e sugerem que ela possua mais livros, espaço físico e até mesmo uma piscina. Demonstram grande interesse em saber usar a biblioteca, como demonstram também compreender a importância em saber usá-la, quando afirmam que isto facilitaria pegar os livros; localizá-los com mais rapidez ou "para ter mais entendimento de como funciona a biblioteca".

7 OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO: CARRO-BIBLIOTECA, LIVRARIA, TELEVISÃO...

A população do município da Serra, bem como do bairro Laranjeiras, deveria ser servida pela Biblioteca Pública Municipal e pela Biblioteca Pública Estadual. A primeira, porém, funciona apenas no turno da tarde e está situada na sede do município, que fica, aproximadamente a 15 km do bairro, forçando os moradores que possivelmente necessitem utilizá-la a tomarem dois ônibus. Apenas um aluno afirma conhecer esta biblioteca. Também devido à distância em relação ao bairro e, por sua pouca divulgação, a Biblioteca Pública Estadual é conhecida apenas por cinco alunos. Esta Biblioteca fornecia ao bairro o serviço de carro-biblioteca, porém 53% dos alunos entrevistados não o conheciam, 32% viram o carro-biblioteca, mas nunca o usaram porque pensavam que se destinava a vender livros, e apenas 11% fizeram uso deste serviço.

Isso vem a demonstrar a pouca divulgação dada a um veículo tão importante que objetiva "possibilitar as comunidades carentes de biblioteca, especialmente aquelas localizadas em periferias urbanas, e zona rural, o acesso a serviços bibliotecários" (5)

Resolvemos verificar, então, se os alunos buscam o livro ou se existe alguma outra atividade que os leve a ele ou à informação.

A livraria também pode servir de fonte de informação ou atração para novos materiais bibliográficos. Mas 39% dos entrevistados nunca foram a uma livraria; outros, 61%, afirmam que já foram à livraria para comprar algo; comprar material escolar; comprar livro de historinha; pegar livro emprestado para trabalho. Alguns confundem livraria com Biblioteca, ou papelaria com livraria.

A pergunta de "como se informa", foi respondida por 64% que se faz através da televisão, seguido de 16% através do jornal; 9% pelo rádio; 6% por comentários das pessoas, 1% pela revista e 4% não souberam responder.

Importante citar o trabalho realizado pelo Grupo de Mídia de São Paulo (6) com o objetivo de levantar os aspectos técnicos relacionados com o consumo dos meios de comunicação pelas crianças, enfocando principalmente a intensidade de exposição, destacando especialmente o que lhe é destinado com exclusividade. Relatam que: "a televisão é o meio de maior penetração, uma vez que parece ser o que mais atrai as crianças, gerando as opiniões mais diversas por

Digitalizado gentilmente por:

parte dos estudiosos. Muito pouco existe para se comentar sobre o jornal em relação à criança, mesmo porque esse meio nunca teve uma preocupação muito importante com o público infantil.

Essa posição do jornal é um tanto estranha, uma vez que ler jornais é um hábito que se pode adquirir quando criança, através da leitura dos suplementos infantis. O rádio, como meio de comunicação dos mais abrangentes, cobre também um grande contingente de crianças, que é atingido quase que involuntariamente em decorrência da audiencia adulta. À revista fica reservado o mérito de ter sido o primeiro meio a se preocupar especificamente com o público infantil no Brasil."

Em Laranjeiras, não fugindo à regra, a televisão aparece como o meio de comunicação mais consumido, no que diz respeito a "saber do que se passa pelo mundo". Curiosamente, o jornal aparece em segundo lugar, e não o rádio, mas com uma porcentagem baixa. É lido normalmente aos sábados e domingos, ou "de vez em quando", sendo que as seções mais procuradas são o Caderno de TV, programação de cinema, notícias esportivas, policiais e os classificados. O suplemento infantil publicado aos sábados pelo maior jornal do Estado aparece na maioria das respostas. As revistas são preteridas como meio de informação; apenas uma pessoa lê revista informativa: Revista *Veja*.

Verifica-se, portanto, que todos se utilizam de algum meio de comunicação, mas isso não quer dizer que se informem. Afirmam que: "Leio porque sei que tem muita crise" ou "para saber do mundo".

8 O LAZER, O TEMPO LIVRE

Quais são as opções de lazer, o que fazem essas crianças com seu tempo livre? As respostas se concentram nas opções: trabalhar, brincar, ver televisão e ler.

O trabalho, que significa a obrigação das tarefas domésticas diárias, que todos têm, aparece em todas as respostas, podendo ser destacada uma: "Eu só brinco depois de fazer o serviço lá em casa".

Como Laranjeiras é um bairro com pouco tráfego e ruas largas, as crianças levam uma vida como numa cidade do interior. Podem brincar na rua e convivem mais com outras crianças, sendo poucos os que citam o "brincar com brinquedos". E isto é um fato interessante, pois como alerta Pinsky (7), "enquanto as brincadeiras de rua eram fruto da dinâmica interna de uma associação de crianças, o brinquedo industrializado vem de fora para dentro: pensado, criado, produzido, divulgado e comprado pelo adulto para a criança. Hoje mais de mil tipos de brinquedos, produzidos aos milhares encontram uma forma de se tornarem necessários às crianças".

Em nosso estudo, as crianças falam em brincar, mas não em brinquedos. Falam em jogar pelada; em brincar de conversar sozinho; de pique; pula-pula; queimada; em ir ao parquinho. Vão à casa do colega; andam de bicicleta; passeiam na cidade ou na praia; vão ao Centro Comunitário quando há atividades; vão à Igreja; visitam

Digitalizado gentilmente por:

parentes. É o espírito do bairro. Neste caso, a televisão, como opção de preencher o tempo, é relegada a segundo plano. Em estudo realizado pelo antropólogo Magnani (8) sobre a rede de lazer na periferia de São Paulo, descobriu-se que é falsa a idéia tão difundida segundo a qual os moradores da periferia ocupam seu tempo livre fazendo bicos para garantir um dinheiro extra, vendo TV ou dormindo. "A rede de lazer é mais rica, mais complexa e mais cheia de significados do que se imagina (. . .) e a televisão não parece escravizar os moradores da periferia".

Dumazedier, citado por Magalhães (9), trata o livro no contexto do lazer. Chama a atenção não só para a necessidade de reintegrar o imaginário na vida das pessoas, mas também para os perigos representados pelos mecanismos de projeção e identificação, que podem provocar confusões do mundo real com o imaginário. Aponta a elevação do nível de vida como um dos fatores mais eficientes para o desenvolvimento de hábitos de leitura, uma vez que permite a compra de equipamentos de lazer, inclusive livros, e mais tempo livre para recreação. Conclui que, apesar de muitos obstáculos, e de se encontrar ainda aquém de uma situação ideal, a leitura de obras literárias vem sendo incluída entre as formas de lazer de camadas cada vez mais numerosas da sociedade.

Em Laranjeiras, encontramos crianças que afirmam que "ajudo em casa, leio alguma coisa, leio para distrair a mente". Por isso, perguntamos a essas crianças se buscam algum tipo de literatura para distração. A maioria, 74%, responderam afirmativamente. Normalmente, procuram a Biblioteca Comunitária, em casa ou com colegas, mas nunca por indicação do professor. Cunha (1) questiona "qual tem sido a posição da escola com relação a lazer? Que formas de entretenimento tem ela incentivado? Tem a escola alimentado uma atitude positiva do aluno para com o livro?" Parece que não. É raro encontrarmos uma escola que se preocupe com desenvolver este trabalho: a leitura como prazer, e não como obrigação. Em Laranjeiras, a situação se agrava, pois os professores não utilizam o potencial da Biblioteca do bairro, bem como não se integram a este trabalho.

Felizmente, os alunos o fazem espontaneamente.

9 A QUESTÃO DA LEITURA

Bamberger, citado por Panet (11), lembra que " a leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação pela promoção do desenvolvimento da linguagem e do treinamento intelectual, e acentua a possibilidade de ajustamento à situação pessoal do indivíduo. Espera-se que, através da leitura, a criança desenvolva a linguagem e o raciocínio, enriqueça o seu vocabulário e se adapte melhor ao mundo, sem perder sua individualidade. A leitura possui vantagens que não se comparam às da televisão, do rádio e do cinema. Isto porque, ao invés de aceitar os programas e os filmes disponíveis no momento, a criança escolhe as melhores leituras do presente ou do

Digitalizado gentilmente por:

passado. Lê de maneira peculiar e em sua própria cadência, podendo retardar ou agilizar a leitura. Essa flexibilidade garante o valor permanente de leitura, tanto para a educação quanto para o conhecimento, uma vez que toda a dinâmica do saber está com ela vinculada".

Perguntamos aos meninos de Laranjeiras se têm tempo para ler, e 84% disseram que sim. Mas houve algumas reclamações como esta: "Tenho tempo mas não posso ler porque minha mãe me chama toda hora para fazer mandado". Dos entrevistados, 70% afirmam que gostam de ler ou que gostam mais ou mais ou menos, e que costumam ler. Quando procuramos saber por que gostam de ler, as respostas foram evasivas, às vezes confusas: "Sim, gosto, mas é meio chato, mas eu gosto". Esta superficialidade pode ser considerada normal, já que não existem mecanismos que os envolvam com o mundo da leitura. É perfeitamente natural que seja confuso entender o significado e a importância da leitura.

Em casa, 69% têm contato com livros, que são as "famosas" coleções do "homem que passa lá em casa vendendo", ou livros de historinha, religião, cartilha escolar, algumas revistas. Trinta e um por cento não possuem livros em casa.

Silva (12) afirma que "o processo de formação do leitor está vinculado, num primeiro momento, às características físicas (dimensões materiais) e sociais (interações humanas) do contexto familiar, isto é, presença de livros, de leitores e situações de leitura, que configuram um quadro específico de estimulação sócio-cultural. Neste ponto, gostaríamos de deixar claro que todas as crianças, por serem descendentes de espécie humana, possuem um potencial funcional (biológico e psíquico) para ler o mundo. Esse potencial desponta, em termos de conhecimento e ação, a partir do momento em que a criança recebe estímulos sócio-ambientais, dentro de relações familiares e sociais específicas". A criança pode ser estimulada pela atividade que alguns pais exercem, que é ler estorinhas para os filhos, podendo influenciar no gosto pela leitura. Isto ocorreu com 48% das crianças que conversaram conosco e estas retiveram na memória as estórias de que mais gostaram e que foram lidas pelos pais, tios ou avós. São elas: Gato de Botas; Três porquinhos; Branca de Neve; Cinderela; A Cigarra e a Formiga; João e Maria; Chapeuzinho Vermelho; Pinóquio; Montanha Encantada; Lobo Mau ou Bicho Papão. Ou seja, clássicos da literatura infanto-juvenil: os contos de fadas.

Bettelheim (13), em seu livro "Psicanálise dos contos de fadas", diz que na literatura infantil — com raras exceções — nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa (...) mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma

Digitalizado gentilmente por:

compreensão infantil. Como a criança, em cada momento de sua vida, está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam (. . .) Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança".

O estudo de Bettelheim mostra como estas estórias representam, sob forma imaginativa, aquilo que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano, e como os contos tornam tal desenvolvimento atraente para o engajamento da criança nele. Em Laranjeiras, encontramos uma menina de 16 anos que declarou que "até hoje gosta mesmo é de ler Branca de Neve" e outra de 12 anos que em casa tem apenas dois livros: Branca de Neve e Cinderela.

Voltamos à televisão, quando procuramos saber se nossos entrevistados já haviam lido ou despertado o interesse por algum livro em função de sua programação. Apenas 49% responderam que sim e citaram fundamentalmente as estórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo. E mais: A Moreninha; E o Vento Levou; Olhai os Lírios do Campo; Meu Pé de Laranja Lima; Cabocla e Escrava Isaura. A maior procura de livros infantis recai sobre os que são anunciados pelo Projeto Ciranda de Livros. Este foi criado para crianças de 7 a 12 anos e distribuído a cerca de 30 mil escolas carentes de todo o país, com o objetivo de incentivar o hábito de leitura entre as crianças alfabetizadas e atingir principalmente as crianças do interior do país, que não têm acesso ao mercado de livros. Sandroni (14) explica que "como a propaganda da Ciranda aparece na televisão, nós criamos para a criança uma necessidade que deve ser atendida mesmo que ela não tenha contato com o projeto. A criança que ouve falar da Ciranda na TV tem vontade de comprar o livro da mesma forma que quer um brinquedo anunciado ou um sorvete".

Talvez resida aí um grave problema, pois realmente as crianças entrevistadas manifestaram o desejo de ler os livros anunciados pela televisão, mas não o encontram, porque a Escola em estudo não faz parte das que são atendidas pelo Projeto. Neste momento, a propaganda da TV e o papel do Projeto é conflituoso. Por um lado, é interessante que se desperte na criança o interesse pelo livro; mas, por outro, por sua condição social, ela não tem acesso à estorinha anunciada, gerando assim uma certa frustração.

10 O QUE É BIBLIOTECA?

A idéia de biblioteca está ligada basicamente à existência do livro, pois está sempre sendo relacionada a um lugar onde há livros. Se tirássemos os livros e colocássemos microfichas e computadores, seria ainda uma biblioteca? Pelas respostas dos alunos, verificamos que existe uma relação básica: a biblioteca tem livros e lá se

Digitalizado gentilmente por:

faz pesquisa. Mas os meninos de Laranjeiras nos surpreendem e vão mais além: a relacionam com o saber (. . .fala do século passado), com a criatividade (biblioteca é para desenvolver melhor a criatividade da criança), com a leitura (. . . para desenvolver as pessoas na leitura), com aprendizado ou informação (coisa muito importante para nós saber da verdade. . . ou lugar onde a gente conhece mais coisa), com lazer (lugar para distrair) e até mesmo com o trabalho comunitário (biblioteca é para servir a comunidade ou . . .é comunidade). E assim conceituam o que é biblioteca: é onde tem monte de livros (7 anos); onde a gente se ajuda (10 anos); lugar onde tem livros que a gente precisa (11 anos); é o lugar onde todo mundo pode ler, aprender a fazer pesquisa e às vezes até tem livro para adulto na biblioteca, mas as pessoas não respeitam os livros e às vezes não devolvem (11 anos); coisas que é muito importante para nós, para saber do Brasil, saber da verdade (15 anos); lugar onde a gente conhece mais coisas e tem mais curiosidades (10 anos); lugar público (13 anos); lugar que quando a gente não tem nada para fazer, a gente vai lá; a gente conhece mais gente lá (11 anos); é aquele negócio que serve para nós fazer pesquisa e entregar livro de ler (11 anos); não sei explicar (15 anos); lugar para distrair, para ler e distrair (15 anos); lugar que tem livro, muito livro de pesquisa, estórias, do futuro da gente, lugar do futuro da gente (8 anos); lugar onde a pessoa pode aprender mais um pouco, ali também pode conhecer mais amigos (11 anos); biblioteca é para servir a comunidade, para aprender mais (12 anos); lugar onde a gente se encontra para pesquisar, ler os livros, ter mais cultura, nem sempre a gente se encontra para pesquisar, ler os livros, ter mais cultura, nem sempre a gente pode comprar e a biblioteca tem disponível (16 anos); importante para tirar conhecimento que a gente precisa (13 anos); onde as pessoas procuram desenvolver a ler e preenche o tempo, e ajuda nos estudos (12 anos); acho que é um negócio para ajudar a gente no trabalho da escola (14 anos); lugar importante para a pessoa que gosta de ler, para quem não gosta. . . (12 anos); agora é que ficou difícil (17 anos); lugar para pesquisar, para leitura recreativa, descobrir novos livros (10 anos); lugar que vende livros (10 anos); lugar para pegar livro, ler e estudar, a gente vê os troços lá na biblioteca e faz aqui no colégio na hora da prova (8 anos); biblioteca é assim, quando uma pessoa não tem livro em casa, vem na biblioteca, faz fichinha e pega o livro (9 anos); uma livraria, um monte de livro (8 anos).

11 CONCLUSÃO

Por tudo o que foi apresentado, pode-se concluir a necessidade de ser ampliado o conceito de biblioteca, ganhando maior amplitude e dinamicidade. Embora ações aleatórias, iniciativas comunitárias vêm colocar em cheque o tradicional conceito.

Mesmo sem bases científicas, ou despidas de qualquer procedimento mais técnico, a Biblioteca de Laranjeiras cumpre um papel renovador. Tal fato se apóia na tentativa de desenvolvimento de uma con-

Digitalizado gentilmente por:

cepção de Biblioteca e de uma prática inovadora, em torno dela, resultante de um processo de participação. A força do empreendimento está diretamente ligada aos interesses dos moradores, através da interação permanente junto a lideranças, de forma a assegurar uma permanente avaliação de anseios e expectativas.

Isso coloca por terra o tradicional conceito, cuja fundamentação se baseia apenas na pura e simples criação de ofertas, sem buscar a interação a uma demanda que nem sempre se identifica com os acervos colocados à disposição.

Quanto à Escola, embora receba a maior demanda potencial residente no bairro, está inteiramente encastelada. O sistema que a mantém não permite ao seu corpo docente ampliar os espaços, abrir as portas à pesquisa e à interação capaz de gerar desenvolvimento cultural. Mais do que isso, associar-se ao esforço empreendido pelo Grupo de Moradores que mantém a Biblioteca, a par das dificuldades inerentes de sua manutenção, sem verbas permanentes e sem apoio governamental. Um esforço que fica permeado pela dinamicidade imposta, fazendo despertar considerável interesse cultural.

Alunos, professores e moradores, uma vez unidos pelos mesmos propósitos, encontrariam formas alternativas de racionalizar as ações e dar bases mais amplas aos resultados já conseguidos.

Considere-se, pois, o nítido interesse demonstrado pelas crianças daquela Escola, a par de pertencerem a classes sociais menos privilegiadas, pela leitura de livros, ou mesmo igual vontade de dividir seu tempo tanto em horas de leitura ou televisão. A leitura figura na lista de ocupações com significativa potencialidade, ratificando o preceito de que a incumbência em ganhar tempo para leitura tanto se aplica ao trabalho escolar quanto às horas de folga.

Tais aspectos passíveis de reflexões e revisões poderão, segundo acreditamos levar à consideração de que mais do que em qualquer lugar, a biblioteca deve estar inserida no seio da comunidade, de onde emanam e para onde se voltam as principais manifestações de anseios e reflexões comunitárias.

Recomendações:

Atividades que a Biblioteca Comunitária pode realizar para maior interação junto aos professores e pais:

1. palestra para pais e professores sobre o trabalho desenvolvido na biblioteca, enfatizando a importância e necessidade da criança adquirir o hábito de leitura, de freqüentar a biblioteca etc.
2. manter e incrementar a programação existente: realização de gincanas culturais, encontro com escritores, feira de livros, e comemorações (aniversário da biblioteca, dia dos pais, da árvore etc)
3. Manter um mural na sala dos professores e corredores das escolas do bairro, que permita a fixação de listas de novos livros, e a programação de eventos realizados pela biblioteca.

Atividade que a Biblioteca Comunitária e os professores podem realizar junto

Digitalizado gentilmente por:

aos alunos:

1. hora do conto — pode ser realizado por turmas, usando o jardim da Associação dos Moradores, ou a praça em frente à Escola. A partir da história lida, podem-se desenvolver trabalhos de criação de novas histórias, interpretação da história lida, debates sobre o assunto, produção de desenhos, colagens sobre o texto etc.
2. palestras e/ou projeção de audio-visual sobre o uso e funcionamento de bibliotecas, sua importância etc.
3. programa de visitas às bibliotecas, arquivos e museus da cidade, como parte das atividades anuais da Escola.
4. promover criação de clubes de leitura (eleição do livro do mês, comunicação de experiências com livros, premiação com livros nas mais diversas ocasiões etc.)

BEJES &DIAS (15) nos fornecem algumas sugestões para orientação de estudantes, que podem ser aproveitadas ou adaptadas:

2a. série — manuseio do livro de leitura; noções básicas das partes integrantes do livro; utilização dos conhecimentos de seqüência alfabética.

3a. série — exercícios divertidos sobre alfabetação; manuseio e uso de dicionário; utilização de técnicas que despertam o interesse pela leitura, reforçando inclusive as aulas de leitura da classe.

4a. série — manuseio de fichários (analogia com a ordem alfabética de dicionário); diferença entre fichários de autor, título, assunto; explicação dos conhecimentos de ordem numérica crescente e decrescente; manuseio e uso de enciclopédia.

5a. série — como usar o catálogo; utilidade prática do índice; como localizar os livros na estante.

6a. série — partes do livro que podem ter interesse especial: orelha, prefácio etc.; a importância de citar a fonte consultada para o trabalho; como apresentar a bibliografia e para que ela serve; como conhecer e utilizar-se de periódicos em geral.

7a. série — como fazer resumo do assunto que interessa; como interpretar as fichas de autor, título e assunto; quais as fontes de pesquisa para diferentes assuntos; uso de outros materiais para pesquisa (recorte de jornais, mapas, folhetos etc.)

8a. série — como fazer uso de materiais especiais, slides, discos, microfichas e até mesmo do computador.

Sempre que possível, orientar o educando para uso de outras bibliotecas existentes, de acordo com seu grau de conhecimento e idade escolar.

"A biblioteca completa a tarefa escolar; esta não seria completamente eficaz sem o concurso daquela. É incongruente ensinar a ler a quem pouca ocasião tem de encontrar o uso do livro, e é nos primeiros anos de vida que se deve ensinar o uso e proclamar a utilidade da biblioteca. Há que atrair os meninos aos livros e ensinar-lhes o manejo das bibliotecas, para que aprendam a utilizá-las, a servir-se delas e para que, chegando o tempo em que sejam homens, continuem freqüentando-as igual-

Digitalizado gentilmente por:

mente, e tirem delas os meios para se tornarem mais úteis, mais inteligentes e melhores". (Lasso de la Vega)

BIBLIOGRAFIA:

1. ANGELO, Ivan. Problema do livro no Brasil. In: SILVA, Ezequiel. *Leitura e realidade brasileira.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
2. BADKE, Todêska. Biblioteca popular – uma experiência no bairro Laranjeiras. *Palavra-Chave*, São Paulo, APB/APBESP, n. 4, maio 1984.
3. GUIDI, Maria Laís & DUARTE, Sérgio Guerra. Um esquema de caracterização sócio-econômica. *Revista de Estudos Pedagógicos*, Brasília, INEP, 52 (115): 65-81, jul./set. 1969.
4. RABELLO, Odília. A biblioteca e a leitura informativa. In: Leitura, questão (sempre) emergente. *O Estado de Minas Gerais*, Suplemento Pedagógico. Belo Horizonte, n. 66, dez. 1982.
5. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. *Serviço de carros-bibliotecas – organização e funcionamento.* Brasília, 1983.
6. GRUPO MÍDIA DE SÃO PAULO. Alguns aspectos da audiência infantil nos meios de comunicação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (31): 34-40, dez. 1979.
7. PINSKY, Mirna. Pensando o brinquedo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (31): 49-52, dez. 1979.
8. Os embalos da periferia. *Isto É*, n. 377, mar. 1984. (Ver também: MAGNANI, José. Os pedaços da cidade. *Espaços & Debates*, São Paulo, Neru/Cortez, 2(5): 67-81, mar./jun. 1982.
9. DUMAZEDIER, Joffre. O lazer e o livro. Citado por MAGALHÃES, Maria Helena. Leitura recreativa infantil: uma revisão bibliográfica. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 10(1): 37-52, mar. 1981.
10. CUNHA, Maria Antonieta. Educação e lazer. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 8(2): 117-30, set. 1979.
11. BARBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. Citado por PANET, Carmen. Relevância da biblioteca pública infantil. *Boletim ABDF*, Brasília, 6(2): 32-7, abr./jun. 1983.
12. SILVA, Ezequiel. Escola e família – elementos fundamentais para o processo de formação do leitor. In: ———, *Leitura e realidade brasileira.* Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
13. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas.* Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
14. CIRANDA de livros volta em junho com apoio da Fundação Roberto Marinho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 abril 1983.
15. VEJES, Nylzamira & DIAS, Marly. Orientação de pesquisa bibliográfica sistematizada em bibliotecas escolares. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7. Belém, 1973. Anais... Rio de Janeiro, IBICT, 1977.

Agradeço a Profa. Maria Antonieta Antunes Cunha e aos Jornalistas Fernando Sanchotene e Jô Amado pelo incentivo e sugestões.

Digitalizado gentilmente por:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

A) Dados pessoais:

Idade: Sexo: Série: Bairro: Religião: Profissão do pai, mãe ou responsável:

B) Dados gerais:

1. Por que acha importante estudar?
2. Você ajuda em casa nas tarefas domésticas? E na renda familiar?
3. Quando tem uma pesquisa (trabalho escolar) onde consegue material para realizar o trabalho?
4. Sua Escola tem Biblioteca? Se tem, você a usa, o que acha dela?
5. Conhece e freqüenta a Biblioteca da Associação dos Moradores, a Biblioteca Comunitária?
6. Se freqüenta, o que acha dela, o que gostaria que lá houvesse?
7. Para que você vai à Biblioteca?
8. Já participou ou assistiu alguma atividade desenvolvida pela Biblioteca Comunitária?
9. Você conhece ou freqüenta a Biblioteca Pública da Serra? E a Biblioteca Pública Estadual?
10. Você conhecia ou usava o carro-biblioteca?
11. Como você ocupa seu tempo livre?
12. Você tem tempo para ler, costuma ler, gosta de ler?
13. Você tem contato com livros, tem livros em casa?
14. Seus pais liam estorinhas para você? Se lembra quais?
15. Você procura ler livro que você mesmo escolhe, sem ser obrigação escolar? Você busca algum tipo de livro para distrair?
16. Você já foi a uma livraria? Fazer o quê?
17. Já leu algum livro, ou teve vontade de ler por ter assistido em algum programa de televisão? (novela, filme. . .)
18. Como você se informa? Como fica sabendo o que acontece em Vitória, ou no Brasil?
19. Você lê jornal? E revista, revistinhas. . . ?
20. Você gostaria de aprender a usar a biblioteca? Por que?
21. Para você, o que é biblioteca?

Digitalizado gentilmente por:

025.5

EM BUSCA DE DIRETRIZES BÁSICAS PARA O SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO PARA BIBLIOTECAS BRASILEIRAS*

Neusa Dias de Macedo
Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

RESUMO

Ensaio visando a discutir diretrizes básicas para o serviço de referência e informação /SR e Info/, as quais devem ser o ponto inicial antes de determinação de padrões que venham subsidiar a avaliação desse serviço. Procura-se responder às perguntas: – O que é mesmo o Serviço de Referência? – Sob que aspectos deve ser visto o Serviço de Referência? – De onde partir para chegar às diretrizes básicas...? Os "Guidelines" da ALA como base para a discussão do último tópico.

Palavra-chave: *Serviço de Referência. Diretrizes. Conceituação. Categorização. American Library Association: "Guidelines"*

1.0 REFLEXÕES INICIAIS

A literatura especializada brasileira encontra-se em estágio epidêmico com a incidência de temas sobre avaliação de coleções; fluxo e uso da informação; estudo de usuário... e de novas tecnologias a serem introduzidas na biblioteca, entre elas a telemática.

Sobre o Serviço de Referência há escassa produção. lembrando-se sempre da revista especializada na matéria: *RQ* da American Library Association. Entretanto, aqui e ali também no Brasil, já se encontram trabalhos sobre avaliação do SR.

Que o SR é importante, há unanimi-

* Está sendo publicado, também, em revista não especializada em Biblioteconomia (*Comunicação e Artes*, São Paulo, v. 12, n. 2, 1984).

Digitalizado gentilmente por:

ABSTRACT

It discusses the guidelines for Reference Service that must be the start for setting standers and methods od evaluation. Questions are answered to three questions: 1 – What is Reference Service indeed? Which approaches must be foud to categorize the Reference service? From where we must start to reach the guidelines? The ALA'S commitment to information services is focused and summarijed to call the attention of Brazilian librarians on this matter.

KEY WORDS: *Reference Service. Guidèlines. Definition. Categorization. ALA commitment to information services.*

dade em questões de base; é necessário, com certa urgência, iniciar pesquisas sobre a matéria. E chegou o momento de procurar respostas a estas perguntas: Já existe uma clara definição do que seja o SR? – já existem estudos que busquem a fixação de terminologia, em língua portuguesa, do contexto da Referência? – Já foram delineadas as linhas, as políticas, as diretrizes básicas do SR em nossas bibliotecas? – Não se está colocando o "carro diante dos bois" ao desejar-se medir um tipo de serviço público que ainda não se definiu bem o que é?

Não resta a menor dúvida que a preocupação com a avaliação de serviços denota amadurecimento profissional. Compreende-se que há necessidade de se obter comprovações concretas sobre a efetividade dos serviços para a reivindicação de recursos necessários junto à administração superior, para modificações e inovações de serviços.

Fazendo um parênteses, é preciso observar que se administradores e professores das instituições a que pertencem nossas bibliotecas universitárias fossem reais usuários da informação (e tivessem passado por cursos de orientação bibliográfica) poderiam bem compreender as suas necessidades imediatas e o papel importante do bibliotecário de referência. Em contraposição, é preciso apontar outras situações: quando a biblioteca se impõe diante dos administradores e da clientela, numa imagem de efetiva prestação de serviços, não pode haver grandes lutas de relacionamento com a cúpula administrativa onde geram os recursos.

Digitalizado gentilmente por:

Antes de responder às questões propostas e com o fim de provocar um pouco de empatia ante as dificuldades passadas pelo setor de Referência, é preciso fazer algumas ponderações: O SR não pode responder à falta e às falhas de planejamento da Biblioteca. Atitudes administrativas corretas iniciais deveriam ter levado em conta os seguintes pontos:
— identificação do mercado-alvo, nos vários tipos de segmentos de usuários reais e potenciais;
— explicitação bem clara dos objetivos e funções a serem desempenhadas pela biblioteca universitária, tanto nos aspectos técnico-administrativos como nos educacionais e sociais, delineando já uma política de atendimento;
— escolha criteriosa de códigos e normas que mais se adeqüem ao tipo de nível de documentos que devem ser utilizados pelos segmentos do mercado-alvo; bem como o grau de análise e indexação desses documentos; planejamento e previsão apropriados de ambiente físico para abrigar os diversos segmentos desse público-alvo, nos diversos momentos em que desejos e necessidades os obriguem a permanecer no recinto da biblioteca.

Se a biblioteca foi criada no vácuo, sem o devido planejamento e não enfocada sob perspectiva sistêmica, qualquer disritmia provocada por falhas de partes que compõe o todo atingirá forçosamente o canal final: de circulação de materiais e utilização da informação. Entende-se, portanto, que o ponto vulnerável das inconstâncias do planejamento do sistema e proveniente de falhas das partes vai ser o "Serviço de Referência".

E aqueles elementos que estão em contacto com o público, tanto atendente do Serviço de Empréstimo como bibliotecário que atua no Serviço de Referência estarão sujeitos a receber toda a carga emotiva do descontamento do usuário que não pôde obter nem localizar a informação desejada. O bibliotecário de referência, é bem verdade, costuma receber toda a sorte de queixas sobre desatualização das coleções; falta de espaço e acomodações especiais para estudo individual ou em grupo; problemas de ruídos e horários inadequados da biblioteca; disso e daquilo, no momento de raiva (com justa causa) do pobre do usuário das bibliotecas brasileiras. Mas ele ainda não é o culpado, neste particular.

Todavia quando a biblioteca não pode destacar um elemento para servir na Referência, recai no usuário todo o peso das defasagens e falhas do sistema. Neste momento, vê-se da importância da presença do bibliotecário de referência a fim de explicar o por quê da não existência da informação desejada, e como manda a técnica encaminhar o usuário a uma fonte externa.

Um último ponto a considerar é o referente a culpas advindas do setor de Referência, quando o público não é atendido com cortesia e competência, por parte dos bibliotecários. Neste particular, sim, haveria motivos de queixas. Questões de interação humana no Setor de Referência é tema que deve ser objeto de atenção nos estudos biblioteconômicos.

Digitalizado gentilmente por:

Com isto posto, fica nitidamente claro que o SR não é algo independente. Sendo um serviço-fim, está ele representando o sistema como um todo funcionando na sua plenitude, ou seja, fornecendo a informação, o produto final dos serviços bibliotecários. É como se fosse o porta-voz de um discurso elaborado por pessoas diferentes, porém com idéias comuns e propósitos similares para alcançar o mesmo alvo.

Após estas reflexões críticas, encontramos o momento oportuno para responder às perguntas inicialmente formuladas.

TRES QUESTÕES EM FOCO

1 O que é Serviço de Referência?

Serviço de Referência, em princípio, é a assistência pessoal, especializada, dada pelo bibliotecário ao usuário que deseja obter uma informação específica para propósitos que envolvem, entre outras coisas, o estudo e a pesquisa.

Diga-se de passagem que perguntas gerais que não envolvem conhecimentos especializados, e facilmente respondidas por um atendente, do tipo — "Qual é o horário da biblioteca" — "Onde fica o setor de Reprografia"; não devem ser classificados como questões de Referência.

A palavra "Referência", de fato, promove ruídos na sua compreensão porque, sendo emprestada de vocabulário norte-americano, nada significa aos ouvidos do brasileiro. Entretanto, a grande causa da não sensibilidade à palavra pode ser outra. Os usuários de bibliotecas brasileiras, não tendo tido oportunidade de receber assistência especializada nas suas buscas de informação, pelas precariedades do SR em si, dificilmente podem fazer analogia da "palavra" "Referência" com os tipos de atividades que esse Serviço pode e deve prestar. A palavra Informação, por sua vez, tem também acepções várias e causa ambigüidade neste contexto, podendo até dar margem a vários outros significados.

A fixação de terminologia biblioteconômica é matéria que tem de ser objeto de atenção, o mais urgente possível.

Para se entender bem o que é Referência é preciso lembrar certos fatos. Originalmente, no contexto de bibliotecas norte-americanas, o SR se prendeu ao atendimento específico de questões fatuais, respondidas por meio de obras de referência, tipo dicionário, enciclopédia, almanaque, diretório etc. Depois, foi significando todas aquelas formas de assistência comum nas bibliotecas: localização de material; ajuda no uso do catálogo ou de obras de referência; levantamentos bibliográficos etc.

Com o passar dos anos, as bibliotecas se diversificaram por motivos vários, acompanhando as mudanças da sociedade. Por exemplo, o desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia causando o aumento da literatura impressa; o aparecimento de novas formas de documentos e de meios de comunicação da informação mudando a feição das bibliotecas e ampliando seu conceito e formas de tratamento da informação.

Digitalizado gentilmente por:

Assim, cada tipo de biblioteca (pública, universitária, de empresa) levando em conta suas novas funções, seus papéis de natureza social, cultural e até lucrativo (como acontece, em parte, com bibliotecas de empresas), seus tipos diversos de usuário teve que se posicionar quanto ao desenvolvimento de atividades e política de atendimento aos seus públicos específicos.

O grande problema reside no fato de que a maioria das bibliotecas não delineou política alguma de seleção ou de prestação de serviços.

A biblioteca especializada, no entanto, contando com segmentos de usuários mais homogêneos e metas bem definidas, tem-se dedicado, com muito empenho, a gerar produtos que satisfaçam aos interesses da instituição de modo mais direto e efetivo. Na verdade, aqui, biblioteca passou a significar o Serviço de Informação propriamente dito daquela empresa, interessando neste contexto não o material existente, mas o que se pode extrair dele, rapidamente, para informar ao especialista que dele necessita para o andamento de seus projetos.

Mais do que outros tipos de bibliotecas, a especializada, e parte das universitárias, tomou novos rumos, expandindo atividades que visassem a uma antecipação da informação ao usuário. Este, tendo centralizado a atenção total do SR e Info., pôde receber em seu próprio local de trabalho instrumentos bibliográficos de alerta e de disseminação seletiva, corrente, na informação. A determinação do perfil de interesse do usuário, a análise mais profunda dos documentos, a possibilidade do uso do computador na recuperação da informação "on line" têm permitido ao usuário receber informação mais relevante e pertinente, em tempo hábil, otimizando, portanto, a satisfação de uso da informação.

Com isso, pode-se compreender que quanto mais especializada e mais apoio tecnológico puder contar a biblioteca melhor atendimento poderá ser dirigido aos usuários. Acrescendo a esta situação a idéia do compartilhamento de recursos e os entendimentos de cooperação e intercâmbio de serviços, mais benefícios recairão ao usuário da informação, até pouco tempo esquecido e relegado a segundo plano.

O conceito moderno de Referência, relacionado com a realidade presente, se alarga para um tipo de serviço mais aberto utilizando-se de vários meios de materiais, não se confinando a fontes internas. Atende o usuário pessoalmente, mas, também, por telefone, carta, via computador; utiliza as coleções bibliográficas e multimeios do próprio sistema de informação ou à base de cooperação com outras bibliotecas. Visa, enfim, alcançar a satisfação do usuário real e potencial, em qualquer tipo de propósito, desde a resposta a uma simples pergunta até à orientação no uso da biblioteca, aos levantamentos bibliográficos e à disseminação seletiva da informação.

A resposta à próxima pergunta ajudará a melhor caracterização do que comporta um Serviço de Referência e Informação.

Digitalizado gentilmente por:

2 Sob que Aspecto deve ser visto o Serviço de Referência?

Sob determinado ângulo de Referência — como Seção de Departamento (dependendo do tamanho da Biblioteca) deve ser vista como um órgão com atividades-meios próprias para desempenhar funções que atinjam seu próprio fim. Coincidentemente seu alvo é também o fim-último da biblioteca: a satisfação do usuário.

Paralelamente ao serviço de Referência, funciona o Serviço de Empréstimo. Ambos têm funções semelhantes, mas propósitos diversos. Embora os dois tenham a ver com o atendimento ao público, um deles cuida da circulação dos materiais, que são tomados por empréstimo para leitura a domicílio; o outro cuida particularmente da coleção de referência e das consultas realizadas com qualquer tipo de material existente na biblioteca; encaminha o usuário a fontes externas e se responsabiliza pelo empréstimo entre-bibliotecas. Enfim, o Serviço de Referência, pela atuação profissional de bibliotecários destacados para esse fim, auxilia e orienta os usuários nas suas dificuldades de uso dos recursos da biblioteca; na resposta a questões de referência, quando o usuário o procura. E quando não o faz, de "antena ligada", o serviço provê instrumentos bibliográficos que levem a informação aonde está o usuário potencial.

Os dois setores que compõem a referida "Divisão de Auxílio aos Usuários" têm seus funcionários próprios; equipamentos; normas e procedimentos; manuais de serviço etc. interagindo-se para desempenhar funções de circulação de materiais e informação, para chegar a uma otimização do uso da Biblioteca.

No que diz respeito particularmente ao SR e Info. em nosso entender, ele comportaria quatro linhas de atuação:

1 REFERÊNCIA PROPRIAMENTE DITA que corresponde à tradicional "Ready reference". Neste ponto, o bibliotecário aguardando ser procurado pelo usuário, responde a questões de referência e assiste o mesmo nas suas dificuldades de localização e obtenção da informação, bem como o encaminha a outras instituições quando não existe, no recinto, a informação (*Referals*).

2 ORIENTAÇÃO FORMAL AO USUÁRIO quando o Setor programa, de forma sistemática, visitas orientadas, cursos etc., para instruir os usuários no manejo da biblioteca, na prática da pesquisa bibliográfica, etc.

3 DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO que se preocupa em antecipar a busca da informação pelo usuário, preparando boletins bibliográficos e informáticos; sínteses da informação; instrumentos de alerta e disseminação seletiva, corrente, da informação, não obrigando a vir amiúde à biblioteca.

4 DIVULGAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA BIBLIOTECA, por meios vários: impressos, comunicação visual, audiovisuais... a fim de mostrar ao usuário o que existe e como funciona o sistema de informação.

Estudo mais aprofundado sobre concei-

Digitalizado gentilmente por:

tuação e terminologia e categorização do SR e Info. está sendo por nós desenvolvido como pesquisa acadêmica. No momento, o nosso empenho é chamar atenção às Diretrizes do SR.

3 De onde partir para chegar às Diretrizes Básicas do Serviço de Referência e Informação?

Em primeiro lugar, é preciso refletir sobre o que são Diretrizes e Padrões e tomar como base o que já fez a American Library Association nessa matéria.

Diretrizes são delieamentos e instruções básicas para o estabelecimento de um tronco comum de um SR e Info. Trata-se de "Guidelines" para compor-se um documento onde se estabeleçam objetivos, marcos, política de serviço de informação sobre os componentes do sistema. Não há preocupação com números e medidas como acontece com os Padrões.

Padrões, estabelecendo critérios, e fornecendo subsídios numéricos sobre orçamento, acervo, área, pessoal, instalação, serviços etc., são pontos de apoio para serem utilizados pelos bibliotecários ao planejar e/ou avaliar sistemas de informação (3)

É necessário, entretanto, que organismos nacionais, especializados de reconhecida credibilidade, sejam os planejadores e executores dos "Standards". Também é preciso muito cuidado e reserva na aplicação dos dados quantitativos existentes nos Padrões, tendo em vista que a maioria dos modelos são frutos de realidades de países altamente desenvolvidos.

Feitas essas colocações, voltemos a observar o que têm feito os Estados Unidos nessa matéria (4). Já desde 1917 os especialistas se preocupam em realizar estudos sobre "standards". A ALA cria, e, 1969, os "Standards Committe to Reference and Adult Services Division" (RASD), Louis Shores, em 1968, é incumbido de realizar estudos de campo a fim de que seja possível delinear as *Diretrizes*... Com a população de 108 bibliotecas na região metropolitana de Atlanta é realizado o estudo, (5) tendo em vista natureza do SR, escopo, tipo de atividades desempenhadas pela biblioteca etc. Analisando os dados obtidos, o eminente especialista norte-americano pôde constatar que (mesmo num contexto adiantado como é o de Atlanta) a maioria das bibliotecas estudadas não haviam ainda explicitado claramente os seus objetivos institucionais e nem existia qualquer política para o SR.

Somente a partir desse estudo foi possível delinear *Diretrizes* básicas para o desenvolvimento do SR e Info., pois segundo informa o próprio RASD, numa das edições do "Commitment"..., a variedade dos sistemas é tão grande que não permite estabelecer padrões únicos de quantidade, qualidade, extensão, exatidão e nível de serviço.

Portanto, fica bem claro que as *Diretrizes* devem vir antes dos *Padrões*. E para delinear *Diretrizes* é preciso que se realizem estudos de campo para obter dados consensuais sobre o SR e Info.

Tendo como base os "Guidelines" da ALA, passaremos a resumir os pontos

Digitalizado gentilmente por:

básicos desse documento para que sirva de texto-base para a elaboração de um esquema das Diretrizes do SR e Info. a bibliotecas brasileiras, ou, pelo menos, para chamar atenção para a importância de iniciativas de tal gênero.

PONTOS DE DESTAQUE NAS "DIRETRIZES PARA O SERVIÇO DE REFERÊNCIA", DA ALA

(Cf. *A Commitment to Information Services*: developmental guidelines, 1970. Prepared by Standards Committe, Reference and Adult Services Division, American Library Association) (1,2)

INTRODUÇÃO

Requer-se re-exame de conceitos e metodologia do Serviço de Referência:
— Avanço de tecnologia, diversidade crescente de recursos informacionais e de grupos de usuários têm implicado no aparecimento de novos e aperfeiçoados sistemas de recuperação de informação, exigindo, portanto, alta prestação de serviços.
— Interesses diferentes de usuários exigem apoio externo para suprimento de recursos informacionais. Está sendo aceita a idéia do compartilhamento de recursos, contando para isso com sistemas cooperativos e funcionamento de bibliotecas em redes.
— Exigência de bibliotecários mais capacitados e treinados para negociar questões com os usuários e orientá-los na utilização dos recursos da biblioteca.
— Necessidade de aperfeiçoamnto contínuo dos bibliotecários. Estes profissionais devem estar em disponibilidade em todo o horário de atendimento da biblioteca.
— Adequar estratégias de serviço aos diversos níves de usuários, sendo que também usuários potenciais devem ser objeto de atenção no planejamento de atividades.

Estas *Diretrizes*, entretanto, visam a oferecer subsídios para a determinação de um *padrão básico* de prestação de serviço de referência e informação principalmente para as instituições que carecem de direcionamento prática e de auto-avaliação para o desempenho desse serviço.

São dirigidas não só a bibliotecários como educadores, administradores e mantenedores de bibliotecas.

SERVIÇO DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO E SEUS NÍVEIS

Encargo fundamental para atingir a satisfação dos usuários reais e potenciais.

No processo de transferência de informação, sua função tem a característica principal de otimizar o uso dos recursos informacionais, por meio de real interação do sistema com os usuários em dois níveis: diretos e indiretos.

Entende-se que o nível direto inclui o atendimento pessoal e a instrução oferecida aos usuários e o nível indireto o acesso à informação pelos instrumentos bibliográficos, base de dados e recursos provindos de acordos interbibliotecários.

Digitalizado gentilmente por:

SERVIÇOS

— Existência do SR e Info. não só para ir ao encontro das necessidades imediatas do usuário como para antecipar suas demandas.

— Preparação de "manual de serviço" para uso interno e também para ser consultado pelo usuário. Conter definição clara dos objetivos do serviço; mostrar a extensão e limitação do mesmo; a quem e por quem é oferecido. Importante porque estabelece uma política de prestação de serviço.

— Necessidade de avaliação periódica dos serviços prestados e encaminhamento a fontes e externas, a fim de apontar barreiras e deficiências. Identificação dos usuários reais e potenciais para detectar graus de satisfação e sucesso na obtenção da informação.

— Oferecimento de programas de instrução aos usuários para otimização do uso da informação.

— Elaboração de guias bibliográficas e instrumentos de alerta para facilitar o conhecimento do potencial bibliográfico existente.

— Adequação do ambiente físico da biblioteca para possibilitar melhor interação do usuário ao sistema. Além do atendimento pessoal, outras formas de cominicação devem ser providas: correspondência, telefone e outros.

— Extensão de atendimento ao usuário, por meio de cooperação inter-bibliotecária e encaminhamentos a outros Serviços de Informação.

RECURSOS INFORMACIONAIS

— Adoção de política de seleção que atende não só os interesses imediatos de usuários reais como, também, as demandas possíveis de usuários em potencial. Atentar para campos determinados que podem ser cobertos pelos acertos cooperativos.

— Composição do acervo levando em conta vários tipos de suportes, bem como duplicação de itens muito solicitados para agilizar demandas.

— Relacionar seleção de materiais com níveis de prestação de serviço: demandas gerais, apoios a ensino, pesquisa etc.

— Revisão constante quanto à condição, utilização e atualidade do material, para fins de conservação, descarte e reposição.

— Padrões de atendimento ao público e horário de funcionamento em consonância com necessidades dos usuários. Durante todo o expediente, um bibliotecário habilitado deve prestar atendimento aos usuários.

— A equipe de referência deve promover ativamente o uso de todos os serviços da biblioteca e bem assistir os usuários. Para isso, áreas apropriadas para o SR e Info. devem ser providenciadas.

AMBIENTAÇÃO FÍSICA

— Localização do SR e Info. e suas unidades em pontos próximos à entrada principal e onde circulam os usuários.

— Coleção de Referência localizadas em área de fácil acesso, para rápido e eficiente atendimento.

Digitalizado gentilmente por:

— Provisão de salas especiais para estudo individual e em grupo.

PESSOAL

— Adequada formação acadêmica, conhecimento profissional e facilidade de comunicação com o público são requisitos para escolha da equipe de Referência.
— Educação contínua e aperfeiçoamento profisisonal como responsabilidade do indivíduo, dos administradores e de instituições.

AVALIAÇÃO

— Pesquisa periódica junto aos usuários para avaliar os serviços deve ser atribuída a pessoas qualificadas para esse fim. Resultados serão utilizados para relatórios, previsões orçamentárias e decisões administrativas.

ÉTICA DE SERVIÇO

— Informação prestada a mais exata possível, sem interferência pessoal ou ideológica, mantendo-se o mais perfeito sigilo profissional.
— A disposição dos interessados, por escrito, normas e princípios devem ser executados com imparcialidade.
— Como representante da Biblioteca perante o usuário, o bibliotecário não deve receber qualquer espécie de remuneração pessoal.

Pode-se antever que haja objeções ao estudo de um documento tão geral e que não contenha grandes novidades; mas o importante é que a matéria possa suscitar reflexões sobre a necessidade de estabelecimento do SR e Info. dentro de uma sistemática, com consenso nacional, e explicitando políticas de atendimento para dar conhecimento público;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Standards Committe Reference and Adult Services Division. A commitment to information services: developmental guidelincs 1979. RQ, Chicago, 18(3):275-8, Spring, 1979.
2. ————. Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação – 1979, Trad. Inês Maria de M. Imperatriz; Rev. Neusa Dias de Macedo. *Revista Latino-americana de Documentación*, Brasília, 3(2):41-3, jul./dic. 1983.
3. CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. *Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias*. Fortaleza, Edições UFC; Brasília, ABDF; 1981.
4. KLASSEN, Robert. Standards for Rcvcrence Scrvices. *Library Trends*, 31(3):421-9, Winter, 1983.
5. WHITE, Ruth W. *A study of reference services and reference users in the metropolitan Atlanta area*: a descriptive study of reference services of selected libraries and of sclected uscrs of those services. Athens, Ga, University of Georgia. Depto. of Library Education. 1971.

Digitalizado gentilmente por:

DIRETRIZES PARA O ESTABELECIMENTO DOS SERVIÇOS DE REFERÊNCIA E INFORMAÇÃO — 1979*

Tradução de:

A COMMITMENT to information services: developmental guidelines. RO, Chicago, *18*(3): 275-8, Spring 1979.

Realizada por: Inês M.M. Imperatriz**
Revisada por: Neusa Dias de Macedo**

O aparecimento de sistemas de recuperação da informação completamente novos e aperfeiçoados tem exigido o reexame dos conceitos e métodos estabelecidos para os serviços de referência e informação. [Em decorrência desse fato,] a [própria] estrutura de trabalho adotada nas instituições, para essa atividade, torna-se menos importante do que a prestação de serviços de alto nível. Além disso, a diversidade crescente de grupos de usuários requer mudança nos padrões tradicionais de prestação de serviços de informação, particularmente no que se refere a esforços cooperativos e a funcionamento em rede, através dos quais é oferecido apoio complementar para a provisão de recursos informacionais. [1]

O bibliotecário/especialista da informação deve ser o intermediário ou o negociador [de perguntas] que desvenda [para o usuário] os multivariados recursos de informação.[2] Essa responsabilidade faz com que o conceito de bom atendimento do

* Tradução autorizada pela American Library Association, do texto elaborado pelo Standards Committee, Reference and Adult Services Division. Publicada, pela primeira vez, na *Revista Latino-americana de Documentación*, Brasília, 3(2):41-3, jul./dic. 1983. Devido à importância da matéria que será discutida no 4º Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, a ser realizado em Campinas, SP em fev. 1985, intenta-se dar ampla divulgação a esta tradução.

** Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 05508, S. Paulo.

1. Com o intuito de esclarecer alguns trechos, pequenos acréscimos ao texto original foram incluídos entre colchetes.

2. No texto original, é freqüente a expressão

Digitalizado gentilmente por:

bibliotecário recaia na sua capacidade de contribuir efetivamente para facilitar tal processo. Durante o atendimento [de referência] este profissional deve agir com imparcialidade e não emitir juízos de valor.

Reconhece-se que é necessário planejar estratégias de serviços mais aperfeiçoados e mais apropriados aos usuários dos mais diferentes níveis, [esses últimos] desconhecidos para os profissionais da área até há algum tempo. As DIRETRIZES consideram um padrão básico de prestação de serviços como sugestão para o atendimento das necessidades de usuários, naquelas instituições que precisam de direcionamento prático e de auto-avaliação para o desempenho do serviço de referência.

As DIRETRIZES são destinadas a todos os que têm alguma responsabilidade no provimento de serviços de informação e referência, incluindo-se o especialista da informação ou o bibliotecário de referência, os chefes de departamentos ou os supervisores, os administradores, os educadores e os mantenedores. Ao prestar serviços, eles deverão considerar as necessidades e os interesses de todos os usuários, sejam crianças, jovens ou adultos, sejam as pessoas que não costumam ir pessoalmente aos centros de informação e os usuários em potencial.

librarian/infromation specialist que designa, de modo amplo, o profissional da área. Para a tradução, foi mencionada apenas *uma vez* por completo e, para as demais ocorrências da expressão, foi adotado o termo "bibliotecário", ao qual se deve emprestar o significado pretendido.

ESCOPO

Nas bibliotecas e centros de informação, a prestação de serviços de informação e referência deve ser entendida como o encargo fundamental para o alcance das necessidades dos usuários reais e em potencial.[3,4]. Essa prestação de serviços inclui a devida orientação quanto ao uso dos recursos informacionais existentes, numa área do conhecimento ou num determinado campo de interesse.

Partindo-se do princípio de que todas as funções de uma biblioteca ou centro de informação deveriam ser consideradas, em última análise, facilitadoras da transferência de informação, pode-se dizer que a característica principal dos serviços de referência é a otimização do uso dos recursos informacionais, através da interação real com os usuários, nos níveis direto [A e B] e indireto [C], citados a seguir:

A. **Serviços de referência e informação** consistem em assistência pessoal aos usuários que buscam informação. A natureza

3. *Centro de informação*, neste documento, inclui todo o posto de atendimento em que o usuário real ou em potencial pode procurar por informação, de qualquer nível ou tipo, através de meios diretos ou eletrônicos.

4. *Serviços de informação* constituem a designação usada nas DIRETRIZES para abranger todos os serviços tradicionais de referência e informação com o significado mais amplo possível.

Digitalizado gentilmente por:

e a extensão de informação; com o usuário que a instituição se propõe a atender; com a habilidade, a competência e o treinamento profissional do bibliotecário que presta serviços e, finalmente, com os recursos disponíveis tanto na instituição à qual o usuário recorreu, como em outros órgãos/ entidades. Esse serviço deve abranger desde a resposta a uma indagação aparentemente simples, até o fornecimento de informação baseada em busca bibliográfica, combinando a eficiência do bibliotecário/especialista da informação nas técnicas [biblioteconômicas] de recuperação da informação com a competência no objeto da pesquisa solicitada. A característica predominante do serviço de informação, independentemente do seu alcance ou da sua intensidade, é o fornecimento de um produto final que consiste na informação procurada pelo usuário.

B. **Orientação formal e informal para o uso da biblioteca ou centro de informação e de seus recursos** – pode abranger desde a explicação sobre o uso dos instrumentos bibliográficos (p. ex., catálogos, bancos de dados, obras tradicionais de referência), até a necessidade mais formal através de visitas orientadas e palestras, com a finalidade de proporcionar direcionamento aos usuários na busca de informação, mais do que o fornecimento da informação em si.

C. **O serviço de referência indireto** provê ao usuário o acesso a multivariadas fontes de informação (p. ex., bibliograficas, índices, bancos de dados) e pode ser a extensão do serviço de informação através de programas cooperativos com outras bibliotecas ou centros de informação. Este tipo de serviço bibliográfico reconhece o papel-chave da cooperação inter-bibliotecária e entre órgãos/entidades, visando a proporcionar um serviço de informação adequado aos usuários.

DIRETRIZES PARA O SERVIÇO DE REFERÊNCIA

1 Serviços

1.1 Os Serviços de referência ou informação precisam ser organizados não somente para atender às necessidades dos usuários e para melhorar os serviços atuais, como também para antecipar as necessidades e demandas dos usuários.

1.2 Um "manual de serviço" impresso, com objetivos definidos, deve ser consultado para a prestação dos serviços e estar disponível para todos os usuários. O "manual" tem a finalidade de descrever detalhadamente as circunstâncias em que os recursos e os serviços devem ser oferecidos, além de indicar a sua existência de algum limite para a sua provisão, para quem e por quem devem eles ser levados a efeito (ver Apêndice *A*).

1.3 [A prestação de] serviços de referência ou informação deve ser revista a intervalos regulares, para identificar aqueles indivíduos que estão, ou não, sendo atendidos, e para estabelecer como

Digitalizado gentilmente por:

estes últimos podem ser alcançados.

1.4 Deve-se procurar obter uma retroalimentação contínua sobre a satisfação dos usuários para com os serviços e do seu sucesso em localizar a informação.

1.5 Uma programação específica para a orientação individual quanto ao uso dos instrumentos de informação deve ser desenvolvida e adotada em todos os tipos de bibliotecas, centros de informação ou setores de atuação da biblioteca.

1.6 Guias Bibliográficos ou outros meios de acesso à informação devem ser elaborados por bibliotecários, como forma de serviço ativo de "alerta", indicando o potencial de recursos de informação disponível para os usuários.

1.7 O acesso a serviços de informação e referência deve ser promovido e provido em ambiente adequado, incluindo-se o atendimento pessoal [entre bibliotecário e usuário], por correspondência e/ou por outros meios de comunicação.

1.8 A cooperação formal com várias outras bibliotecas, centros ou setores a nível local, regional, estadual e nacional, é indispensável para o atendimento das necessidades de todos os usuários reais e em potencial.

1.9 O encaminhamento dos usuários para outras fontes ou setores deve também fazer parte da rotina do serviço de informação. Essas remissões devem ser avaliadas sistematicamente, a fim de se determinarem a eficácia do encaminhamento e a qualidade do atendimento prestado.

2 Recursos

2.1 Deve ser adotada uma política de seleção [de material] visando ao atendimento das necessidades reais e antecipadas dos usuários e que abranja os recursos disponíveis na [sua] área de interesse. Deve-se pensar também numa política de seleção cooperativa em determinados campos.

2.2 Devem ser incluídos [no acervo] materiais que reflitam tanto a diversidade de suportes, como os níveis de prestação de serviços de informação (p. ex., serviço de informação geral, recursos de apoio complementar e de capacitação à pesquisa), além das necessidades habituais de informação dos usuários.

2.3 Vários exemplares de materiais muito solicitados devem estar disponíveis para o atendimento mais rápido das demandas dos usuários.

2.4 Todos os materiais destinados à informação devem ser examinados regularmente quanto à sua condição, utilização e atualidade e, conforme o caso, conservados, descartados ou repostos.

Digitalizado gentilmente por:

3 Ambientação física

3.1 Devido à sua importância, os serviços de informação devem manter os seus postos de atendimento em local tão próximo quanto possível da área principal de circulação de usuários. Em algumas ocasiões, esses postos deverão estar próximos à entrada principal da biblioteca.

3.2 A coleção de obras de referência deve estar localizada em área de fácil acesso para permitir o atendimento rápido e eficiente.

3.3 Cabines individuais ou outros dispositivos para estudo silencioso e concentrado devem ser oferecidos aos usuários do setor de referência.

3.4 O posto principal de atendimento de referência deve situar-se em área escolhida de tal modo que a "entrevista de referência" não perturbe os demais usuários da biblioteca.

3.5 Postos adicionais de atendimento, distribuídos em vários locais da biblioteca, devem indicar o acesso aos bibliotecários de referência, utilizando, se necessário, equipamento e técnicas de comunicação apropriadas.

4 Pessoal

4.1 Os padrões [adotados] para o desempenho profissional [da equipe de funcionários] e [a escolha do] horário de atendimento da biblioteca devem refletir diretamente nas necessidades dos usuários.

4.2 Um bibliotecário habilitado deve estar à disposição dos usuários durante todo o período de atendimento da biblioteca.

4.3 O pessoal do setor de referência e informação deve promover e incentivar o uso de todos os serviços da biblioteca. Essa atividade deve ser desenvolvida com quaisquer meios que a biblioteca possua como, por exemplo, a reserva de uma área de circulação apropriada para um diálogo informal [entre bibliotecário e usuário], no sentido de [informar sobre os serviços disponíveis e de] oferecer-lhe assistência.

4.4 Quando o número de profissionais da biblioteca permitir, alguns bibliotecários deverão receber treinamento individual em áreas específicas.

4.5 A equipe de referência deve ser escolhida não só por sua formação acadêmica e o seu conhecimento [profissional], mas tamvém por sua facilidade de comunicação com o público.

4.6 A educação contínua do bibliotecário é básica para o aperfeiçoamento profissional e é de responsabilidade do indivíduo, da instituição e de seu corpo administrativo.

Digitalizado gentilmente por:

5 Avaliação

5.1 Os dados sobre os usuários devem ser obtidos em intervalos regulares para se determinar a eficácia dos padrões de serviços de informação. Tal fato implica na previsão orçamentária para a elaboração de "estudos de usuários".

5.2 A medição e a avaliação dos serviços de referência e informação devem ser de responsabilidade de um ou mais membros da biblioteca, preparados para essa atividade.

5.3 Os dados estatísticos devem ser obtidos sistematicamente para fins de avaliação, tomadas de decisão administrativa, relatórios e previsão orçamentária.

6 Ética de Serviço

6.1 A informação prestada aos usuários deve ser a mais exata possível. [Fatores como] o tipo de pergunta ou o "status" do usuário não devem modificar o atendimento. Os usuários devem recorrer às instituições de acordo com o papel, alcance e finalidade de cada uma delas.

6.2 A filosofia e as atitudes pessoais não devem interferir na execução dos serviços ou na extensão e exatidão da informação prestada.

6.3 Os contactos com os usuários durante o atendimento, sejam eles de referência ou direcionais, devem ser tratados com completo sigilo profissional.

6.4 Todas as normas e os procedimentos sobre a disponibilidade [dos materiais] e o uso da informação ou dos recursos devem ser executados com imparcialidade. Eles devem ser formulados por escrito (p. ex., numa "carta de princípios do atendimento de referência") e colocados à disposição dos usuários.

6.5 O bibliotecário não deve receber qualquer remuneração pessoal [extra] pelo atendimento de referência, em que atua como representante da biblioteca perante o usuário.

APÊNDICE A

Esquema para o "Manual de Serviço de Referência e Informação

I INTRODUÇÃO

A. A Natureza do serviço de informação
B. Estabelecimento de objetivos
C. Finalidade do Manual
   1. Orientação
   2. Padronização de serviços

II TIPOS DE SERVIÇO

A. Princípio geral
B. Lista de serviços

1. Prestação de serviços de informação.
   a. Serviços de informação-resposta a questões específicas, dados estatísticos, biografias etc.

Digitalizado gentilmente por:

b. Orientação para o uso da biblioteca-como usar os catálogos, os índices de periódicos, as bibliografias, os serviços, etc.
c. Verificação bibliográfica de ítens existentes ou não na biblioteca, incluindo-se orientação para a obtenção de ítens por compra, cópia ou empréstimo de material não constante do acervo.
d. Orientação para a metodologia da pesquisa bibliográfica, referenciação bibliográfica, etc.
e. Orientação para a localização de material na biblioteca.

2. Serviço inter-bibliotecário
   a. Solicitação de empréstimo de material a outras bibliotecas.
   b. Atendimento de pedidos de empréstimos de outras bibliotecas.
   c. Respostas a perguntas de outras bibliotecas.

3. Apoio bibliográfico
   a. Bibliografias
   b. Bibliografias encomendadas
   c. Serviço de alerta corrente.

4. Correspondência-atendimento de perguntas individuais.

5. Acesso aos documentos pertencentes ou não ao acervo.

III. USUÁRIOS DA BIBLIOTECA

A. Identificação
B. Categorização

IV. PRIORIDADES

V. PRINCÍPIOS ADOTADOS PARA O ATENDIMENTO DO SETOR DE REFERÊNCIA

A. Diretrizes gerais

1. Natureza e extensão de responsabilidades

2. Diretrizes para o atendimento de perguntas.
   a. Gerais
   b. Com problemas a serem resolvidos

3. Comportamento e atitudes
   a. Acessibilidade
   b. Mobilidade

4. Registro de dados estatísticos e perguntas.

5. Relatório de problemas.

B. Orientação geral para a equipe do setor de referência (limitações referentes às responsabilidades indicadas na Seção I).

C. Uso de Telefone

1. Recebimento de chamadas
   a. Diretrizes gerais (tempo para responder às chamadas, prioridade para o usuário que se encontra no recinto etc.)
   b. Localização do usuário (através de alto-falante etc.)

Digitalizado gentilmente por:

c. Consulta ao catálogo do público.
d. Perguntas sobre o material em circulação (examinar também o material nas estantes).
e. Informações gerais sobre a biblioteca.
f. Telefonemas pessoais.
g. Chamadas de emergência e para resolver situações embaraçosas.

2. Ligações da biblioteca para outras instituições e/ou pessoas
a. Diretrizes gerais
b. Uso do telefone pelo usuário

D. Supervisão de Materiais para Circulação
1. Obras de referência e outros materiais destinados à consulta na biblioteca.
a. Coleção de referência.
b. Obras de referência retiradas do acervo e armazenadas em depósitos [mas com possibilidade de consulta]
c. Arquivos.

2. Autorização para prorrogação de empréstimo de periódicos.

3. Documentos

4. Arquivo de recorres

5. Microformas

6. Material não processado.

E. Responsabilidade pelo serviço noturno, em fins-de-semana e durante plantões em horários especiais
1. Áreas permitidas ao público

2. Setores fechados

F. Perguntas sobre material "em processamento"

G. Encaminhamento do usuário para outros centros
1. Informações

2. Outras bibliotecas e serviços

F. Coleções especiais de informação
1. Documentos

2. Microformas

3. Arquivos

4. Arquivo de recortes

I. Supervisão junto aos catálogos
1. Perguntas

2. Orientação sobre a consulta aos catálogos

J. Perguntas para provas, exercícios, divertimento intelectual (quebra-cabeças)

K. Questões genealógicas

VI. EMPRÉSTIMO INTER-BIBLIOTECÁRIO

VII. APOIO BIBLIOGRÁFICO

A. Material preparado pelo Setor de Referência

Digitalizado gentilmente por:

B. Solicitações dos usuários
1. Individuais

2. Cursos

3. Pessoal administrativo

C. Serviço de Alerta Corrente

VIII. ATENDIMENTO POR CORRESPONDÊNCIA

A. Recebimento de cartas
1. Informações gerais

2. Informações bibliográficas sobre o acervo

3. Questionários (dados para pesquisa, etc.)

B. Expedição de cartas
1. Preparo e revisão de respostas

2. Cartas de apresentação

IX. ACESSO AOS DOCUMENTOS PERTENCENTES OU NÃO AO ACERVO

X. ORIENTAÇÃO E INSTRUÇÃO AOS USUÁRIOS

Digitalizado gentilmente por:

LEGISLAÇÃO

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO SEÇÃO I, SÃO PAULO, 94(198), sexta-feira, 19 de outubro de 1984

MINISTÉRIO DO TRABALHO

Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região

1 – Edital de Convocação
2 – Chapa Registrada

A Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região, Mercedes Della Fuente, no uso de suas atribuições e atendendo ao que dispõe a Resolução CBF 274/81, Artigo 8º § 7º e Artigo 12, divulga o Edital de Convocação e a relação da chapa registrada com os integrantes para as eleições do 7º Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região, triênio 1985/1987, devidamente aprovada pela Comissão Eleitoral:

Edital de Convocação

I – *As eleições para o 7º Conselho Regional de Biblioteconomia* – 8ª

Digitalizado gentilmente por:

Região, deverão realizar-se no *dia 1º de dezembro de 1984, na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, à rua General Jardim, 522, das 8 (oito) às 20 (vinte)horas, continuamente.*

II — Os Bibliotecários *com registro principal no CRB-8*, com suas *anuidades quitadas* terão obrigatoriedade de voto, mediante apresentação da *Carteira de Identidade Profissional de Bibliotecária* ou na falta desta, a *Cédula de Identidade*.

III — *Aos Bibliotecários residentes em outras cidades*, que não a Capital, *será facultado o voto por correspondência, com AR (aviso de recebimento).*

IV — O presente Edital será fixado nas Faculdades de Biblioteconomia, nas Entidades de Classe e no local de votação.

Chapa Registrada

Chapa n. 001

1 — Mercedes Della Fuente – CRB-8/298
2 — Benir Uehara – CRB-8497
3 — Maria Augusta da Fonseca –CRB-8/1768
4 — Maria Cecília Pimenta Pinheiro – CRB-8/191
5 — Maria de Lourdes Leite – CRB-8/1.114
6 — Maricy Fávero Braga – CRB-8/1.622
7 — Mariza da Silva Santos – CRB-8/1.010
8 — Marly Borini – CRB-8/1.667
9 — Neuza Ferraz Cid – CRB-8/726
10 — Nisa Sucena Fontes Arantes de Almeida – CRB-8/1.946
11 — Rosane Tarhum – CRB-8/2.464
12 — Sônia Corrêa da Rocha – CRB-8/13
13 — Sônia Therezinha Gonçalves Dias da Silva – CRB-8/608
14 — Vera Alice Ferreira de Moraes – CRB-8/1.325

Membros Suplentes

1 — Miriam Salvadore Nascimento – CRB-8/985
2 — Miriam Mani Zambel – CRB-8/799
3 — Jasmira de Oliveira Mansi – CRB-8/837
4 — Ana Maria de Oliveira Telles Nunes – CRB-8/926
5 — Ariadne Grion Maleronka – CRB-8/1.099
6 — Glória Maria Martins da Silva – CRB-8/2.493

Mercedes Della Fuente – Presidente CRB-8/298

12. RESOLUÇÕES DO CFB

RESOLUÇÃO CFB Nº 311/84

Altera dispositivo da Resolução n. 310/84, de 23 de março de 1984

O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, no uso de suas atribuições legais...

RESOLVE:

Art. 1º — O parágrafo primeiro do art. 21, da Resolução n. 310/84 de 23 de março de 1984, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 21 — . . . . . .

§ 1º — No que se refere ao "caput" deste artigo, o Distrito Federal bem como cada Estado só poderão contar com um representante sorteado."

Art. 2º — Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 31 de maio de 1984.

Digitalizado gentilmente por:

RESOLUÇÃO CFB Nº 312/84

Dispõe sobre a criação do Conselho Regional de Biblioteconomia da 14ª Região

O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, no uso das atribuições...

RESOLVE:

Art. 1º — Fica criado o Conselho de Biblioteconomia, da 14ª (décima quarta) Região, com sede na cidade de Florianópolis e jurisdição sobre todo o Estado de Santa Catarina.

Art. 2º — Fica desmembrado da 9ª (nona) Região Paraná, o Estado de Santa Catarina.

Art. 3º — O Presidente do Conselho de Biblioteconomia, designará por Portaria, Bibliotecário, residente em Florianópolis, para organizar e administrar o novo Conselho, criado por esta Resolução, até a posse dos Conselheiros, a serem eleitos de acordo com a Resolução CFB nº 274, de 26 de março de 1981.

Art. 4º — Compete ao Bibliotecário, designado para organizar e administrar o Conselho: a) promover as medidas, relacionadas ao processo de eleição dos membros do novo Conselho e dar posse aos eleitos. b) adotar todas as providências necessárias à organização e funcionamento do novo Conselho, bem como representá-lo, quando se fizer necessário.

Art. 5º — O Conselho Regional de Biblioteconomia da 14ª (décima quarta) Região, fica autorizado, após sua instalação, a organizar seus serviços administrativos, obedecendo em tudo às normas baixadas pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, bem como estabelecer os necessários entendimentos com o Conselho da 9ª (nona) Região, no que concerne à entrega dos documentos, relativos ao Estado de Santa Catarina, existentes em seus arquivos.

Art. 6º — O pessoal destinado aos serviços administrativos da 14ª (décima quarta) Região, será admitido pelo regime da C.L.T., aproveitando-se, preferencialmente, o pessoal da Delegacia da 9ª (nona) Região, em Florianópolis.

Art. 7º — Fica estabelecido que, a eleição dos membros do Conselho Regional de Biblioteconomia 14ª (décima quarta) Região, Estado de Santa Catarina, será realizada no dia 1º de dezembro de 1984.

PARÁGRAFO ÚNICO — O mandato dos Conselheiros eleitos será de 3 (três) anos.

Art. 8º — A presente RESOLUÇÃO, entrará em vigor, na data de sua publicação, revogando-se, especialmente, o artigo 1º (primeiro) da Resolução nº 04/66, no que se refere à área de jurisdição dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia da 9ª (nona) Região.

Brasília, 28 de julho de 1984.

RESOLUÇÃO CFB Nº 313/84

Altera a jurisdição do Conselho Regional de Biblioteconomia, 9ª (nona) Região

Digitalizado gentilmente por:

O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, no uso das atribuições...

RESOLVE:

Art. 1º — A jurisdição do Conselho Regional de Biblioteconomia 9ª (nona) Região, em decorrência da criação de novo Conselho Regional, no Estado de Santa Catarina, passa a ser a seguinte: CRB-9 — sede em Curitiba, com jurisdição sobre o Estado do Paraná.

Art. 2º — Esta Resolução entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 28 de julho de 1984.

RESOLUÇÃO CFB Nº 314/84

Aumenta o número de Conselheiros Suplentes nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia

O CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, no uso das atribuições...

RESOLVE:

Art. 1º — Aumentar para 6 (seis) o número de Conselheiros Suplentes, nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.

Art. 2º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 28 de julho de 1984.

COMUNICADO DO CRB-8

Na qualidade de Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região, levo ao conhecimento dos Colegas bibliotecários a seguinte informação:

Em abril de 1982, foi encaminhado ao CFB, um estudo comparativo entre o Regimento Interno deste Conselho e a Resolução 274/81, os quais conflitam com a Lei 4084/62.

O art. 21 da Lei 4.084/62 e o art. 32 do Decreto 56.725/65, determinam que as eleições nos CRB devem ser realizadas de forma indireta e, pela Resolução 274/81 de forma direta. A irregularidade consiste no fato de que uma Resolução não pode modificar uma Lei.

O problema foi colocado aos Conselheiros deste CRB-8, os quais em Sessão Plenária houveram por bem encaminhá-lo ao Assessor Jurídico deste Conselho, para elaboração de um parecer sobre os aspectos legais da questão. Voltando o assunto à plenária, os Conselheiros votaram pelo cumprimento da Lei 4.084/62 e Decreto 56.725/65.

A seguir, a documentação relativa ao assunto foi encaminhada ao CFB, para estudo complementar e as providências cabíveis.

Em início de 1984, retomamos o assunto junto ao CFB para direcionarmos o processo de eleição para o próximo mandato. Em 03 do corrente recebemos o Of. Circular CFB nº 33/84, datado de 31 de agosto p. passado, o qual determina o cumprimento da Resolução 274/81.

Em assim sendo, o assunto voltou à Plenária e, em face da posição assumida pelo CFB, os Conselheiros decidiram acatar a decisão do CFB, ficando, portan-

Digitalizado gentilmente por:

to, liberados das conseqüências legais, em decorrência do não cumprimento da Lei 4.084/62.

Diante do exposto, esclarecemos que a eleição para a composição da 7ª Gestão deste CRB-8, realizar-se-á no dia 01.12.84, sábado, e que as chapas concorrentes devem se inscrever no período de 10 a 16 de outubro próximo futuro.

São Paulo, 05 de setembro de 1984

MERCEDES DELLA FUENTE
Presidente CRB-8/298

RECOMENDAÇÃO DA ABPR

REAJUSTE SALARIAL

Visando estabelecer a padronização de valores para os trabalhos técnicos no campo de Biblioteconomia e Documentação, a ASSOCIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA DO PARANÁ, considerando:

01. Ser o Bibliotecário profissional de nível superior;
02. Estar sua remuneração somente regulamentada no âmbito do serviço público onde se concentra o maior número de profissionais;
03. A grande expansão do mercado de trabalho de sua esfera governamental;
04. A prestação de serviços técnicos com vínculo empregatício ou por unidade.

RECOMENDA

Para o Estado do Paraná, a seguinte Tabela Salarial:

01. Salário mínimo profissional mensal: Cr$ 874.584,00, correspondente a nove vezes o salário mínimo regional, por 40 horas semanais;
02. Salário/Hora: Cr$ 5.466,00;
03. Por unidade bibliográfica: Cr$ 2.870,00;
04. Indexação por artigo de periódicos: Cr$ 3.826,00;
05. Levantamento bibliográfico por ano e por fonte consultada até um limite de 10 referências: Cr$ 2.870,00.

NOTA: A cada referência adicional haverá um acréscimo de Cr$ 195,00.

Obs.: A presente Tabela está sujeita a reajuste de acordo com o tempo de serviço, e o salário mínimo da região.

(a) Leila Maria Bueno de Magalhães
PRESIDENTE

Digitalizado gentilmente por:

Cursos e Eventos

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A NÍVEL DE ESPECIALIZAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS

O Departamento de Biblioteconomia da UA realizou neste 2º semestre, com o apoio do PICD-UA, um Curso de Pós-Graduação a Nível de Especialização, com a duração de 6 meses (390 horas/aula), com aulas previstas para o período vespertino.

O tema central foi "Sistemas de Informação Voltados para o Usuário" com as seguintes disciplinas: Metodologia do Ensino Superior; Metodologia da Pesquisa Aplicada à Area Biblioteconômica; Biblioteca e Estudo da Comunidade; Metodologia para o Estudo do Usuário; Estudo do Comportamento e Treinamento de Usuários; Desenvolvimento de Serviços ao Público; Psicologia Social.

As 30 vagas foram destinadas aos professores do Curso e outros bibliotecários das diversas Instituições ligadas à Biblioteconomia.

A coordenação geral foi da Professora Ruth Moura Arruda, auxiliada pelos Professores Paulo Olail de Carvalho e Maria

Digitalizado gentilmente por:

Luiza de Magalhães Cordeiro do Departamento de Biblioteconomia. O corpo docente foi composto por professores convidados da Fundação Getúlio Vargas, Universidade do Amazonas, Minas Gerais, Paraná e Brasília.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

Áreas de Concentração:

"Biblioteca e Educação"

"Biblioteca e Informação Especializada"

Descrição:

Biblioteca e Educação

Formação de professores-pesquisadores e/ou planejadores e administradores de sistemas de bibliotecas públicas e escolares. As disciplinas desse conjunto têm por objetivo enfatizar o papel social da biblioteca na comunidade e se destinam aos alunos sensibilizados para o problema da educação formal e não-formal.

Biblioteca e Informação Especializada

Formação de professores-pesquisadores e/ou planejadores e administradores de sistemas de transferência de informação especializada. As disciplinas desse conjunto têm por objetivo enfatizar o papel da informação científica e tecnológica dotando os alunos de instrumentos de controle e disseminação da informação para grupos especializados.

Duração do Curso

Mínimo — 18 meses (3 semestres)

Máximo — 48 meses (incluindo a apresentação da dissertação. O projeto da dissertação deve ser apresentado até o final do terceiro semestre)

Estrutura Curricular

O aluno deverá integralizar 30 (trinta) créditos.

Outras Informações

. Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Administração de Bibliotecas) — Secretaria

. Escola de Biblioteconomia da UFMG

. Campus Universitário

. Caixa Postal, 1906

Telefone: (031) 443.3666
441.8077 ramal 1452

CEP 30000 — BELO HORIZONTE — MG

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

A Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o CNPq e o IBICT, visando preparar docentes e profissionais para o desempenho de atividades ligadas às áreas de informação e documentação promove de março a julho de 1985, um curso de Especialização. Prazo para inscrição: 14 de janeiro a 8 de fevereiro, das 9h às 12, na Secretaria da ECO — Av. Pasteur, 250 — Urca RJ — CEP 22290 — Telef.: (021)295.9499

MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Através de convênio firmado entre o

Digitalizado gentilmente por:

CNPq e a UFRJ, o Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT, mantendo o mesmo corpo docente, passou a integrar a estrutura curricular, acadêmica e administrativa da pós-graduação e, comunicação da UFRJ, como uma das áreas de concentração do Mestrado em Comunicação da ECO.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA DE INFORMAÇÕES

Assistida por Computador (RIAO 85), organizada pelo Centro de Estudos de Informática Documentária (CID) realizar-se-á em Grenoble, de 18 a 20 de março de 1985, a RIAO 85. Informações: CID 36 Bis, rue Ballu — 75009 Paris

PROGRAMA DE CURSOS EM FRANÇA (INRIA)

O Instituto Nacional de Pesquisa em Informática e Automoção, está distribuindo o programa de Cursos, Colóquios e Grupos de Trabalho a realizar-se durante o ano universitário 1984/85 e com previsões para 1985/86.

Informações ou solicitações podem ser feitas ao CENDOTEC — Av. Waldemar Ferreira, 204 — São Paulo — CEP 05501

1ª CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO CONTINUADA

Dedicada especificamente à área biblioteconômica, realizar-se-á, sob os auspícios da IFLA e da ALA, de 14 a 16 de agosto, de 1985, em Palos Hills, Illinois, USA, no Moraine Valley Community College. Participa do evento o "Pai da Educação Continuada", Malcolm Knowles.

4º SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

De 3 a 8 de fevereiro de 1985, em Campinas com o tema central: Biblioteca Universitária: Usuários e serviços. Endereço para correspondência: Comissão de Organização da 4ª SNBU, Biblioteca Central da Unicamp — Cidade Universitária Zeferino Vaz — Barão Geraldo — CEP 13100 — Fone (0192)39-1503.

CURSO DE MESTRADO EM BRASÍLIA

O Departamento de Biblioteconomia, da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, da Universidade de Brasília, com o objetivo de preparar docentes, pesquisadores e profissionais de alto nível para o exercício de funções bibliotecárias, mantém um Curso de Mestrado com duas áreas de concentração: a) Planejamento, Organização e Administração de Sistemas de Informação e b) Recursos e Técnicas de Documentação e Informação Científica.

Informações: UNB — Departamento de Biblioteconomia — Coordenação de Pós-Graduação — 70910 — Brasília — DF

Digitalizado gentilmente por:

NOTICIÁRIO

ELEIÇÕES NO CFB

Em 28.07.84 foram realizadas eleições para compor o Conselho Federal de Biblioteconomia, conforme Resolução CRF nº 310/84.

Foram escolhidos:

Efetivos

Moema Figueiredo Brasileiro – CRB-5/ 86
Paulo Olail de Carvalho – CRB-11/9
Stella Maris Borges – CRB-6/15
Hilcke Frederica Weis – CRB-10/35
Edson Miguel de Jesus – CRB-12/109
Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira – CRB-2/80
Ivone Tálamo – CRB-8/1536

Suplentes

Maria do Socorro Meira Lima – CRB-4/ 38
Edgard Abreu Farias da Silva – CRB-13/80
Nizeth Lázaro Cohen – CRB-7/226

Sorteados

UFMG – Maryzia Malheiros Fiuza – CRB-6/26
Universidade do Amazonas – Denise Benchimol de Resende CRB-11/5
Universidade Fed. de Pernambuco – Fernanda Ivo Neves – CRB-4/175
Universidade Fed. Fluminense – Maria das Neves Niederauer Tavares Cavalcanti – CRB-7/6

Digitalizado gentilmente por:

PUC/Campinas – Mariza Zanatta – CRB-8/1955
Universidade Fed. do Paraná – Maria José Thereza de Amorim – CRB-9/2
Universidade Fed. do Pará – Norma Soares Barata – CRB-2/183

Conselheiros Eleitos

1) Maria Odaisa Espinheiro de Oliveira – CRB-2
2) Moema Figueiredo Brasileiro – CRB-5
3) Stella Maris Borges – CRB-6
4) Ivone Tálamo – CRB-8
5) Hileke Frederica Weis – CRB-10
6) Paulo Olail de Carvalho – CRB-11
7) Edson Miguel de Jesus – CRB-12

Conselheiros Suplentes

Nizete Lázara Cohen – CRB-7
Edgard Abreu Faria da Silva – CRB-13
Maria do Socorro Meira Lima – CRB-4

Conselheiros Sorteados

- Denise Benchimol de Resende – CRB-11 (Universidade do Amazonas)
- Marysia Malheiros Fiuza – CRB-6 (Universidade Federal de Minas Gerais)
- Maria José Thereza de Amorim – CRB-9 (Universidade Federal do Paraná)
- Fernanda Ivo Neves – CRB-4 (Universidade Federal de Pernambuco)
- Maria das Neves Niederauer Tavares Cavalcanti – CRB-7 (Universidade Federal Fluminense)
- Maria Marques Zanatta – CRB-8 (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)
- Norma Soares Barata – CRB-2 (Universidade Federal do Pará)

O Presidente Edson Miguel de Jesus, foi nomeado dia 20 p. passado, pelo Senhor Ministro do Trabalho, Murilo Macedo e a posse está prevista para o dia 8 do mês de outubro.

Durante a reunião de posse dos conselheiros federais, realizada dia 21 p. passado, foi escolhida a nova diretoria pelo Senhor Presidente Edson Miguel de Jesus, que ficou assim constituída:

a) 1º Secretário – Paulo Olail de Carvalho – CRB-11
b) 2º. Secretário – Denise Benchimol de Rezende – CRB-11
c) Tesoureiro – Moema Figueiredo Brasileiro – CRB-5.

ENCONTRO DE BIBLIOTECÁRIOS DE EMPRESAS

Promovido pelas APB/APBESP, realizou-se no dia 6 de outubro de 1984, das 8h às 18h, no Auditório da fundação Getúlio Vargas, o Encontro de Bibliotecários de Empresa com os objetivos de:

1. propiciar troca de experiências;
2. discutir problemas comuns: valorização profissional, curso de especialização, impacto da informática, legislação e fiscalização, salário, mercado de trabalho, jogo de cintura, custo de informação etc.;
3. discutir problemas específicos às áreas de atuação.

NÚCLEOS REGIONAIS DO CRB-8

No dia 3 de setembro p. passado, a Comissão de Fiscalização do Exercício Profissional junto com a Senhora Presidente reuniu-se com as Coordenadoras dos Núcleos Regionais, para acertar detalhes relativos ao processo de fiscaliza-

Digitalizado gentilmente por:

ção, para dar esclarecimentos sobre o levantamento de Bibliotecas Escolares — Convênio FLE — CRB-8 e trocar idéias, visando aperfeiçoar o trabalho dos fiscais.

Compareceram à reunião os coordenadores de Bauru: Ana Maria de Oliveira Telles Nunes; Campinas: Beatriz S. Sudario Lobo, Maria Conceição dos Santos, (fiscal), Sandra Caricchio Mota; Santos: Maria Aparecida de Paula Tavares; Presidente Prudente: Sonia Chanquini; Santo André: Consuelo Stamato Cupini; Sorocaba: Odila Aparecida Soares de Souza e Terezinha G.F. Amaro.

REIVINDICAÇÃO SALARIAL

Foi elaborado documento base reivindicando reajuste salarial para os bibliotecários estaduais. Este documento foi entregue aos Deputados: Fernando Leça, Walter Lazzarini, Wagner Rossi e Antonio Carlos Mesquita, Secretário de Administração. De acordo com a orientação dos mesmos deverá ser encaminhado estudo sobre o assunto para complementar o Projeto sobre estrutura da Carreira do Bibliotecário. O estudo acompanhado de gráficos e quadros demonstra a defasagem salarial existente em relação aos índices salariais das empresas e os órgãos governamentais.

II SEMINÁRIO DE FISCALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Foi realizado em Brasília, de 25 a 27 de julho p.p., o II Seminário de Fiscalização Profissional, promovido pelo Conselho Federal de Biblioteconomia.

Foram discutidos problemas relativos à atuação dos CRB no âmbito da fiscalização, situação do profissional bibliotecário, procedimentos administrativos.

Entre as recomendações apresentadas e que merecerão maior empenho na realização estão:

— Que o CFB gestione a participação de representante do CFB junto ao Conselho Federal de Educação, na análise de assuntos que lhe são pertinentes.

— Que o CFB gestione a participação de representantes dos CRB nos Conselhos Estaduais de Educação e Cultura, na análise de assuntos que lhe são pertinentes.

— Que o CFB promova a reformulação do Código de Ética Profissional até junho de 1985.

— Que a exemplo da Lei 7.832, de 21.05.84, Estado do Paraná, o CFB envide esforços para que seja apresentado no Congresso Nacional Projeto de Lei, nos mesmos termos.

— Que seja dada continuidade aos estudos sobre a inscrição de pós-graduados sem graduação na área em caráter de regime de urgência e com consulta prévia aos CRB.

OBRIGATORIEDADE DE REGISTRO NO CRB-9

Foi sancionada pelo Governador do Estado do Paraná, a Lei nº 7.832/84, de autoria do Deputado Adhail Sprenger Passos, que dispõe sobre a obrigatoriedade de comprovação do registro no Conselho Regional e demais órgãos de fiscalização profissional. No dia 10 de maio

Digitalizado gentilmente por:

foi entregue ao Chefe do Gabinete da Casa Civil, para encaminhamento ao Senhor Governador, em cerimônia informal para a qual, todavia, foi convidado o CRB-9 (e apenas mais dois outros Conselhos sediados em Curitiba), por ter sido o único que, quando consultado a respeito, apresentou sugestões que acabaram por ser incorporadas ao texto e à justificativa.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

No dia 9 de outubro de 1984, às 16h, no Palácio dos Bandeirantes, o Secretário de Estado da Cultura, Jorge da Cunha Lima, e o Presidente do BANESPA, Luiz Carlos Bresser Pereira, convidaram para o ato de assinatura, por sua Excelência o Governador do Estado, André Franco Montoro, do decreto que institui o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo e para o lançamento do Pró-Cultura BANESPA. A solenidade contou com a presença da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo sob regência do maestro Eleazar de Carvalho, que executou um programa dedicado a Villa-Lobos.

I ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO JURÍDICA

Nos dias 12 e 13 de novembro p.p., realizou-se na Assembléia Legislativa do Paraná, em Curitiba, o I Encontro Sul-Brasileiro, promoção da FEBAB e organização conjunta da Comissão Brasileira de Documentação Jurídica, Grupo de Bibliotecários e Associação de Bibliotecários do Paraná. O encontro reuniu grande número de membros notáveis da Magistratura paranaense, do Ministério Público, Advogados, Técnicos e outros profissionais que, em conjunto com bibliotecários da área, analisaram a situação da informação e documentação jurídicas, levantaram problemas e delinearam soluções, num ambiente de alto nível profissional.

A Diretora da Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal, Leyla Castelo Branco Rangel, durante o encontro, fez o lançamento de seu livro "Constituição Federal e Constituições Estaduais".

Uma realização que prova que um pequeno grupo, sob uma liderança entusiasta, pode operar "milagres".

I SEMINÁRIO SOBRE AUTOMOÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

Sob o patrocínio da SWETS — Serviços para Bibliotecas Ltda. e da Information Halding Service — IHS e a colaboração do Conselho Regional de Biblioteconomia — 8ª Região, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia — IBICT e do Instituto de Pesquisas Espaciais — INPE, foi realizado, em São José dos Campos, o I SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, no período de 04 a 07 de dezembro de 1984.

Digitalizado gentilmente por:

BIBLIOTECAS ESCOLARES NO PARANÁ

A Secretaria Estadual de Educação nomeou uma comissão para efetuar diagnóstico da situação atual das bibliotecas escolares nos estabelecimentos oficiais de ensino de 1º e 2º grau e superiores no Estado do Paraná, e, com base no diagnóstico, apontar alternativas para dinamização das propostas das Diretrizes do Governo para o setor. Essa comissão, que deverá apresentar alternativas para a implantação de uma rede de bibliotecas escolares e bibliotecas universitárias é integrada por Pura Domingues Bandeira, Carmen Lúcia Pereira da Costa Góes, Leila Maria Bueno de Magalhães, Maria Eluiza de Mello, Maria Lúcia Müller Redi, Maria Emília Ponetsk e Rita de Cássia Teixeira Gusso.

NOVA SEDE DO CFB

O Conselho Federal de Biblioteconomia já está instalado em sua nova sede. Endereço: SRTV-NORTE, Ed., Brasília Rádio Center — Conjunto 2.079 — CEP 70720 — Brasília — DF — Telefones: 226.7894 — 226.7896.

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A APB e a Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo promoveram, de 16 de outubro a 12 de dezembro um curso sobre "Indexação e Vocabulário Controlado". Professores: Maria Angélica Martorano, Nair Yumiko Kobashi, Regina Keiko Obata F. Amaro. Professores Convidados: Isabel Maria Ferin Cunha e Johana Smit.

Foram objetivos do Curso: discutir alguns aspectos da lingüística na documentação; apresentar um panorama das questões pertinentes ao controle de vocabulário e indexação; desenvolver atividades de treinamento em indexação e atualização de vocabulário controlado.

CATÁLOGO DE TESES DO ESPÍRITO SANTO

Publicado pelo Instituto Jones dos Santos Neves, com o propósito de difundir e colocar ao alcance da comunidade o acervo de conhecimento disponível em teses sobre temas capixabas ou alienígenas, este trabalho deve-se ao empenho da equipe da Biblioteca na busca, compilação e tratamento bibliográfico dos documentos, sob a coordenação da bibliotecária Todêska Badke.

Pedidos à Biblioteca do Instituto dos Santos Neves — Av. César Hibal, 437 — CEP 29000 — Vitória — ES.

7º SEMINÁRIO NACIONAL DE SISTEMAS MICROGRÁFICOS

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) promoveu de 6 a 8 de novembro p.p., o 7º Seminário Nacional de Sistemas Micrográficos, objetivando estudar, trocar experiências e desenvolver, através da microfilmagem, os sistemas de documentação e informação.

Digitalizado gentilmente por:

PESQUISAS EM CURSO (ex-RADIALS)

Relatando trabalhos que estão sendo elaborados em trinta países, a Library Association Publishing Ltd (7 Ridgmount Street, London WC 1 E 7 AE, Inglaterra), publica um periódico trimestral onde a par das pesquisas e trabalhos em desenvolvimento dá uma visão completa dos projetos. A lista de teses e dissertações pré-doutorais, apresentadas como artigos curtos, está aberta a qualquer instituição dedicada às Ciências Bibliotecárias e da Informação.

COMEMORAÇÕES DA SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA

A Associação dos Bibliotecários do Estado do Piaui e Biblioteca Central da Universidade Federal do Piauí, promoveram o lançamento do livro "Conceito de Biblioteca", da autoria da Profª Maria das Graças Targino no dia 29.10.84, às 19h, no "Theatro 4 de Setembro".

A Associação dos Profissionais Bibliotecários do Amazonas realizou durante a Semana Nacional da Biblioteca o 1º Encontro de Bibliotecários Amazonenses. Neste Encontro houve palestras e outros acontecimentos com a finalidade principal de um congraçamento dos profissionais da Biblioteconomia.

No período de 22 a 26 de outubro, a Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos realizou um Ciclo de Palestras, em comemoração à Semana Nacional do Livro e da Biblioteca.

O tema central, "Biblioteca e Educação" e os sub-temas abordados revestiram-se de interesse para os bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia, e para outros profisisonais que direta ou indiretamente estão envolvidos com a problemática.

2º CBP E 2º SBR

A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários — FEBAB, promoveu em São Paulo, no Maksoud Plaza, de 23 a 28 de setembro de 1984, o 2º Congresso Brasileiro de Publicações — CBP e o 2º Seminário Brasileiro de Reprografia — SBR. Paralelamente foi realizada a II Exposição Brasileira de Reprografia, contando com a exibição de equipamentos e prestação de serviços da Xerox, Gestetner, Rotaprint, OCÉ-Copirama, Triunfo Máquinas e Sistema de Escritório S.A., entre outras.

O 2º CBP teve como tema central "Política Editorial Brasileira" e o 2º SBR apresentou como tema "Aspectos legais, técnicos e econômicos".

Os conferencistas convidados, nomes destacados no mercado editorial e na técnica reprográfica, abrangeram assuntos dos mais relevantes não apenas para bibliotecários mas para executivos, gerentes de empresas, editores, livreiros, entre outros profissionais das áreas interessadas nos temários.

SEMINÁRIO SOBRE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

O IBICT, a USP e a FINEP realizaram,

Digitalizado gentilmente por:

dias 21 e 22 de setembro p.p., o Seminário sobre Bibliotecas Universitárias, com o objetivo de estimular discussões que conduzam ao estabelecimento de critérios orientadores do planejamento de sistemas de bibliotecas universitárias.

Os diferentes grupos de trabalho então constituídos apresentaram as seguintes recomendações como produto de amplas discussões.

GRUPO: Aspectos Institucionais de Bibliotecas Universitárias

1. É recomendada a criação de uma biblioteca central ou órgão coordenador de bibliotecas do sistema. A ligação entre as bibliotecas do sistema e os sistemas especializados de informação se fará através desse órgão coordenador, resguardada a autonomia das unidades. (Universidades)
2. A criação do sistema da Biblioteca Central ou órgão coordenador deve ser imediatamente seguido de regulamentação e inclusão em regimento e estatuto da Universidade. (Universidades)
3. O órgão coordenador deve estar diretamente subordinado ao Reitor. (Universidades)
4. Devem ser definidos padrões que regulamentem a estrutura e funcionamento do sistema, a nível institucional,(*) considerando-se para isto, os padrões utilizados a nível nacional. (Universidades)
5. É recomendada a criação de um Conselho de Biblioteca constituído de professores, alunos e bibliotecários que representem a Comunidade Universitária. (Universidades)
6. A vinculação entre o órgão coordenador e as bibliotecas componentes poderá variar de acordo com a natureza e complexidade do sistema, recomendando-se que esta vinculação seja feita, pelo menos, através do estabelecimento de padrões. (Universidades)
7. Recomenda-se que o bibliotecário, coordenador do sistema, e as cfefias das bibliotecas componentes tenham assento nos Conselhos Universitários, Congregações e demais órgãos decisórios. (Universidades)
8. Recomenda-se que o Coordenador do Sistema seja um bibliotecário. (Universidades)
9. Recomenda-se que as Bibliotecas componentes tenham seus regimes definidos e aprovados oficialmente. (Universidades)

GRUPO: Recursos Humanos em Bibliotecas Universitárias

Considerando que as Bibliotecas Universitárias servem a um público pluriespecializado em níveis de graduação, pós-graduação, pesquisa e aos profissionais de diferentes áreas, recomenda-se:

10. Uma lotação expressiva que mantenha o equilíbrio entre os serviços meios e fins não só de profissionais-bibliotecários, mas também de pessoal de apoio. (Universidades e sistemas

* Acréscimo da Coordenação, para esclarecimento de texto.

Digitalizado gentilmente por:

de bibliotecas das Universidades)

11. A determinação de padrões mínimos para composição do quadro funcional levando em consideração: acervo, usuários, horário de funcionamento, especialização do material, dos serviços, etc. (Universidades e sistemas de bibliotecas das Universidades)
12. A determinação de critérios de seleção de pessoal profissional e de apoio para o recrutamento qualificado. (Universidades e sistemas de bibliotecas das Universidades)
13. Aperfeiçoamento contínuo desenvolvido através de cursos de reciclagem, participação em Seminários e Congressos e treinamento para o profissional bibliotecário e pessoal de apoio. (Agências de Fomento e Universidades, sistemas de bibliotecas das Universidades e IBICT)
14. Uma reestruturação da carreira em níveis escalonados que permita a progressão funcional. (Universidades e sistemas de bibliotecas de Universidades)
15. O piso inicial da carreira seja equiparado aos outros cursos universitários. (Universidades e sistemas de bibliotecas de Universidades)
16. Os títulos pós-graduados, a produção científica bem como a experiência profissional acumulada deverão proporcionar vantagens salariais. (Universidades e sistemas de bibliotecas de Universidades)

GRUPO: Aspectos Relativos a Recursos Financeiros

17. Que a Biblioteca Central ou Órgão Assemelhado seja definido como centro de custo ou unidade de despesa, dentro da Universidade. (Universidades)
18. Que o órgão coordenador ou as bibliotecas setoriais recebam um percentual adequado do orçamento global da universidade, para manutenção dos serviços bibliotecários. A UNESCO recomenda um percentual de 5% em condições normais, excluídas edificações e fomento externo. (Universidades)
19. Assegurar que os materiais documentais adquiridos com recursos extra-orçamentários concedidos por agências de fomento à pesquisa sejam administrados pelas unidades de informação, de acordo com as políticas de desenvolvimento de sistemas de informação e bibliotecas das próprias Universidades. (Agências de Fomento e Universidades)
20. Criação de um ítem específico para material bibliográfico dentro da alínea de material permanente nas Universidades. (SEPLAN e Secretarias de Planejamento dos Estados)
21. Que as propostas orçamentárias para aquisição de material bibliográfico sejam estabelecidas a partir dos seguintes indicadores:
    a) bibliografia básica e/ou coleção didática em função do número de estudantes;

Digitalizado gentilmente por:

b) criação de novos cursos de graduação e pós-graduação;
c) estado da colação: atualização e ampliação;
d) uso da coleção: dentro e fora da Universidade;
e) estimativa de usuários em potencial;
f) proformas e bibliografias especializadas;
g) observância dos resultados de estudo da racionalização de assinaturas de periódicos, quando houver;
h) preço médio das publicações por área de conhecimento. (As Universidades, Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)

Recomendações do Grupo: Aspectos Técnicos

22. Estabelecimento de uma política institucional de aquisição cooperativa e planificada, utilizando-se de mecanismos tais como programas acadêmicos das universidades, o uso real e potencial das coleções, a implementação de novos serviços através de sistemas de informação especializadas em âmbito nacional, levando em consideração os programas existentes de desenvolvimento de coleções a nível nacional. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)
23. Assegurar a ampla e contínua divulgação do andamento e resultado dos estudos de desenvolvimento e uso de coleções a nível nacional. (Agências de Fomento e Universidades, IBICT)
24. Realizar estudos sistemáticos de uso de coleções a nível institucional, segundo metodologia padronizada, assegurando sua integração em estudos de âmbito regional e nacional. (Agências de Fomento e Universidades, Aos sistemas de bibliotecas das Universidades, IBICT
25. Estabalecer um catálogo central do acervo da universidade, a centralização dos pedidos de aquisição de periódicos e a coordenação dos pedidos de aquisição de livros e outros materiais, viabilizando a execução da política institucional de aquisição cooperativa e planificada a que se refere o ítem 22. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)
26. Avaliar sistematicamente, segundo metodologias padronizadas, os serviços e produtos das bibliotecas universitárias, visando o planejamento e desenvolvimento dos serviços de informação. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)
27. Estabelecimento de diretrizes pelas agências nacionais, referentes ao desenvolvimento de bibliotecas universitárias no País. (Agências de Fomento e Universidades, IBICT)
28. Utilização do Formato CALCO como formato padrão para registro de dados bibliográficos e disseminação de informações. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)
29. Utilização de padrões e metodologias para o tratamento de informação, definidas pelo órgão central de coor-

Digitalizado gentilmente por:

denação das atividades de informação em ciência e tecnologia no País, o IBICT. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades)

30. Estimular a participação das bibliotecas universitárias e, sistemas especializados em ICT em âmbito nacional. (Aos sistemas de bibliotecas das Universidades, IBICT)
31. Assegurar o planejamento e/ou desenvolvimento equilibrado de sistemas de informação nas áreas de Ciências Exatas e Tecnologia, Ciências Biológicas e Ciências Sociais e Humanidades. (IBICT)
32. Adequar o CCN, visando sua utilização, além de como instrumento para os serviços de comutação bibliográfica, como instrumento de controle e avaliação de coleções a nível institucional, comprometendo-se, para tanto, as bibliotecas universitárias a adequar sua coleção às reais necessidades de suas instituições. (*) A implementação desta recomendação resultaria na inclusão na base de dados do CCN, de todos os periódicos das bibliotecas cooperantes. (Sistemas de bibliotecas das Universidades, IBICT)

SEMINÁRIO "ESTRUTURAÇÃO, PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO POR BANCO DE DADOS"

Promovido pela Secretaria Especial de Informática (SEI), SUCESU, e SENAC, realizou-se, em São Paulo, no período de 15 a 17 de agosto, o Seminário "Estruturação, Produção e Disseminação da Informática por Banco de Dados".

A FEBAB esteve representada por sua Presidente, May Brooking Negrão. Também participou, a convite da SEI, a Vice-Presidente da FEBAB.

SERVIÇO DE BUSCAS NO BANCO DE PATENTES DO INPI

Foi criado pelo Grupo de Trabalho do Programa de Inovação Tecnológica do CNPq, com o apoio do IBICT, um serviço de buscas no Banco de Patentes do INPI, com o objetivo específico de atender à demanda de buscas nos Núcleos de Inovação Tecnológica e serviços de informação ligados ao IBICT.

Este serviço de buscas é operado por quatro estagiários das áreas de Química, Engenharia Civil/Arquitetura, Elétrica/Eletrônica e Mecânica.

Maiores informações poderão ser obtidas no seguinte endereço: Agência do CNPq/RJ Praia do Flamengo, 200 — 3º andar — Tel. (061) 205-4499.

IBICT DISTRIBUI "ISSN: PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS BRASILEIRAS"

O Departamento de Tratamento da Informação (DTI) do IBICT procedeu à distribuição da publicação "ISSN: Publicações Periódicas Brasileiras" para os núcleos externos do CCN, cursos de Biblioteconomia e pós-graduação na área,

* Acréscimo da Coordenação, para esclarecimento de texto.

Digitalizado gentilmente por:

Associações de Bibliotecários e Conselhos de Biblioteconomia, bem como para os editores de periódicos apoiados pelos programas do CNPq.

LEI DA INFORMÁTICA

"Enganam-se aqueles que pensam que a Lei da Informática é uma conquista da comunidade de informática para a comunidade de informática. Esta lei é uma conquista da nação brasileira (Edson Fregni, ABICOMP).

A FEBAB não ficou alheia à discussão dessa lei fundamental para o desenvolvimento brasileiro. Na hora incerta em que correntes fortíssimas procuraram derrubá-la, a FEBAB juntou-se a entidades de classe nacionais e assinou a tomada de posição a favor de sua aprovação com as ressalvas e aperfeiçoamentos que o Congresso Nacional achasse necessárias, resguardando para si o controle do processo de informatização de nossa sociedade.

SEMINÁRIO DA LEI EM SÃO PAULO

De 15 a 17 de agosto p.p., a SEI, promoveu em São Paulo, o Seminário "Estruturação, Produção e Disseminação da Informação em Bancos de Dados", em conjunto com a SUCESU e o SENAC. A FEBAB esteve representada por sua Presidente. Também participou do evento, a convite da SEI, a Vice-Presidente da FEBAB, que coordenou e relatou as conclusões do Grupo de Bancos de Dados de Notícias.

CONSULTORES CREDENCIADOS

Pela Resolução do Presidente do Conselho Científico e Tecnológico — CCT do CNPq, nº RC017/84, foram designados para integrar o Grupo de Consultores Credenciados GCC, de Informação em Ciência e Tecnologia, do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico — PADCT — os seguintes membros:

Eduardo Augusto Oroso Galvão
Leila Maria Bueno de Magalhães
Hernani Sávio Sobral
Paulo Alcântara Gomes
Abigail de Oliveira Carvalho
Anna da Soledade Vieira
Therezine Arantes Ferraz
Paulo Py Cordeiro
Herbert Schivarz
Jarbas Oliveira Nascimento
Claudia Zamitti Nammana
Paulo Roberto de Melo
Aron Nowinsky
Heloisa Benet Schreiner
Leila Magalhães Zerlutti Mercadante
Milton Amilcar Nocetti
Lídia Maria Gomes de Borba Bernhardt
Abel Laerte Packer
Elon Lages Lima
Carminda Nogueira de Castro Ferreira

RESULTADOS DA FASE DE TESTE DO P.A.D.C.T.

As propostas relativas ao Subprograma de ICT apresentadas na Fase de Teste do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) —

Digitalizado gentilmente por:

e pré-analisadas por consultores "ad-hoc" —, foram julgados pelo Comitê Assessor específico — composto de 5 membros da comunidade e de um representante do CNPq — na primeira reunião de avaliação de projetos do PADCT, realizada no período de 16 a 20 de julho.

Das 115 propostas apresentadas, foram aprovadas 23, conforme discriminado abaixo:

Área	Propostas Apresentadas	Propostas Aprovadas
Química Básica e Tecnológica	45	15
Biotecnologia	04	01
Geociência e Tecnologia Mineral	05	01
Recursos Humanos	20	06
Propostas não Enquadradas	41	–
Total	115	23

Os resultados foram divulgados no dia 8 de agosto.

No início de outubro foi lançado novo edital para apresentação de propostas referentes às atividades: bolsas de Doutorado em Informação no exterior e curso de automação de serviços de Informação, atividades estas julgadas e não contempladas na Fase de Teste.

Em reunião dos Coordenadores dos Grupos de Trabalho, realizada no dia 15 de agosto, p.p., ficou definido o seguinte cronograma do PADCT, Subprograma de ICT:

01.11.84 — lançamento de novos editais para atividades a serem realizadas em 1985;

01.01.85 — prazo para recebimento das propostas;

Março/85 — julgamento das propostas.

No dia 31 de outubro foi assinado o acordo entre o Governo Federal e o Banco Mundial (BIRD), com o objetivo de apoiar o PADCT.

ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA

Promovido pela ABDF, com o patrocínio da SEI, do IBICT e da FUNCEP, realizou-se em Brasília, no auditório da FUNCEP, o ENBI, nos dias 21 a 24 de outubro, p.p. Na solenidade de Abertura falaram o Cel. Edson Dytz, Secretário Executivo da SEI e o Senador Marco Maciel.

O evento que alcançou êxito invulgar, incluiu Painéis sobre equipamentos e programas para Bibliotecas, novas mídias, informática no ensino da Biblioteconomia e sobre a indústria da informação além de trabalhos livres.

Digitalizado gentilmente por:

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS E FOMENTO À PESQUISA

CALENDÁRIO 1985

Programa	Categoria/tipo	Prazo de incrição		Divulgação dos resultados	Início da bolsa
		Início	Término		
Bolsas no País	Iniciação Científica (N e R) (*)	01/07/1985	30/08/1985	Janeiro/1986	Março/86
	Aperfeiçoamento (N a R) (*)	01/07/1985	30/08/1985	Janeiro/1988	Março/86
	Mestrado (**)	01/08/1985	17/09/1985	Janeiro/1986	Março/86 Agosto/86
	Doutorado (N e R) (*)	07/01/1985 01/07/1985	08/05/1985 30/08/1985	1ª quinzena de Julho/1985 1ª quinzene de Janeiro/1986	Agosto/85 Março/86
	Pós-Doutorado (N e R) (*)	07/01/1985 01/07/1985	08/05/1985 30/08/1985	1ª quinzena de Julho/1985 1ª quinzana de Janeiro/1988	Agosto/85 Março/86
	Pesquisa (***) Especial da Pasquisa para Pesquisador Visitanta (N e R) (*) Apoio Técnico à Pesquisa	01/10/1984 22/03/1985	28/11/1984 24/05/1985	1ª quinzena de Maio/1985 2ª quinzena de Novambro/1985	Agosto/85 Fevereiro/88
	Especial de Pesquisa pere Recém-Doutores (N e R) (*)		11/01/1985 16/07/1985 27/09/1985	2ª quinzana de Abril/1985 1ª quinzena de Outubro/1985 1ª quinzena de Janeiro de 1988	Maio/85 Outubro/85 Fevereiro/88
	Especial da Pesquisa para Desenvolvimanto Científico Regional (N e R) (*)		11/01/1985 29/03/1985 16/07/1985 27/09/1985	2ª quinzena de Abril/1985 1ª quinzena da Julho/1985 1ª quinzena de Outubro/1985 1ª quinzane de Janeiro/1988	Maio/86 Agosto/85 Outubro/85 Fevereiro/86
Bolsas no Exterior	Todas as Categorias	17/12/1984	15/02/1985	2ª quinzena da junho/1985	e partir da Setembro/85
	Somanta Pós-Doutorado	01/08/1985	28/08/1985	2ª quinzena da Dezembro/1985	a partir de Fevereiro/86
Auxílios	Projeto da Pesquisa	01/10/1984 22/03/1985	29/11/1984 15/05/1985	1ª semana de Maio/1985 1ª quinzena de Novembro/1985	
	Realizações de Congresso Pesquisador Visitante		04/01/1985 22/03/1985 09/07/1985 23/09/1985	1ª semana de Maio/1985 1ª quinzena de Julho/1985 1ª quinzena de Novembro/1985 1ª quinzena de Janeiro/1986	
	Viagem		11/01/1985 (para eventos entre 15/04 e 26/06)	1ª quinzana de Abril/1985	
			02/04/1985 (para aventos entre 27/08 e 24/07)	2ª quinzena de Junho/1985	
			17/05/1985 (para eventos entre 25/07 e 12/10)	2ª semana de Julho/1985	
			19/07/1985 (para aventos entre (13/10 e 21/12)	1ª quinzena de Outubro/1985	
			30/09/1985 (para aventos entre 22/12/85 e 11/05/86)	1ª quinzena da Dazembro/1985	

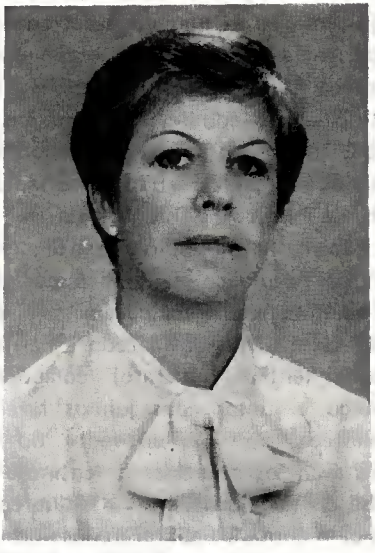
(*) Os prazos se referem a pedidos de bolsas novas e renovações.

(**) Refere-se a prazo de solicitação, pelas coordenações dos Cursos, de quotas de bolsas de mestrado.

(***) A bolsa de pesquisa é concedida por dois anos. É permitido ao beneficiário, no período determinado pelo calendário, competir pela obtenção de nova bolsa, baseando o pedido na apresentação de novo projeto de pesquisa ou de proposta justificada de continuação do projeto que vena desenvolvendo.

Digitalizado gentilmente por:

Entrevista



Dra. Terezine A. Ferraz

RBBD — O que a levou a escolher a carreira de Biblioteconomia?

TAF — Mil novecentos e quarenta e oito foi um ano que marcou, indelevelmente, minha vida: perdera meu primeiro filho e o mundo parecia que tinha se acabado para Rubem — meu marido — e para mim, morar com meus pais, no início da nossa vida de casados, representava poder dispor à vontade do meu tempo, o qual, naquela circunstância, se me afigurava passar moroso e tedioso.

O noivado, em idade muito tenra, fizera com que eu abandonasse a idéia de prosseguir os estudos. Em 1948, depois do golpe que se abatera sobre nós, tornou-se uma obcecação trabalhar, por isso se me apresentava como uma possibilidade de dar novo sentido à minha vida. Nascida e educada numa família que sempre cultivou o amor aos livros, a idéia que me ocorreu foi trabalhar na biblioteca de Farmácia e Odontologia, onde minha irmã era docente. Na família predominavam médicos e desde cedo me habituei a conviver com problemas de saúde, familiarizando-me, desde então, com a

Digitalizado gentilmente por:

nomenclatura médica e me interessando por medicina. Na falta de coragem para enfrentar um curso médico, pareceu aos meus 20 anos, que trabalhar numa biblioteca de faculdade de ciência odontológica me permitiria o convívio com a literatura que não era totalmente estranha e o convívio num meio de profissionais da saúde, com o qual me sentia muito à vontade.

Assim, fui procurar o Professor Lineu Prestes, à época diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia. Ao pleitear trabalho na biblioteca, qual não foi o meu espanto quando o Professor me informou que para tanto seria necessário cursar uma escola de Biblioteconomia.

Com essa perspectiva inesperada frente a mim, e muito incentivada pela família, decidi reiniciar os estudos e matricular-me no Curso de Biblioteconomia da então Escola de Sociologia e Política, sempre esperançosa de que o diploma me abrisse as portas da biblioteca da Faculdade de Farmácia e Odontologia. Entendia que o curso me permitiria atingir um duplo objetivo: poderia, finalmente, lidar com a literatura especializada com a qual me sentia à vontade e desfrutaria do convívio dos alunos e docentes, muitos dos quais já conhecia.

RBBD — Como foi o início da sua carreira e quais pessoas que a influenciaram profissionalmente?

TAF — Após a conclusão do Curso de Biblioteconomia, eis-me batendo novamente às portas da Faculdade de Farmácia e Odontologia, cujo diretor, àquela época, era o Professor Paulo de Toledo Artigas. Por dois anos trabalhei como bibliotecária para logo depois ser indicada para ocupar a chefia da biblioteca.

Um reconhecimento que sempre trago é a confiança que em mim tem sido depositada por pessoas diversas, ao longo de minha vida profissional. Foi assim com o Professor Artigas. De nada valeu a minha argumentação de que ainda não adquirira experiência suficiente para chefiar a biblioteca. Ele insistia em descobrir em mim aptidões para administrar e eis que, em 1951, me encontrei face à responsabilidade de reorganizar a biblioteca da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Não me faltou apoio da parte da Direção da Faculdade, tampouco por parte de quem comigo trabalhava nessa empreitada, Neusa Dias de Macedo e Fernanda Piochi (então Imparato) colaboraram comigo e juntas conseguimos fazer da biblioteca um eixo ao redor do qual gravitavam os interesses de ensino e pesquisa da Faculdade. Verdade que contei também com a colaboração dos docentes, entre os quais Dioracy Fonterrada Vieira, Milton Picosse, Barroso do Amaral e outros que acorreram à biblioteca atendendo o nosso apelo para que nos auxiliassem, ora orientando Neusa sobre o uso da classificação de Black, ora a mim quanto à seleção do acervo.

Houve tropeços, indecisões, dificuldades, muita luta, mas fomos vencendo-as paulatinamente e a biblioteca foi granjeando, aos poucos, o lugar que pretendíamos que ocupasse na Faculdade: o epi-

Digitalizado gentilmente por:

centro de onde emanava toda a informação necessária ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa básica e aplicada que se desenvolvia na Faculdade.

As atividades na Faculdade de Odontologia empolgavam-me sobremaneira: à divulgação dos *Sumários* de *Odontologia*, uma experiência pioneira no Brasil àquela época, sucederam-se a *Bibliografia Brasileira de Odontologia*, a divulgação dos catálogos de livros, teses e periódicos, relação das coleções mínimas que deveriam compôr um acervo de biblioteca na área de Odontologia, serviços esses que, inusitadamente, se mantiveram regularmente através dos anos, com prestígio firmado desde o início da sua publicação.

Nos anos 60, juntaram-se à equipe da Odontologia várias outras bibliotecárias, entre elas Rosaly Fávero Kryzanowski que, desde o meu desligamento da Odontologia, está na Chefia da Biblioteca.

RBBD — Conte-nos sobre sua formação profissional e o que representou para você o curso de especialização no Instituto de Biblioteconomia e Documentação — IBBD, hoje IBICT.

TAF — Em 1951 fiz o primeiro curso de pós-graduação em Biblioteconomia realizado em São Paulo. Essa oportunidade reforçou sobremaneira minha formação profissional. O convívio com nomes notáveis da Biblioteconomia paulista abriu-me horizontes até então desconhecidos. Sob orientação segura de Sergio Millet, Adelpha Figueiredo Lentino, Rubens Borba de Moraes, Noemi do Val Penteado e outros, labutamos juntos e, com o mesmo entusiasmo inicial, terminei a pós-graduação. Entre outros colegas, diplomaram-se comigo Neusa Dias de Macedo, Rosmarie Appy (Luthwold), Maria Julieta Ormastroni, Maria Luiza Souza Queiróz, Vera Pacheco, Idelma Freitas, Mercedes de la Fuente, Regina Porto Macedo e alguns nomes que me fogem à memória, todos eles muito representativos da Biblioteconomia de São Paulo.

O Governo Jânio Quadros foi nefasto para a Biblioteconomia paulista: suspendeu o curso de pós-graduação, sendo a nossa turma a única a se formar; paralelamente, baixou decreto no qual bibliotecários admitidos até uma determinada época, foram demitidos e, com isso, perdi Neusa.

A experiência mais intensa que tive — em termos de formação profissional — foi fazer o curso de *Biblioteconomia em Ciências Médicas* do IBBD, atual IBICT, em 1957. O passar dos anos não tem comprometido a apreciação que então fazia do curso. Foi a mais rica experiência que tive e a figura de Lydia Queiróz Sambaquy se me antepõe como a mestra das mestras, ideal que sempre elegi e o qual tenho sempre procurado seguir. Foi um ano privilegiado, convivendo com Laura Figueiredo, Jannice Monte Mór, Fernanda Leite Ribeiro, Celia Zaher, Laïs da Boa Morte, Emilia Bustamante, Bernadete Sinay Neves, Edson Nery da Fonseca e outros notáveis da Biblioteconomia brasileira. Foi uma época inolvidável e a maior bagagem que, num só

Digitalizado gentilmente por:

curso, acrescentei ao meu currículo.

Fiz vários outros cursos no IBICT; um dentre les, foi ministrado por James Van Luik, quem também exerceu forte influência na minha formação profissional; Jesse Shera foi outra personalidade internacional trazida ao Brasil por Lydia Queiróz Sambaquy para ministrar aulas no curso de bibliografia médica e que também muito me impressionou.

Em 1970, fiz um curso memorável na *Royal School of Librarianship*, da Dinamarca, sob o patrocínio da *UNESCO*. Foi uma experiência riquíssima e que me proporcionou convívio demorado com 15 diferentes colegas: 2 latino-americanos, 1 da América Central, 2 africanos, 2 europeus e 7 asiáticos, O convívio com esses bibliotecários foi uma verdadeira reciclagem em termos de Biblioteconomia comparada. Como viajássemos juntos, ao final, e como parte do curso, o convívio formal se transformou em sólida amizade, com um intercâmbio inestimável de informações que tem perdurado através dos anos.

RBBD — Temos conhecimento da sua atuação como professora de Documentação e de Pesquisa Bibliográfica; gostaríamos que nos contasse essa sua experiência como docente.

TAF — O desconhecimento do aluno da Faculdade de Farmácia e Odontologia sobre as atividades da biblioteca era notório, bem como seu total despreparo para utilizar adequadamente as coleções bibliográficas. Preocupada com essa situação, e convicta de que a biblioteca poderia ser melhor aproveitada pelo corpo discente, me aventurei a ministrar aos alunos aulas sobre utilização das coleções e dos serviços da biblioteca.

O primeiro curso foi ministrado em 1955. Quem serviu de cobaia foram Fernanda e Rubem. Recitei à exaustão as aulas para eles, que a criticavam, cronometravam e faziam sugestões. Aconselhara-me muito com Maria José Lessa da Fonseca, então bibliotecária da Faculdade de Medicina, que havia tido uma experiência análoga.

Esses cursos foram dados até 1956 e reiniciados em 1958, pois em 1957, com filhos já de 8, 7 anos e o caçula de 9 meses, fui para o Rio de Janeiro fazer o *Curso de Bibliografia em Ciências Médicas*, o atual CDC, contando, para tanto, com o estímulo e apoio integrais de Rubem.

Por ocasião da mi ha volta, o Professor Paulino Guimarães Jr., da Faculdade de Odontologia, insistiu para que as aulas sobre uso da biblioteca constituissem curso também para o pessoal docente. Assim, em 1958, foi realizado o primeiro curso de metodologia da pesquisa bibliográfica, considerado de extensão universitária, aberto a toda USP. Daí em diante, essa iniciativa pioneira se tornaria rotina na Faculdade de Odontologia, tanto para o pessoal docente como discente, ressalvadas as características dos participantes. Esses cursos foram aos poucos sendo solicitados por outras faculdades e assim ministrei aulas nas faculdades de Odontologia de Pelotas, Araraquara, São José dos

Digitalizado gentilmente por:

Campos (Faculdade de Odontologia e ITA), Recife e nas faculdades de Farmácia, Saúde Pública e Medicina da USP; nesta última, o curso era dado anualmente em caráter de extensão universitária, na disciplina do Professor Alípio Corrêa Neto.

Essa minha atividade docente perdurou na Odontologia até meu desligamento, em meados de 1972, sendo reiniciada no Instituto de Energia Atômica, em fins de 1972.

No curso de Biblioteconomia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo lecionei, por alguns anos, a disciplina de Documentação. As atividades na Odontologia e um certo desencanto com o Ensino, fizeram-me abandonar as atividades docentes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Ao cursar o *UNESCO Course for Teacher of Librarianship*, a idéia era, de voltar ao Brasil, aceitar convite que me fora formulado pela Direção da ECA/USP para integrar o corpo docente daquela escola. Mas, de volta, considerei que nem mesmo o curso em Copenhagem fora suficiente para me capacitar e lecionar na USP. Sentia que a recém criada e frágil *ECA* precisava de timoneiros experientes que pudessem lhe imprimir diretrizes e bases sólidas. Sugeri à Direção que promovêssemos a vinda de um bibliotecário de renome internacional, que conosco permanecesse por três a quatro anos; propunha-me a trabalhar com esse elemento e, depois do seu desligamento e tendo usufruido dos seus ensinamentos e adquirido a experiência necessária, aí sim, aceitaria o convite para me engajar definitivamente na ECA. As minhas condições não foram aceitas e, assim, continuei me reservando o direito de questionar os rumos do ensino da Biblioteconomia em São Paulo.

Na área do ensino, tive uma experiência muito interessante ao lecionar, em 1960, um curso sobre elementos de Biblioteconomia nos Cursos de Verão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Nacional do Equador. Esse País formulou convite ao IBICT para que enviasse um bibliotecário brasileiro para ministrar esse curso e Lydia Queiróz Sambaquy indicou-me para essa tarefa, que deveria atender duplo objetivo: prover conhecimentos básicos de Biblioteconomia e selecionar candidatos para o CDC do IBICT. Após o término do curso, no IBICT, o Equador criaria, sob a orientação dos elementos aqui formados, a sua faculdade de Biblioteconomia. No Peru, também, fiz algumas palestras aos profissionais, vez que esse País já possuia, à época, curso de Biblioteconomia.

RBBD — O ponto culminante da sua carreira, como nós sabemos, foi o desafio da reorganização da Biblioteca do IEA, hoje um Centro de Documentação e Informação altamente aperfeiçoado. Pode nos descrever sucintamente essa notável empreitada?

TAF — em 1972, recebi convite do Professor Rômulo Ribeiro Pieroni para reorganizar a biblioteca do Instituto de Energia Atômica (IEA) atual Instituto

Digitalizado gentilmente por:

de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN).

Esse convite veio-me em ocasião oportuna: na Odontologia, a obra estava totalmente consolidada e havia criado "escola": não um, mas vários bibliotecários poderiam substituir-me; na USP, a recusa da ECA me decepcionara e o futuro do ensino se me afigurava frágil e impreciso. O IEA constituia um novo desafio. Era um grande e precioso acervo a ser organizado e automatizado. Esse era o grande sonho do Professor Rômulo Ribeiro Pieroni e ele acreditava que a minha experiência com a *Bibliografia Brasileira de Odontologia (BBO)* me credenciava a planejar a automação das atividades da biblioteca do IEA. Ledo engano. A especialiadade do Instituto por si já constituía um grande desafio: os meus conhecimentos de química, física e matemática, sabia-os totalmente insuficientes para enfrentar a bibliotca do IEA. Seria preciso reciclar inteiramente esses conhecimentos. Quanto à automação, a experiência havida com a *BBO* era específica e de pouca ou nenhuma valia para se automatizar as atividades todas da biblioteca, como desejava o Professor Pieroni.

Posto tudo na balança — especialidade do Instituto, desconhecimento de técnicas de automação na organização de bibliotecas e, o mais temido, o convívio com Rômulo Pieroni, cuja fama de exigente e de trato difícil era notória no meio científico — decidi aceitar o convite.

Foi assim que, em agosto de 1972, cheguei ao Instituto. Do grupo de bibliotecários que encontrei, apenas um elemento pude conservar. Admiti toda uma nova equipe e, juntos, arregaçamos as mangas e nos atiramos de corpo e alma à nova empreitada.

No final de 1972 fiz um longo giro pelas bibliotecas dos centros atômicos europeus. De volta, estava capacitada a decidir-me pela escolha do programa de automoção do Centro Atômico de Ispra, na Itália. O período de 1973 ao final de 1974, foi todo de tentativas e testes, pois introduzimos muitas modificações no programa original. Idelma Rocha e Deise Giacometti colaboraram comigo nessa época especialmente trabalhosa para a biblioteca. Em 1978 toda a coleção de livros havia sido automatizada.

Uma grande reunião foi feita no IPEN para comemorar esse pioneirismo da sua biblioteca: tratava-se da primeira biblioteca brasileira a automatizar inteiramente suas rotinas: aquisição, processamento técnico e empréstimo, e o acontecimento merecia ser comemorado. Reunimos mais de 160 bibliotecários do Brasil! Parecia um verdadeiro congresso. Lydia Queiroz Sambaquy, entre inúmeras outras figuras de Biblioteconomia nacional, atendeu o nosso convite e conosco se regozijou com o feito do IPEN.

Em 1979, todas, absolutamente todas, as rotinas estavam automatizadas: a maior parte pelo *Integrated Library System (ILS)* ou, para coleções menos expressivas, mediante um programa tipo *KWIC*.

O ano de 1977 também foi notável para a biblioteca: começamos a operar a base de dados do *Nuclear Science*

Digitalizado gentilmente por:

Abstracts (NSDB). O treinamento em química, física e matemática ao qual são submetidos todos os bibliotecários do IPEN foi acrescido do conhecimento sobre técnicas de recuperação automática de informação.

Em 1980 geramos a nossa própria base de dados, o *Scientific and Thechnical Publications Data Base (STPDB)*. No momento, estão em curso estudos visando conversão do *master file* do *ILS* para essa base de dados. Concluída essa etapa, ter-se-á toda a informação existente na biblioteca em linha.

Ao final, o grande desafio do IEA foi também vencido. Não sem lutas, avanços e recuos. O temido convívio com o Professor Pieroni acabou, através dos anos, se transformando numa sólida amizade. O seu grande amor à informação foi, seguramente, o elo que nos aproximou.

Outro acontecimento marcante da minha carreira profissional ocorreu no ano de 1981, quando o Governo Americano honrou-me com um convite especialíssimo: como hóspede oficial, percorri todas as bibliotecas americanas mais notáveis da área nuclear. Foi uma oportunidade única e o conhecimento que essa viagem me proporcionou foi incomensurável. Ampliou-se sobremaneira o contato com colegas e instituições americanas com reflexos imediatos sobre o intercâmbio de informaçõos.

RBBD — Conte-nos também sobre suas atividades editoriais e outras experiências profissionais.

TAF — Publiquei dois livros e vários trabalhos. Os dois livros corresponderam a necessidades do momento: o primeiro, publicado em 1975. *Pesquisa bibliográfica nas ciências biomédicas*, esgotou-se rapidamente, por ocasião da 2ª edição; o segundo, *A informação na área nuclear e a estrutura do trabalho científico*, editado pelo IBICT, também de há muito se encontra esgotado. Ambos constituem guias da literatura à qual se referem.

Houve uma época na minha vida que foi particularmente profícua em termos de publicação de trabalhos. Devo isso, sem dúvida, a Lydia Queiroz Sambaquy, que não dava tréguas e estava constantemente solicitando artigos para publicação, sugerindo temas e cobrando as redações. Foi um período rico também em participações em congressos, conferências etc. Por algumas vezes, viajei ao Exterior participando desses eventos. Nas reuniões nacionais, Rubem acompanhava-me, invariavelmente e, juntamente, com alguns outros maridos, criaram o IBBA: Instituto Brasileiro dos Bons Acompanhantes. O presidente era o marido da Lélia Galvão Bueno e Rubem, o vice. Faziam reuniões paralelas ao evento e divertiam-se a valer. Essa disposição de Rubem ajudou-o a se entrosar sobremaneira com a classe e a participar sempre intensamente da minha vida profissional, conhecendo meus colegas e acompanhando suas atividades. Os visitantes estrangeiros que recebíamos e monitorávamos em visitas a São Paulo, indagavam, muitas vezes, se Rubem também era bibliotecário, tamanha sua

Digitalizado gentilmente por:

familiaridade com as instituições da área e os meus colegas.

Uma experiência que resultou muito proveitosa para mim, foi a participação na *Comissão Especial*, criada pelo então prefeito Olavo Setubal, para os planos de construção do Centro Cultural de São Paulo. Foram dois anos de trabalho intenso com colegas cujo conhecimento profissional muito me beneficiou.

Quanto a atividades associativas, fui filiada à FID por vários anos e, permanentemente, à APB. Nesta última, exerci a presidência em caráter de substituição, vez que fora eleita para o cargo de vice-presidente. Dessa experiência não guardo particular lembrança. Considero o movimento associativo no Brasil extremamente desgastante e pobre de realizações.

Em ocasiões diferentes, recebi convites que muito me lisonjearam por parte de Jannice Monte Mór e Celia Ribeiro Zaher para dirigir a Biblioteca Nacional. Por razões de ordem familiar não pude atnder aos honrosos convites, cujo atendimento teria certamente, significado a coroação da minha vida profissional.

Dois outros fatos, ocorridos ultimamente, deram-me também grande satisfação. O primeiro foi-me proporcionado pelo convívio com 160 elementos de profissões diferentes ao cursar o *XXV Ciclo de Estudos da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra)*, cujos ensinamentos deram-me uma visão da situação sócio-econômica e política do Brasil contemporâneo.

Outro fato, muito lisonjeiro, foi o convite formulado pelo Reitor da USP para ocupar a direção do SIBI (Sistema de Bibliotecas da USP). Lamentavelmente devido à posições não coincidentes que defendemos, não foi possível atender o convite que me permitiria voltar à USP e enfrentar esse novo desafio que seria o planejamento do sistema de bibliotecas dessa grande Universidade.

Como vê, nada de notável tenho a relatar. Esse meu depoimento talvez sirva de estímulo a colegas que se iniciam na profissão, mostrando-lhes sincero e profundo empenho que venho dedicando à biblioteca e o grande retorno — e em termos de satisfação — que a Biblioteconomia me tem proporcionado. Acho que estamos "quites".

Digitalizado gentilmente por:

Depoimento

"... apelamos para a consciência profissional de todos os bibliotecários no sentido de trabalharem em prol de um movimento associativo comunitário, largando ambições e bairrismos e promovendo uma maior integração, divulgando experiência e visando a melhoria da profissão como um todo, em mútua cooperação.

Mesmo violentados em nossos direitos, não devemos armar uma guerra regional contra próprios colegas, porque, esta atitude, irá podar nossos interesses gerais e irá nos enfraquecer cada vez mais. Não obstante, devemos lutar nobremente sem ódios e discórdias, com equilíbrio e sensatez, dentro de uma rivalidade sadia, competitiva e construtiva, onde cada um terá a possibilidade de galgar postos, pequenos ou grandes, na escala funcional.

Devemos, acima de tudo, nos filiar à Associação Bibliotecária, que necessita do apoio de cada associado; filiar, não no sentido de apenas contribuir com a taxa mensal ou anual pré-estabelecida, mas filiar no sentido de participar,

Digitalizado gentilmente por:

de colaborar, de apoiar, de agir em conjunto, e de trabalhar quando for solicitado.

Críticas e omissões não podem andar juntas; críticas que não trazem soluções, não são válidas. Devemos, isto sim, nos posicionar e tomar consciência de que somos uma grande família e procurar os problemas em busca de melhores equacionamentos, ocasionando, dessa maneira, melhores serviços à comunidade, conseguindo um saldo positivo de credibilidade para a classe e, conseqüentemente, para nós mesmos.

Sabemos que há muitos anos o mundo vem sendo mutilado, no corpo e na alma por conflitos terríveis e, é por isso, talvez, que seja inerente ao ser humano o anseio à justiça e à paz. A justiça, aproxima mais os homens atenuando as desigualdades naturais da sociedade, tornando-se um fator de equilíbrio onde todos têm oportunidade iguais de galgar degrau da escala social. A paz, porém, é um ideal utópico pois é alicerçada em expectativas permanentes onde campeiam medo e incerteza; é bem tão ardentemente desejado e tão fugazmente alcançado, "Se queres a paz prepara-te para a guerra". Este é um antigo provérbio que vem dos romanos e que nos ensina que a melhor maneira de se perder uma guerra, é entrar nela desprevenido e sem uma estratégia real definida.

Talvez seja este o motivo que faz com que nós, bibliotecários e parte integrante do elemento humano, não tenhamos criado ainda uma atmosfera de boa vontade com predisposição para um bom relecionamento.

Talvez, também, o motivo seja o da classe ser ainda pequena e iniciante cujo tempo tenha sido insuficiente para permitir a explosão contínua de trabalhos significativos.

Talvez, eu digo talvez, seja o espírito destrutivo de alguns bibliotecários que, não podendo alcançar uma colocação destacável, ou por incompetência ou por acomodação ou mesmo por falta de oportunidade, procuram embaraçar o trabalho dos que já estejam realizando algo, prejudicando não só uma pessoa ou um grupo, mas prejudicando toda uma classe. ..."

Ory Terezinha Lisbôa Müller

in: Boletim ACB. Florianópolis, *2*(2):3-7, jul./dez. 1982

Digitalizado gentilmente por:

Resenha

Por: *Carminda Nogueira de Castro Ferreira*

SEARS: Lista de encabezamientos de materia . Trad. Carmen Rovira. N.H.W. Wilson Company, 1984.

Uma publicação há muito esperada pelos bibliotecários acaba de ser editada em espanhol – Sears List of Subject Headings (12ª edição), traduzida por Carmen Rovira, colega de notória autoridade no campo da Catalogação. Autora de uma conhecida "Lista de encabezamiento de materia para Bibliotecas", publicada pela OEA, muito usada nas Escolas de Biblioteconomia há anos, Carmen Rovira fez uma cuidadosa adaptação das entradas às necessidades regionais ou históricas, dos países da Língua Espanhola, inclusive da América Central, América do Sul, Espanha e Índia Ocidental. Inclui, a exemplo da versão inglesa, índices que facilitam a busca, de acordo

Digitalizado gentilmente por:

com a AACE2 e as ALA Filing Rules (1980), além de uma lista de Cabeçalhos de Assunto de Literatura Infantil da Biblioteca do Congresso.

Trata-se de uma obra cuja consulta muito auxiliará os bibliotecários brasileiros, mau grado a barreira linguística; originadas na mesma Língua-Mãe, as línguas Portuguesa e Espanhola mantêm vivos os sinais de origem comum, o que facilita a apreensão do conceito. A proliferação dos Thesauri em vez de nos afastar das antigas listagens de Cabeçalhos de assunto mais nos aproximam delas.

BAVER, Caroline Feller – This way to books. N. Y. Wilson Company, 1984

Um autêntico manual de idéias práticas, programas e atividades destinadas a atrair as crianças para os livros, procurando tornar a leitura uma agradável diversão.

Palestras, jogos, divertimentos, exposições, hora do conto (em casa e na escola), programas especiais para domingos e feriados, comemorações de datas cívicas e religiosas, tudo isso e muito mais sugestões Caroline Feller Bauer colocou em seu livro. Sua experiência como professora e consultora educacional não permitiu que se esquecesse de levar em conta as limitações de orçamento ou de tempo. Como observou um colaborador do "Top of the News" – este livro "contém mais sugestões do que qualquer pessoa pode usar durante um ano de ensino."

Digitalizado gentilmente por:

GUIA AOS COLABORADORES

1 INFORMAÇÕES – INSTRUÇÕES

1.1 – *Finalidade da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.*

A RBBD é orgão oficial da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) e tem a finalidade precípua de publicar trabalhos sobre biblioteconomia, documentação e área afim, e registrar a legislação nacional corrente da área em vista à atualização profissional.

1.2 – *Tipos de Colaboração*

1.2.1 – A 1ª Secção da RBBD é constituída de ARTIGOS ORIGINAIS, ENSAIOS, COMUNICAÇÕES TÉCNICAS, REVISÕES E TRADUÇÕES;

1.2.2 – Outras Secções;

1.2.2.1 – LEGISLAÇÃO: referênciação (leis, decretos, portarias etc.), seguida de emenda e resumo. Sempre que necessário, a espécie legislativa será publicada na íntegra e comentários serão feitos. O arranjo será por descritores;

1.2.2.2 – REPORTAGEM E ENTREVISTAS: pessoas e fatos em evidência de interesse ao fascículo em foco;

1.2.3 – NOTICIÁRIO: notícias diversas sobre as associações estaduais e regionais, conselhos, grupos de trabalhos, organismos nacionais e internacionais, congressos, cursos etc.;

1.2.2.4 – RESENHAS: livros relevantes, teses, publicados nos últimos 5 anos; conforme normas próprias da RBBD;

1.2.2.5 – LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS: assuntos de interesse da área, conforme PNB – 66/1970.

1.3 – *Escolha da matéria dos fascículos*

Sempre que possível a matéria dos ítens 1.2.1, 1.2.2.3, 1.2.2.4 e 1.2.2.5, será encomendada pelo Editor e haverá uma coerência na escolha dos temas. Cerca de 30% da matéria (1.2.1 e 1.2.2.3) estará sob a responsabilidade de um Estado ou região, através do respectivo Correspondente.

2 – REGULAMENTO

2.1 – *Artigos originais, ensaios, comunicações técnicas, revisões, traduções.*

Devem ser entregues em duas vias (um original e uma cópia) endereçados ao Editor Carminda Nogueira de Castro Ferreira, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), Rua Avanhandava, 40, conj. 110, São Paulo, SP – CEP 01306.

2.1.2 – A matéria deve ser inédita e destinar-se exclusivamente à RBBD, não sendo permitida a publicação simultânea em outro periódico.

Digitalizado gentilmente por:

2.1.3 – Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

2.1.4 – Os trabalhos recebidos são submetidos à apreciação de, pelo menos, dois Relatores do Conselho Editorial, dentro da especialidade destes. Caberá ao Conselho decidir sobre sua publicação.

2.1.5 – Os trabalhos não aceitos ficarão à disposição dos autores, pelo prazo de um ano.

2.1.6 – Os trabalhos aceitos e publicados tornam-se propriedade da RBBD, vedada tanto a reprodução, mesmo que parcial, como a tradução para outro idioma, sem a devida autorização do Editor ouvido antes o Conselho Editorial.

2.1.7 – O parecer do Conselho Editorial, sob anonimato, será comunicado aos autores. Ao Conselho é reservado o direito de devolver os originais quando se fizer necessária alguma correção ou modificações de ordem temática e/ou formal.

2.1.7.1 – A RBBD se reserva o direito de proceder a modificações de ordem puramente formal, ortográfica e gramatical realizada por Revisores especializados, no texto dos artigos que porventura exigirem tais correções, antes de serem encaminhados à publicação. De tais modificações ("copidescagem") será dada ciência ao autor.

2.1.8 – Os autores recebem somente a primeira-prova para correção.

2.1.9 – As colaborações a cada fascículo obedecerão: 1) à programação encomendada pelo Editor-Responsável; 2) à data de entrega da matéria adicional.

2.1.10 – A cada trabalho serão reservadas 10 separatas, entregues ao autor ou primeiro autor.

2.2 – *Traduções*

Devem ser submetidos à apreciação do responsável pelas Traduções, ouvido, se for o caso, o Conselho Editorial. Cópia de autorização do autor original deve ser encaminhado ao Editor, junto com a tradução.

2.3 – *Reportagens, noticiário, resenhas e levantamentos bibliográficos*

O planejamento editorial destas Seções, para cada fascículo, é feito em conjunto com o Editor, mas a coleta e organização da matéria é de responsabilidade do respectivo encarregado de cada Secção.

3 – NORMAS DE APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

Os artigos devem:

3.1 – limitar-se a 20 páginas datilografadas para os artigos originais; 5 páginas para comunicações técnicas e 60 para ensaios e/ou revisões e traduções;

3.2 – ser datilografadas, em espaço duplo, numa só face de folhas tamanho ofício, mantendo margens laterais de aproximadamente 3 cm. Todas as páginas devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos, no canto superior direito;

3.3 – ser escritos em língua protuguesa;

3.4 – conter somente nomenclaturas, abreviaturas e siglas oficiais ou consagradas pelo uso. Inovações poderão ser empregadas, desde que devidamente explicitadas;

3.5 – conter dois resumos, datilografados em folhas separadas, um em português e outro em inglês. No máximo constituido de 300 palavras, devem expressar os pontos relevantes ao artigo, e serem acompanhados de Descritores

Digitalizado gentilmente por:

que traduzam as facetas temáticas do conteúdo. Obedecer as recomendações da NB-88/ABNT. À Comissão de Redação, sempre que for necessário, é reservado o direito de fazer modificações para fins de indexação.

3.6 — apresentar à parte uma página de rosto, na qual contenha:

a) símbolo de classificação bibliográfica (CDU);
b) título do artigo (e subtítulo, se necessário) seguido de um asterisco);
c) autor ou autores, seguidos de dois asteriscos;
d) data, de apresentação do artigo à Redação.
e) no rodapé da página devem ser apresentadas informações sobre o trabalho e credenciais do autor(es).

Exemplo:

ANTES QUE AS MÁQUINAS CHEGUEM*
D. J. Simpson**

* **Do artigo "Before the machines come", publicado em Aslib Proceedings 20 (a): 21-33, 1968. Traduzido pelo Prof. Eduardo José Wense Dias, da Escola de Biblioteconomia da UFMG;**

** **Bibliotecário e Diretor do Media Resources of The Open University Library, Inglaterra.**

3.7 — apresentar as tabelas, quando for o caso, seguindo as "Normas de Apresentação Tabular" estabelecidas pelo Conselho Nacional de Estatística. *V. Revista Brasileira de Estatística*, 24:42-60, jan./jun. 1963). Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e encabeçadas por um título;

3.8 — apresentar as ilustrações numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, e suficientemente claras para permitir sua eventual redução.

Os desenhos devem ser feitos a tinta nanquim preta e as letras traçadas com normógrafo ou letras decalcáveis (tipo *letraset*);

3.9 — devem ser feitas as citações de texto, por uma chamada numérica, que corresponderá às respectivas referências bibliográficas. Estas devem ser apresentadas no fim do texto, em ordem alfabético-numérica. As chamadas no texto, são numeradas em função desta numeração prévia, não seguindo, portanto, ordem consecutiva.

Comunicações pessoais, entrevistas, trabalhos inéditos ou em andamento, poderão ser citados quando necessário, mas apenas serão citados no texto ou em nota de rodapé. Se um manuscrito estiver em via de publicação, poderá ser incluído na lista de referências-bibliográficas, com indicação do título do periódico, ano e outros dados disponíveis;

3.10 — as legendas das ilustrações e tabelas devem vir todas datilografadas em folha à parte, com indicações entre parênteses que permitam relacioná-las às tabelas ou ilustrações (fotos ou desenhos) respectivos;

3.11 — seguir as normas de referenciação bibliográfica, pela ABNT: P-NB 66/1970. Os títulos dos periódicos devem ser apresentados por completo e seguidos do local de publicação. À Comissão de Redação é reservado o direito de uniformizar o aparato bibliográfico dos artigos, quando se fizer necessário.

Exemplos:

1 — *Livros:*

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1969. 502p. Biblioteca de Administração Pública, 14).

Digitalizado gentilmente por:

2 – *Traduções:*

FOSKETT, Douglas John. *Serviço de Informação em bibliotecas*. Information services in libraries. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo, Polígono, 1969. 160p.

3 – *Parte de obra:*

AZEVEDO, Fernando de. A escola e a literatura. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1955. v. 1, t.1, p. 129-53.

4 – *Artigos de periódico:*

CAMARGO, Nelly de. Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento. *Revista da Escola de Comunicações Culturais USP*. São Paulo, 1(1):152-8, 1968.

3.12 – seguir, sempre que for possível as normas da ABNT:PNB-69, para a numeração progressiva do artigo;

3.13 – usar notas de rodapé, através de asteriscos, somente quando indispensáveis;

3.14 – apresentar os agradecimentos a pessoas ou instituições, quando necessário, no fim do artigo, logo após o resumo em inglês.

Digitalizado gentilmente por:

Pede-se acusar o recebimento a fim de não ser interrompida a remessa

Please acknowledge the receipt, so that the remittance may not be interrupted

Recebemos a R. Bras. Bibliotecon. e Doc. v. 17 nº: 3/4, jul./dez. 1984

Nome/***Name:***

Endereço/***Address:***

Data/***Date:***

(a)

Digitalizado gentilmente por:

Digitalizado
gentilmente por:

A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação é indexada por:
Information Science Abstracts (ISA),
Library and Information Science Abstracts (LISA) e
Library Liberature (LL).

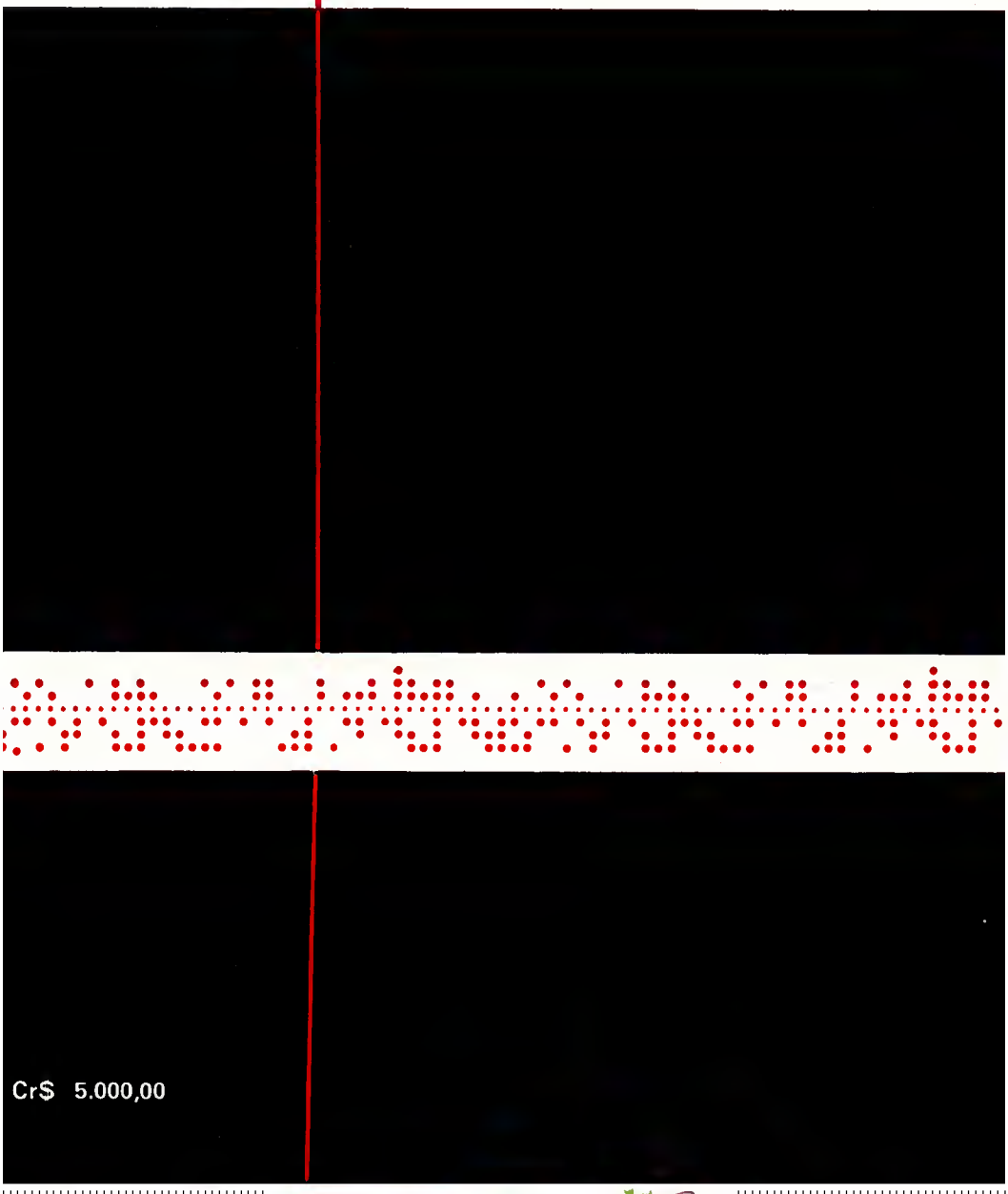
REVISTA BRASILEIRA DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
(Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários)
São Paulo, 1, 1973 – **10**, 1977;
N. Ser. **11**, 1978.

Cont./ de BOLETIM da FEDERAÇÃO BRASILEIRA de ASSOCIAÇÕES de BIBLIOTECÁRIOS, **1**, 1960/**26** (5/6), 1972.

1973/77, 1–10
1978, 11 (1/4)
1979, 12 (1/4)
1980, 13 (1/4)
1981, 14 (1/4) CDU:02:061.25(81) (05)
1982, 15 (1/4)
1983, 16 (1/4)
1984, 17 (1/4)

Composição
Angela Maria Costa dos Santos
Impressão e Acabamento:
grafistyl editora gráfica ltda.
tel.: 66-0220
são paulo – sp

Digitalizado gentilmente por:



cm 1 2 3
Digitalizado gentilmente por:
Scan System Gerenciamento da Informação
FEBAB
11 12 13